

O LIVRO DO



Por Marcos Alexandre Dornelles da Silva

Prefácio

Em 1995, renasci. Porém, foi em 1976 que eu nasci. Quando pequeno, tive um sonho. Sonhei com Jesus Cristo conduzindo-me a uma varanda e, de lá, me mostrou a história de seu sofrimento e humilhação ao carregar a cruz, apontando a si próprio em plena via dolorosa. No sonho (que até hoje penso ter sido um programa de TV tamanha a nitidez verossímil), Jesus parecia me dizer: “Olha só a minha história”. Foi como se colocassem um filme no qual o próprio Jesus estava protagonizando (e que, curiosamente, estava ao mesmo tempo do meu lado) para que eu tomasse conhecimento, do caminho mais triste da história da humanidade sem precisar ter recorrido às Escrituras Sagradas. Posso dizer que essa foi a primeiríssima experiência com Jesus.

Cresci e ouvi muitas histórias sobre experiências com Jesus Cristo. Dentre muitas, a que mais me impressionou foi um testemunho de uma menina que teve derrame cerebral e queria ver sua face restaurada. Proclamou aos céus, mesmo sem ter tido um contato sequer com a

palavra, que se ficasse curada, iria grassar pelo mundo a existência de um Deus. Ela se curou e virou uma missionária, reconhecendo que o Deus que a tinha curado foi o Senhor Jesus Cristo.

Estas evidências, as Escrituras Sagradas e a nossa vida cristã engendram, por mais paradoxal que possa parecer, questionamentos de sábios que obstinadamente tentam enxotar os saberes teológicos dos sistemas de ensino, alegando que fé é desnecessária, obsoleta e inimiga da ciência. Enquanto o mundo gira, a principal busca do homem é querer provar a não existência de Deus. O pouco que é feito em termos filosóficos, científicos e tecnológicos serve de pretexto para a vanglória humana que se opõe ao reconhecimento de que a glória é de Deus. Assim está a humanidade, com uma vontade quase unânime de se considerar "espírito livre (de Deus)" só por ter racionalizado um pouco aqui, inventado outro pouco ali...

O homem contemporâneo não mais espera a volta de Jesus. Já ignorou essa promessa do Messias. A Bíblia é lida como um livro qualquer. Contudo, atual por si só e, numa perspectiva secular, o mais vendido. Mentes pensantes optam por afrontar a Bíblia e/ou por abafar o que foi ensinado por Jesus, o mestre dos mestres. O mal celebra uma aparente vitória que parece ser real. O que faremos então?

A criatividade está aparentemente retida nas mãos de quem não é cristão. As novidades são praticamente todas pagãs, enquanto que o cristão se contenta em plagiar o mundo. Por que não arrancá-la das mãos dos incrédulos? Somos privilegiados, pois jogamos no time do Dono da Criação. Portanto, temos que usufruir ao máximo da criatividade, da originalidade...O fato de termos aparentemente só uma fonte literária de criatividade chamada "Bíblia" não significa que somos limitados. Olhe para a palavra de Deus (Bíblia) se confirmando a cada dia, sendo nova sempre, e sempre, e sempre... Levamos total vantagem ao nos diferenciarmos espiritualmente do mundo. Se não é para ficarmos preocupados com o que havemos de falar quando estivermos na presença de reis e tribunais, por Jesus ter nos prometido e cumprido, pois já nos foi concedido o Espírito Santo que nos dá boca e sabedoria para falar o que tivermos que falar à luz da verdade diante dos "poderosos", por que temos tanto medo, tanto receio, tanta timidez? Foi por ter me espelhado nos verdadeiros cristãos, os que ousaram em usar a criatividade para driblar a sedutora proposta de Satanás (como Jesus fez diante da tentação do deserto), que escrevi esse livro. Espero que a leitura dele possa

estimular seres humanos que usam seus dons e talentos a serviço de Deus a desenterrarem a criatividade para colocarem-na urgentemente em prática contra o diabo, pois ele anda se gabando (com mentiras) que ele é "o inovador".

Capítulo I

Cristo quando chamou os pescadores para serem discípulos, não disse "deixem de ser pescadores para serem cristãos", mas falou o seguinte: "farei vós pescadores de homens" (Mc 1:17). Cristo também usou o denário, uma moeda romana, para difundir o cristianismo, isto é, o uso de uma cultura específica, e de outro país que não fosse Israel, para difundir a seguinte opinião: não é por que alguém se torna um Cristão que deve deixar de pagar impostos, mesmo que seja a um outro país. O apóstolo Paulo de Tarso assim o fizera ao discursar com uma retórica calcada nos valores dos Atenienses, ao colocar em proeminência a percepção em relação àquilo que não se vê, ao anunciar aos que veneravam diversos altares de deuses, todavia, fitou um especial se intitulava O DEUS DESCONHECIDO. Ele não titubeou. Desenvolveu ali um discurso a partir da cultura dos próprios gregos, bem como trechos das obras literárias dos poetas desse mesmo povo (em At 17, menciona dizeres de Cleanto, Epimênides e Arato). Devido a isso, conseguiu fazer que gregos prestassem atenção à sua pregação. Já dizia minha avó “Se Deus lhe der um limão, faça uma limonada”. O que vier para nós, povo de Deus, temos que talhar, lapidar e colorir, com toda a prudência cristã, e colocar para ostentar fulgores no mais alto velador. Aproveitemos a situação de “mira do mundo” que nos encontramos nessa vida secular para salgá-la sem inibição e atitude inventiva. Os Românticos pegavam as formas artísticas dos outros povos e as aprimoravam, contribuindo para a autodeterminação das nações. Não é necessário, pois, a iconoclastia, a destruição de imagens das igrejas católicas, mas sim deslocarmos-las para locais reservados à arte, atribuindo-lhes o valor devido (não o de idolatria, mas de o uma obra de arte que somente servirá para a contemplação, e não adoração). Veja os centros de macumba, que entoam ritmos africanos aos orixás. Ora, o diabo não mora na África! Esses cantos poderiam se transformar em louvores ao Deus altíssimo, já que os tambores devem ser batidos a Ele, e não àquele. É prudente o uso da cultura na evangelização e louvor ao Senhor Jesus, não

como o fim que justifica os meios, pois a palavra tem força por si só, nem como evangelização para "agradar o freguês". Deus sempre respeitou as culturas dos povos. O samba é uma festa, e as festas, como a dos Pães Asmos e bodas da Galiléia que Jesus participou, possui de caráter espiritual (a palavra "carnaval" [que denota profanação,], poderia ser substituída por "festa do samba" [sendo este algo neutro, e que quando é utilizado sem pronografia e embriaguez, é lindo, de Deus]). O problema foi dar nomes subclassificatórios a algo uno que se chama MÚSICA. As subclassificações não podem dar o título de posse absoluta a alguém que foi designado pelo próprio Deus para nomear ou elaborar. Adão, Aristóteles e outros deram nomes a animais. São donos deles por isso? Não. O Reino Animal passou a se "submeter" ao filo, à classe, à ordem, à família, ao gênero e à espécie dos animais? Não. Quem cria pode até se considerar criador, mas não o Criador. E as subclassificações somente ajudam a discernir as diferenças entre modalidades. Não dá posse absoluta a alguém sobre algo por simplesmente ter dado o nome ou por ter elaborado esse algo. Isso seria o mesmo que suplantar o criador da matriz original ou o dono da fonte. Quer subdividir a música? Sem problemas, mas só para diferenciar um ritmo do outro. Quer elaborar outro ritmo? Sem problemas, mas será sempre algo uno cujo nome é MÚSICA, criado POR e vindo DE um só: Deus!

(...)

"A paz, se possível, mas a verdade a qualquer preço", disse Lutero. É importante afirmar que os jovens estão quase que menosprezando a paz que Jesus nos dá para se apegar à que o mundo dá, por esta ser, mesmo que traiçoeira, aparentemente mais agradável, mesmo que esteja distante da verdade. Os adolescentes e jovens cristãos sofrem um verdadeiro dilema sobre dois fatores. O primeiro começa no âmbito da diversão. Ficam em dúvida sobre como proceder com os colegas, já que o que mais parece agradável é justamente aquilo que as Escrituras Sagradas condenam. A rapaziada está programando para sair e escancarar de tanto rebolar em "shows" (delírios) e danceterias mundanos, além de provocar um estrondoso rebuliço nas ruas, principalmente "em grupos arruaceiros". Mas ele, o adolescente cristão, tem que ficar amofinado ao tédio, tendo que se comportar para demonstrar que é um verdadeiro cristão. Já na escola, parece que são os neocaretas, pois o pessoal fica com receio de comentar qualquer assunto com o servo mancebo, temendo ter um contato mais íntimo com o povo de Deus por este ser diferente por um detalhe: ter que demonstrar o tempo todo o

bom comportamento (esta atitude deve, sim, ser praticada, para ficarem livres de comentários do tipo "para ser crente igual a ele, eu prefiro ficar no mundo"). Perguntam entre si, assim como um dia eu me perguntei "será que essa paz fastidiosa é a que eu tenho que conviver". Prefiro a que o mundo me dá, pois é mais colorida." Pois é. O mundo precisa de efeitos especiais para mostrar através de toda sorte de engano que a "paz" dele é a verdadeira paz. O apego à paz que o mundo oferece tem sido a maior desculpa dos adolescentes que não querem um compromisso com Deus. Por isso, é mister recomenda-los o seguinte: "Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimente qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus". Essa exortação extraída da epístola escrita pelo apóstolo Paulo aos Romanos é a ênfase da escolha por uma vida diferente, renovada e devota ao Senhor. Não é preciso copiar o mundo para ser popular no colégio, faculdade etc. Notem que o verdadeiro amigo é o que copia a Cristo. A falsa paz oferecida pelo grupo mundano do colégio é o método "banho-maria" de se cozinhar um alimento ou como o simples slogan "questão de bom senso", que nos leva à ruína sem que percebamos, como uma angina silenciosa. Não ajamos como Gribouille, personagem popular tolo que vai de encontro ao mal que quer evitar. O caminhar em direção à morte não é só o caminho do corredor da morte de prisões que adotam a pena capital, mas também o ato de sentar na roda dos escarnecedores. Temos que agir sempre como cristãos. Ao não se conformar com o mundo, o adolescente cristão terá criatividade suficiente para ser original ao se divertir sem precisar plagiar o mundo. Agindo assim, o silencioso caminho em direção à ruína deixará de ser imperceptível. O jovem despertará para a chance de desviar-se do abismo final.

Os parágrafos anteriores parecem contraditórios. Isso tudo é fruto da confusão instituída por Satanás que, para quem não sabe, é o arquiinimigo do cristão. Costuma deturpar conceitos ao seu bel-prazer. Gostaria de reproduzir a letra de uma música que compus baseado na história de Uzá, personagem bíblico que caiu fulminado por ter tocado na arca da aliança do povo de Israel com Deus descrita no segundo livro de Samuel, no sexto capítulo. "Uzá caiu fulminado/ estava bem intencionado com as coisas de Deus/ mesmo assim Uzá morreu/ Os Filisteus conduziram a arca/ com auxílio de dois animais/ Israel a esse erro copiou/ foi então que Uzá tombou/ Não podemos imitar a caráter do mundo/ parece belo, mas é imundo/ aos olhos do Criador/ e essa lição da história de Uzá serviu para nos ensinar/ ao

mundo não plagiar".

O mundo zela por suas obras para que a tal contrafação transmita ilusoriamente a idéia de perfeição. É a famosa maquiagem que pode eivar também a produção cultural contida no seio da instituição eclesiástica, deixando assim de ser produção cristã. Para exemplificar, vejamos os ritmos musicais. Sagaz foi o diabo que mentiu dizendo ser ele o pai do rock, o teatro oriundo de Dioniso e outras falsas patentes . Não é só isso. O inimigo apoderou-se indevidamente de ritmos afros, da dança ao aplicar nela a sensualidade, roubando de nós o que é nosso por direito. Agiu como as multinacionais japonesas “Asahi Foods” e “Cupuaçu International” que tentaram patentear o cupuaçu brasileiro da floresta amazônica, argumentando que, após essa patente, seria preciso que os próprios brasileiros pedissem autorização a eles para explorar o saboroso fruto. Não somos obrigados a pagar patente a uma coisa que é nossa, nem deixar de usufruí-la. Ainda que haja transferência de direito patrimonial, o direito moral da autoria de uma obra é inalienável e intransferível. E tudo é de autoria do Dono da Criação.

Partamos das seguintes premissas:

- a função de convencer alguém a se tornar um cristão é exclusiva do Espírito Santo; temos, sim, o privilégio de cooperar com a obra do Senhor convidando as pessoas e pregando o evangelho a toda e qualquer criatura;
- o talento artístico é concedido por Deus para ímpios e cristãos devido à GRAÇA COMUM. A Arte não deve ser "enterrada" pelos cristãos, ou seja, deve ser praticada em abundância para honra e glória do Senhor. Entretanto, ela não é imprescindível, pois nem toda adoração é feita por meio de arte, ainda que toda a arte praticada pelo povo de Deus seja uma adoração.

Devolvamos a Arte para o SENHOR em forma de louvor, pois o talento artístico Ele nos concedeu para que, de certa forma, adornemos sua noiva (Igreja). E ao adorná-la, devemos nos proteger das "excrecências" (vaidade, sensualidade, ufanismo, ativismo etc.) com as

quais o mundo tenta contaminar a noiva.

Não somos celebridades, apenas adoradores criativos!

Jesus, que em nada danificou a cultura dos povos na pregação do seu evangelho, quer ainda continuar preservando-a, mas aquilo que é daninho ele quer que nós arranquemos com fim de cooperar para a excelente obra de devolver à Cultura a sua essência original (aquela antes da queda do homem).

Atualmente, os que andam inserindo diversas expressões culturais no seio da igreja plagiam *ipsis litteris* a secularização, com todos os seus estereótipos e trejeitos. Assim, o povo cristão perde a oportunidade de ensinar como de fato se pratica tais expressões que são, na sua essência, propriedade de Deus. O plágio citado é irresponsável e aleatório e permite que os críticos acusem a suposta arte gospel do Brasil de mais um exemplo de apelo modista. Por outro lado, há censores eclesiásticos que vetam sem estarem abalizados, como alguns conservadores que permitem que músicas de um Georg Friedrich Händel seja executada no culto a Deus, ignorando o fato de ter ele alternado entre as tendências sacra e profana, mesmo que seja considerado um músico da escola luterana. Não se trata de uma campanha para que se vete a obra barroca. Mas que não a definam como divina por excelência, só por ser erudita. Nem que, por se tratar de compositor erudito, ele tenha tido um comportamento digno de um cortesão (vide a história do compositor clássico Wolfgang Amadeus Mozart no livro “A Sociologia de um Gênio”, de Norbert Elias, o qual mostra que Mozart foi um inconformado com a corte de Salzburgo, na qual trabalhava como músico, além de ter sido um sujeito de costumes que de cortês não têm nada, como o gosto por pilhérias desbocadas). Quando estilos como samba, hiphop, rock e forró escandalizam por ainda serem rotulados de sensuais, o escândalo é justificado. Agora, se escandalizam por serem esses ritmos exemplos de cultura de massa, não são de fato os responsáveis pelo escândalo. Eles apenas provocam na elite um incômodo preconceituoso. Se seguissemos estritamente a lógica humana, seria de bom alvitre também impedir que obras de Händel sejam executadas na Igreja, por ele não ter só contribuído para obra eclesiástica, mas também para a obra profana (profano = fora do templo). Ele compôs oratórios sacros, como o famoso Messias, e oratórios profanos, como L’allegro e il penseroso. Repito: o que questiono são os critérios. Se a polifonia lembra anjos cantando (já ouvi isso. O porquê, eu não sei. Alguém já ouviu um coral de anjos?), o surdo, o

repique, o tantan, a tumbadora, o bongô, a caixa, o tamborim e o tarol lembram o tamborim de Miriã (Ex 15) e os címbalos retumbantes (Sl 150).

Miriã, que dançou celebrando a travessia do Mar Vermelho e a vitória sobre os egípcios que perseguiram o povo de Israel (Ex 15:20). Dança panegírica a Deus, como a de Davi, ao trazer a arca da casa de Obede-Edom a Jerusalém (II Sm 6:14). Mical, sua mulher, o invejou, mas a dança de Davi podia ser tudo, menos lúbrica. O que difere de fato as danças divinas das que não são? Uma tênue diferença! Note que a Bíblia Sagrada também exemplifica danças que assumem o caráter de um produto, reificadas em valor de mercadoria com fins de troca, sejam eles bizarros ou de sedução. A filha de Herodias obtém de Herodes a cabeça de João Batista numa bandeja para sua mãe (Mt. 14:6). A diferença entre aquelas danças e esta é que as primeiras são consequência, enquanto a segunda, causa. Sendo consequência, a dança se abstém do valor de troca limitando-se ao seu valor de uso, ao passo que a dança como causa torna-se a própria mercadoria. O tipo de comportamento de Herodias e sua filha fazem com que a dança seja cultura de consumo. Já Miriã, Davi e as filhas de Siló – outro exemplo de dança em louvor a Deus, para celebrar a Festa dos Tabernáculos (Jz. 21:21) – comprovam que a música como consequência de uma vitória, de uma bênção e de uma festa (causas) é de extrema valia para a obra de Deus. Dançar para Ele é dançar com gratidão, sem lubricidade e com força !

Todavia, a via de regra disciplinar é: "exercitar [sempre] o ministério de louvor segundo a ordem prescrita (I Cr 6:32). Mesmo que parta dos conservadores leigos, que não entendem nada sobre Produção Cultural. As autoridades eclesiais devem sempre ser respeitadas.

A CULTURA SEMPRE SERÁ A BASE DE COMUNICAÇÃO DO EVANGELHO. Não se pretende “reinventar a roda”, nem trazer o “mundo” para dentro da igreja com suas influências artísticas arrojadas, modernas e sofisticadas, muito menos apenas em conceber que a arte e a estética precisam estar obrigatoriamente presentes na pregação do evangelho. Este livro se propõe a demonstrar a utilização daquilo que há de disponível em termos de cultura local como suporte de transmissão do evangelho para que haja uma comunicação clara e inteligível de modo que os ouvintes o recebam, o compreendam e o assimilem, bem como a utilização dos diversos mecanismos que a Cultura nos proporciona para veiculação do mesmo. Há muitas linguagens herméticas, ou seja, difíceis de se entender. E esse grau de

dificuldade não está restrito a erudição. Há vários outros fatores que dificultam a comunicação de modo a tornarem a pregação não tão clara, e um dos fatores é o uso precário da cultura local para que se estabeleça tal comunicação. É certo que não somos do mundo, mas por outro lado estamos no mundo (Jo 17:15). A alienação, no sentido de estar alheio às coisas desse século, nos torna ignorantes inclusive acerca dos desígnios de satanás, pois em tempo de guerra, se faz mister o conhecimento sobre os estratagemas do inimigo. Entretanto, se observarmos as próprias Escrituras Sagradas, em Salmos 24:1 lemos que do Senhor é a Terra e tudo o que nele se contém. Entendemos que Deus não condena as coisas, e sim o mau uso das coisas. Contudo, é necessário esclarecer que os elementos da terra também receberam sua dose de “maldição” por causa da queda do homem, contraindo os tais cardos e abrolhos referidos em Gênesis 3:17-18. Mas há de se diferenciar o que é natural do que é cultural. O natural já está contaminado. O cultural pode vir a estar contaminado. O Natural é o que há no homem. O Cultural é o que vem a ser inserido nele durante a vida. O tema desse livro, como já foi dito, é Cultura, sobre a qual veremos mais detalhadamente as suas respectivas definições nos tópicos subsequentes. Mas antecipamos uma das definições para ratificar aquilo que foi mencionado com o fim de demonstrar a necessidade de o evangelho precisar de uma boa comunicação para poder ser entendido. A definição é a seguinte: cultura é tudo o que provém da criatividade humana fomentada por aquilo que está disponível. Aquilo que nos está disponível em termos culturais é uma das coisas que podemos utilizar para pregar o evangelho, obviamente nos moldes cristãos de conduta, com o fim de transmitir os valores cristãos. Um exemplo desse usufruto basilar da cultura para esse fim, de modo positivo, foi o que Jesus Cristo fez com o vinho. Em primeiro lugar, é necessário afirmar que Jesus não mandou importar as melhores bebidas de outras regiões para realizar a ceia. Ele utilizou os vinhos daquela região. Além disso, realizou um milagre utilizando o **vinho** nas bodas de Caná da Galiléia (Jo 2:1-12), ou seja, usou a **Cultura** daquele povo, e foi numa festa, outro tipo de expressão cultural local, expressões estas que Jesus Cristo nunca ignorou ou desprezou. Muito pelo contrário: Jesus andou pela Cultura para que esta **servisse de base de comunicação do evangelho**.

“Não podemos continuar a confundir cultura com a indústria do entretenimento tão em voga. A cultura é uma capacidade individual e coletiva numa dinâmica de desenvolvimento e integrada num projeto coletivo para um determinado território. A cultura é pensamento e

imaginação, é racionalidade e emoção, é construir e partilhar sentidos de vida. Enquanto que o entretenimento tende a ser uma consolação anestesiante e cômoda perante as perplexidades complexas do mundo atual, e cuja perspectiva implica exclusivamente a visão do cidadão como mero consumidor (“o idiota feliz”). (MATOSO, 2010).

- **Considerações sobre a Cultura**

A Igreja foi chamada para uma missão: “ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda e qualquer criatura” (Jo 16:15). A pregação do evangelho é a mensagem por meio de significantes e significados, e por se tratar de uma comunicação, envolve nesse processo a mensagem, o emissor da mensagem e o receptor. Assim sendo, se for uma comunicação clara, acarretará efeitos de resultados positivos, isto é, “a palavra não volta vazia” (Is 55:11), que é o mesmo quer dizer “a palavra (mensagem) é eficaz” (Hb 4:12a). Por isso, há inúmeras passagens que também nos alertam de que não se pode haver ruídos na transmissão do evangelho, tais como distorções, relaxamento, estrépitos etc. Jesus Cristo sempre teve esse cuidado. E quando dissemos que Ele teve esse desvelo, pensamos logo na essência do conteúdo do Evangelho. Mas estamos falando no critério de Jesus ao escolher lugares apropriados para que sua mensagem fosse bem audível e inteligível, como as áreas gramíneas e os montes da Palestina, por exemplo, cujos posicionamentos dos ouvintes e acústicas para receber a mensagem eram ideais. A língua (local) também foi um fator preponderante. Não é tão óbvio dizer que se escolhe sempre a língua local para se fazer entender. Hodiernamente, há os que nem mesmo se preocupam em aprender a língua local para pregar o evangelho em outros países, contando com tradutores autóctones do país numa “arrogância cultural” tal que até parece que os ditos “pregadores” pretendem se fazer valer de sua cultura dita hegemônica, (a maioria deles são líderes de ondas e modismos pseudo-evangélicos) que adentram em países alheios e pregam estritamente em sua própria língua materna por minimizar a necessidade de o aprendiz da língua nativa que estabelece uma comunicação ideal. Jesus utilizou sua língua local, e em sua vertente mais popular (a saber, o aramaico). Jesus utilizou a Cultura local! Se fez de fracos para com os fracos ao utilizar o disponível. Cristo fruiu aquilo que há de peculiaridade de cada povo para difundir a sua mensagem, e isso é o mesmo que se diminuir. O uso da Cultura corrobora ainda mais o fenômeno da *kenose* de Deus (esvaziamento descrito em Fp 2). Despojar da sua glória (pátria) celestial e viver como um de nós em toda a essência da expressão é o esvaziamento por excelência. Com isso, Jesus é de

fato Deus e de fato homem uma vez que se esvaziou, e automaticamente se **inculturou** (**inculturação** é a intenção de assumir as expressões culturais de outro grupo social, que no caso de Jesus teve como finalidade o ato de comunicar o Evangelho).

Afinal, o que é Cultura? Encontramos essa palavra na própria Bíblia Sagrada (o livro de Daniel no capítulo primeiro traz esse vocábulo, mostrando-nos como exemplo os jovens Daniel, Ananias, Mizael e Hazarias, que eram versados nas culturas dos povos), e não há o mínimo sentido pejorativo quando encontramos tal vocábulo nas Escrituras Sagradas. Apenas quando se fala dos costumes pagãos (da mesma forma que **arte**, **costume** é apenas um subconjunto contido no grande conjunto chamado **Cultura**. E só o fato de ser costume não é o problema. O problema está no fato de ser costume **pagão**). Por extensão, portanto, entendemos que o problema não é a Cultura em si, mas a cultura que não é sadia, que não edifica. Mahatma Gandhi, grande pacifista indiano, dizia que considerava positivas todas as culturas, menos as que subjugavam outras. Conclui-se então que o **mau uso da cultura** é que é o problema.

Em primeiro lugar, vejamos os significados de cultura. Etimologicamente, podemos afirmar que “**cultura** é o mesmo que **cultivar**, e vem do latim *colere*, que significa 'lavoura, cultivo dos campos' e, ao mesmo tempo, 'instrução, conhecimentos adquiridos' – vocábulo este surgido nos primeiros séculos do milênio em Roma”. Portanto, nos primórdios, e em *estrito senso*, tratava-se de um ato. E um ato neutro, pois se pode cultivar sementes boas ou más. Dependendo do gênero, o que se está cultivando é o que determinará se o ato foi benéfico ou maléfico. E ao longo do tempo, a partir de análises mais reflexivas, foi-se ampliando cada vez mais o que se entendia por cultura. Várias áreas do saber, como a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia e a própria Teologia já apresentaram vários significados sobre o vocábulo. Como não pretendemos compor um tratado filológico sobre o termo para esgotá-lo, abordaremos apenas alguns conceitos pertinentes ao tema do presente livro.

Mesmo com base neste conceito primário, já podemos chegar a alguma elucubração. A partir dele, duas definições de cultura passam a assumir dois conceitos distintos que são os seguintes: “um em que o objeto de cultivo é externo ao cultivador; e outro em que o objeto de cultivo é o próprio cultivador” (BAITELLO JR., 1997.). Então, vemos a cultura sendo parte do ser humano, e não apenas o que este ser produz. Podemos fazer um paralelo com a

pregação do evangelho (o homem não só “edifica” como também “é edificado”) e com a promoção da paz (o homem passa a ter nele a paz ao promover fora dele essa paz). Logo, esta paz é internada e externada, bem como a Cultura. Ao cultivar, ele também é cultivado. E ao cultivar, ela (trans)forma o ambiente em que está inserido ao mesmo tempo que se (trans)forma, pois passa do estado não produtivo para o produtivo. Assim também é o homem quando nasce de novo (do espírito) em termos da fé cristã, pois deixa o antigo estado e assume o novo. Passar de meramente Natural a ser Cultural é exclusividade do homem, no momento em que dá seu primeiro choro. Seres exclusivamente naturais são somente os animais irracionais, não nós. Portanto, o fato de sermos culturais, de acordo com o antropólogo americano Alfred Kroeber, nos difere dos demais animais (LARAIA, 1989).

Então, ao mesclar os aspectos extrínsecos e intrínsecos que conceituam o termo cultura, nasce a mais conhecida definição do vocábulo, muito corriqueira em léxicos: a cultura é todo aquele complexo que inclui a arte, as crenças, o conhecimento, os costumes, a moral, a lei e todos os outros hábitos adquiridos pelo homem. Tal definição é uma impecável mostra de que se trata de um conjunto que açambarca vários subconjuntos, como já foi dito. O interessante que nela encontramos as crenças, os costumes, a lei etc., termos estes que são muito familiares no que concerne à terminologia cristã. Há a moral cristã, há a lei cristã (decerto que não somos adeptos do legalismo no sentido judaizante ou fundamentalista, mas Paulo se refere à lei como espiritual em sua epístola aos Romanos (Rm 8:2), logo, há a lei cristã), há os costumes cristãos (embora não se deva apegar demasiadamente a eles para não beirmos o ritualismo, o cristão cultiva os costumes de ir à Igreja, de cear, de estudar a Bíblia etc.). Conclui-se que todos estes termos estão incluídos (ou como diria um matemático, estão contidos) no conceito (ou conjunto) Cultura, compondo-o por justaposição uma vez que se complementam entre si. Portanto, por sermos um tipo de crença, de uma moral etc, inevitavelmente fazemos parte desse imenso mosaico chamado Cultura.

Já em termos antropológicos, a Cultura é compreendida como a totalidade dos padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano. A cultura a partir do conhecimento da ciência chamada Antropologia tem como objetivo representar o saber proveniente da experiência vivenciada por uma comunidade. Portanto, concluímos que no seio da igreja instituição (visível), e até mesmo na igreja espiritual (invisível), há o aprendizado, o discipulado, a leitura das escrituras, o ouvir da pregação etc. Logo, há a disseminação da Cultura nesse

sentido antropológico no meio cristão. E não somente estritamente a mensagem do evangelho. A Igreja hoje recebe inúmeras orientações acerca de diversos assuntos, tais como sexualidade, política internacional, violência contra as mulheres etc., tudo à luz das escrituras. Por meio de seminários, palestras e preleções sobre esses assuntos, a igreja recebe essa transmissão cultural.

Agora observe esse texto:

A primeira vez que o termo 'cultura' aparece como um conceito de cunho antropológico é na Alemanha, em 1793, no verbete Kultur do **Dicionário Adelung**: "A cultura é o aperfeiçoamento do espírito humano de um povo". Assim, haveria diferentes níveis de 'aperfeiçoamento espiritual' entre as etnias e subentende-se que cada povo teria um determinado grau de desenvolvimento nesta escala. Desde o início a noção de cultura foi etnocêntrica porque desqualificava as sociedades 'primitivas' e tradicionais frente a sua própria e suposta superioridade cultural.

Há de se ter cuidado com essa afirmação, é claro. Não podemos seguir os tópicos apregoados pelo pré-gnosticismo, movimento do primeiro século, que ensinava que “a salvação só poderia ser obtida através de ‘conhecimento especial’” (NEVES, 2012), nem que há em nós um aperfeiçoamento de espírito no sentido evolutivo, como assim pregam os budistas, muito menos que, quanto maior cabedal de conhecimento de um determinado povo que apresente um indicativo considerável de saber, de tecnologia e de intelectualidade, maior é o grau de desenvolvimento daquele povo, uma vez que existem diferentes padrões civilizatórios. No entanto, podemos extrair algo de positivo nesse texto (sobretudo, o seguinte trecho: “A cultura é o aperfeiçoamento do espírito humano de um povo”) no sentido de conceber que ignorância e alienação nunca ajudou ninguém a chegar a lugar algum. E quanto mais se exercita o aprendizado a partir de noções culturais, mais se controla a natureza e a si mesmo. Podemos fazer um paralelo com nossa conduta cristã, expressa na nossa luta diária contra o pecado que de fato tenta exercer um controle sobre nós, mas quando entregamos esse “controle” nas mãos de Deus e nos enchemos do Espírito Santo,

conseguimos obter o domínio sobre o pecado, aperfeiçoando-nos no bem (Hb 13:21) e no amor (1Jo 2:5)).

E como encerramento da abordagem sobre o conceito Cultura, eis uma citação de Roman Jakobson que concebeu que “a cultura é conjunto de referências comuns a emissor e receptor” (JAKOBSON, 1971). Precisamos explicar mais uma vez que a pregação do evangelho é uma **comunicação**. E para que esta seja estabelecida almejando resultados eficazes segundo o propósito da grande comissão, é preciso que o evangelho seja comunicado com o máximo de clareza de modo que se torne inteligível e receptível. Essa transmissão próxima ao ideal requer a utilização do suporte cultural. Segundo Paulo Suess, “O Evangelho é a graça de Deus em expressões humanas”. Não foi à toa que Jesus Cristo fez uso de parábolas para passar a sua mensagem, uma vez que elas eram simplesmente o que havia de conhecimento local em termos de cultura popular do povo judeu daquele contexto histórico cultural. Ao se familiarizarem com a parábola (expressão humana), os ouvintes entendiam e assimilavam os princípios do evangelho (expressão divina).

- **Três tipos de Cultura que podem servir como base nesse processo de comunicação**

Há uma miríade de expressões humanas, bem como há uma infinidade de culturas locais, além do fato de que a Cultura não é algo estático, e sim dinâmico, progredindo a cada vicissitude uma vez que se a natureza altera, o conhecimento se recicla e o evangelho se apodera de várias outras metodologias para que adapte a propagação dele (e que fique bem claro que o evangelho são princípios, não tendo, portanto, que se adaptar. O que muda são os métodos, não os princípios). Consecutivamente há a renovação cultural também. Isso é bom, pois não somente vemos diversidade em se tratando da localidade, mas através dos tempos.

Há a cultura que se perpetua através dos tempos, como o patrimônio histórico, mas há também a transitória de um determinado contexto histórico cultural. Por isso que temos que ter cuidado acerca do que é descritivo e prescritivo na Palavra de Deus. Dois exemplos clássicos são os momentos em que Paulo fala às mulheres que não mantenham o cabelo cortado em um determinado contexto (I Co 11:3-16) e que se mantenham caladas em outro (I Co 14:34). Tratava-se de uma explanação direcionada ao público feminino daquele contexto histórico cultural específico para que atentasse para o fato de que as outras mulheres que faziam parte do culto à Deusa Afrodite ou do templo de Apolo se comportavam da seguinte maneira: respectivamente, cortavam cabelo e falavam durante os cultos, e a preocupação de

Paulo era que, naquele determinado tempo ou cultura, não se reproduzisse o comportamento do povo pagão, uma vez que o contraste entre a luz e as trevas precisa ser óbvio. Mas era específico daquele momento, ou seja, algo descritivo, e não prescritivo. A má interpretação e uma exegese equivocada causam confusão. Eis aí um exemplo que demonstra o porquê da necessidade de se utilizar tópicos de Cultura. É para que haja um eficaz entendimento das Escrituras Sagradas com o fim de promover um ensino claro das mesmas às Igrejas analisando a contextualização cultural das situações.

Como já foi dito, o presente livro não tem a pretensão de esgotar o assunto, enumerando as culturas de todos os povos para que se transmita uma minuciosa fórmula de como se evangelizar em cada tipo de cultura. Isso é função da missiologia e da antropologia cultural, que por meio de pesquisas de campo, mapeiam os povos, tribos e raças ao detectar os fatores identitários culturais de cada povo e etnia, a partir de ferramentas dessas áreas do saber, tais como relativização (compreender o outro a partir dos seus próprios valores, e não nos nossos (ROCHA, 1994)), trabalho de campo etc.

No nosso caso, nos apoderaremos de classificações a partir de três noções fenomenológicas acerca do conceito “Cultura”. Trata-se de uma tríade que parece conflitiva entre si, mas não é: **cultura de massa, cultura popular e cultura de elite**.

Antes de nos aprofundarmos sobre cada uma das três, podemos fazer um paralelo com tais noções citando algumas práticas de cada uma delas descritas na própria Bíblia: vemos a **cultura de massa** nos gritos de “hosana” proferidos pelo povo no momento da entrada triunfal em Jerusalém (um aspecto positivo da cultura de massa) e os gritos de “crucifica-o” (um aspecto negativo dela), mostrando de fato que nem sempre é verdadeiro o adágio em latim “*vox populi, vox dei*” (já que nem sempre a voz do povo é a voz de Deus). Um exemplo de **cultura popular**, como já foi mencionado, são as parábolas proferidas de Jesus. E exemplo de **cultura de elite**, podemos encontrar na poesia hebraica, com todo o seu estilo, repleto de antíteses, paralelismos etc.

Como não poderia ser diferente, em nossa localidade, da mesma forma como em outra localidade qualquer, encontramos esses três tipos de cultura, que parecem rivalizar entre si, mas na verdade não rivalizam. Néstor García Canclini, pensador cultural, diz que essas barreiras na verdade não existem, pois há uma espécie de “hibridização” das três noções (CANCLINI, 1998). De fato, constatamos isso tomando como exemplo o povo brasileiro,

seja ele cristão ou não, que vê um futebol ou uma novela (**cultura de massa**), brinca quando criança em meio à ludicidade cultural repleta de músicas e brincadeiras folclóricas (**cultura popular**) e provavelmente em algum dia de sua vida visitará um museu ou apreciará uma exposição de arte ou um recital de música clássica (**cultura de elite**). Os exemplos ilustram que o ser humano não precisa se radicalizar em apenas um tipo de noção fenomenológica sobre cultura. Apenas precisa reter o que é bom de cada uma delas. No caso dessa tríade, que foi definida a partir dos pensamentos acerca da indústria cultural postulada pela Escola de Frankfurt (cujas figuras proeminentes são os pensadores Theodor Adorno e Max Horkheimer), encontramos-a também no seio da “igreja instituição”, com as pregações do tipo “arrasa quarteirão” e os famigerados *shows gospel* (cultura de massa), as dinâmicas lúdicas, festas típicas e momentos de comunhão com diversificados hábitos alimentares (cultura popular) e as apresentações de orquestras e corais cristãos (cultura de elite). Mas para que não haja nenhuma espécie de preconceito acerca das noções, se faz mister um acurado estudo das mesmas.

A **Cultura de Massa** causa um certo desconforto nas alas mais conservadoras, é claro, por beirar o entretenimento, mas é algo que não podemos ignorar. Há inclusive os que nem ao menos considere essa vertente como cultura. Deixando o mérito de lado, abordaremos aquilo que move multidões uma vez que Jesus Cristo nunca as evitou, como por exemplo o milagre da multiplicação de pães e peixes. Contudo, seu “pão e peixe” nunca foi “pão e circo”. O problema está no fato de as “massas” se deixarem levar com facilidade. A massa não reflete. Ela não é conduzida conscientemente, mas é induzida ou manobrada. Ela é passiva, não ativa. Por isso que determinados líderes carismáticos mal-intencionados, sejam religiosos ou não, que têm o poder da palavra, induzem facilmente tais multidões incautas. Elas são como grãos de areia, unidas, mas sem nenhum poder de autonomia, facilmente impelidas pelo vento. O pregador do evangelho e o produtor cultural sensatos não se farão valer desse atributo indefeso das massas para manobra-las. Muito pelo contrário. Trata-las-ão com benevolência, alimentando-as com a Palavra de Deus, com pães e peixes e também com Cultura.

Somente para efeito de exemplo, mencionarei três tipos polêmicos de Cultura de Massa, dos meios seculares, culturais e evangélicos, respectivamente: o *funk*, a dicotomia **futebol/telenovela** e a chamada “**cultura gospel**”. Todos vistos por muitos como

instrumentos de alienação, entrave para a dedicação plena ao serviço de Deus ou simplesmente uma praga dos dias atuais. Entretanto, inegável dizer que tais “culturas de massa” tem influência sobre o povo de Deus. Também é óbvio que certas catarses coletivas em manifestações espirituais no seio eclesiástico se assemelham em muito com o mover das citadas “culturas” acima, e podemos fazer um paralelo apenas para efeito de estudo.

Todos os três exemplos de cultura de massa têm uma característica comum: não é preciso muita complexidade para pensar ou praticar. Estaríamos sendo insanos se dissermos que todas as três devem ser urgentemente aceitas como benéficas para a igreja, ou melhor, para que sejam base de comunicação do evangelho do jeito que são, nuas e cruas. Mas também é imprudente, quiçá utópico, ignorá-las

O *funk*, por exemplo. Antes de fazer uma breve abordagem histórica desse movimento cultural de massa, menciono exemplos positivos de algumas situações descritas na própria Bíblia de comportamentos da massa bem parecidos aos adeptos do *funk* carioca. Primeiro, um aspecto negativo. As tais cantigas de beberões que ofendiam Davi, mencionadas nos Salmos. Mas esse mesmo Davi foi enaltecido e reconhecido por uma “canção” desse formato, de fácil entendimento e do coro da massa, que foi o momento em que a multidão o equiparou a um guerreiro que “fere dez milhares”, enquanto Saul, “apenas milhares”. Não estamos querendo dizer que basta fazer *funk* que veicule a verdade que já se está fazendo o uso da cultura de massa como base de comunicação do evangelho. O que se pretende é demonstrar que a massa age assim. Produz de imediato, sem muito pensar (na maioria das vezes, sem pensar mesmo, mas é inegável que o agir sem refletir é um problema (Pv19:2)). Todavia, por não encontrar censura ou barreiras para que se expresse, a massa comunica de modo célere e torna conhecido o óbvio, coisa que o elitizado e o excessivamente reflexivo muitas das vezes, por meio de circunlóquios, não o fazem. Jesus Cristo mostrou que seu discípulo Pedro, que apresentava um comportamento impulsivo e emotivo, bem como os dos adeptos da cultura de massa, agiu muitas vezes sem pensar, por impulso, irrefletidamente. Tal comportamento pode apresentar pontos negativos, como quando Pedro decepou sem pensar a orelha de Malco (Jo 18:10), mas, por mais paradoxal que possa parecer, há também os pontos positivos, uma vez que Pedro, mesmo que tenha andando poucos passos, foi o único apóstolo que andara sobre o mar (Mt 14:29). Agir sem pensar é sempre errado, mas o que age sem muito pensar **sempre** age e **nunca** deixa de agir. É preciso então corrigir com

carinho e considerar sempre que a “massa”, por ser passiva, é bem parecida com a ovelha, animal passivo sempre mencionado nas analogias que mencionam Cristo (o sumo pastor) e o seu rebanho.

O breve histórico do *funk* (carioca) nesse **livro** é simples: uma “batida” musical percussiva repetitiva eletrônica picante com letras fáceis que geralmente induzem o adepto à sensualidade, adicionada a letras que não tenham bom tom ou que, para encerrar a questão, levam apenas a uma diversão libertina. De fato, a própria etimologia do *funk* quer dizer “apimentamento” (tornar picante). Mas o que não se pode ignorar é que o *funk* é o que há de mais fácil para que alguém possa produzir expressão musical. Uma batida musical e uma letra fácil de ser cantada até por quem é desafinado. Como o cântaro da mulher samaritana. Um recipiente simples de um ser humano que naquela época era preterido, discriminado e menosprezado, mas que Jesus usou como base de comunicação do evangelho. Mais uma vez é preciso ser dito que a solução imediata não é se apoderar do *funk* e acrescentar uma letra cristã ao som desse ritmo e lança-lo de qualquer jeito dentro da liturgia da igreja. Mas alertar que, em algum momento, até mesmo esse que é o mais controverso suporte pode ser um “cântaro samaritano” nas mãos de Jesus para que ele ensine que ele é a água viva!

Há algo também a dizer sobre a dicotomia futebol/novela (a referência a eles de modo simultâneo é apenas para que não haja machismo nem feminismo na explanação). Há teólogos liberais que já se referiam ao livro poético da Bíblia sobre a história de Jó como uma novela, fato este que o autor do presente trabalho não concorda por conceber que a história de Jó é real, e não fictícia. Todavia, essa classificação nos ajudará a mostrar que o termo novela vem de classificações literárias, sendo a novela um intermediário entre o conto e o romance. Quando os seres humanos, sobretudo os latinos, resolveram chamar programas televisivos com tramas produzidos em inúmeros capítulos de “telenovelas”, equivocaram-se, pois deveriam chamar de “tele romance”, uma vez que é o romance que tem muitos capítulos, e a novela, enquanto gênero literário, poucos, assim como o livro de Jó. Enfim, a telenovela é uma cultura de massa, que de fato torna o sujeito uma massa passiva, e não reflexiva. Ela aliena, (de)forma opinião (uma vez que geralmente transmite valores contrários aos princípios cristãos) e todo o resto de influências negativas que todos nós já conhecemos. Da mesma forma, o futebol. Enquanto a telenovela penetra majoritariamente ao universo feminino, por causa dos elementos que a compõem com a seguinte fórmula: drama, romance

e **violência**; com o futebol é mesma coisa, cuja a fórmula é virilidade, competitividade e **violência**, para atingir o público masculino. E ambos, por serem exemplos de cultura de massa, alienam, tornam o sujeito passivo, irreflexivo etc. Mas será que são somente estas as características da dicotomia futebol/novela?

Senão vejamos: o futebol é um esporte. O apóstolo Paulo utilizou como base de comunicação do evangelho os esportes, como corridas (I Co 9:24), lutas (I Co 9:27) etc. Tal utilização dos esportes não seria também uma forma de se fazer entender, i. e, uma base de comunicação? Em primeiro lugar, temos que considerar que a maioria das pessoas não possuem um satisfatório coeficiente de intelectualidade para assimilarem coisas muito complexas. Daí que vem a explicação de o conceito “elite” muita das vezes ser empregado nesse caso (a nosso ver, equivocadamente), entendido por alguns como minoria superior. A massa é então supostamente entendida como maioria inferior. Entretanto, reflitamos: tanto o futebol como a novela, mesmo que sejam um instrumento de alienação, se apresentam como uma fórmula simples. O futebol é um jogo cujo objetivo é tão simples que passa a ser simplista: a bola tem que passar a linha de uma trave. A telenovela são capítulos que se restringem em exibir em meio televisivo simplesmente uma ilustração da vida real de maneira encenada (em ritmo lento, se comparado aos filmes e às minisséries). As histórias das telenovelas são representações da própria vida, da própria sociedade, com uma pitada de formação de opinião segundo o ponto de vista dos autores, mas o citado ritmo lento é a estratégia de os produtores de telenovelas para que tal “cultura” de massa se ajuste ao cérebro da massa que as assiste, resultando em adesão **em massa**. Nada de linguagem excessivamente hermética! É tão simples que os cristãos muitas vezes não percebem que as ciladas do inimigo (propagadas na novela) são na verdade sutilezas, e o que é a sutileza senão algo simples e fácil de se assimilar.

Há então as várias propostas “evangelicalistas” de se ter então jogadores de futebol, autores e atores de telenovela cristãos para que se reverta o quadro de tais culturas de massas, de modo que as telenovelas e o esporte bretão não influenciem negativamente. Contudo, na prática, o que vemos são pessoas se corrompendo ou se comportando como os ímpios ao ingressarem nesses meios, sendo poucos os bons testemunhos.

O propósito desse trabalho é diferente dessas estratégias ditas culturais existentes por aí. A pergunta que surge é: então a metodologia do inimigo é acertada e temos que copiá-la? Em

nossas instituições eclesiásticas deve haver campos de futebol e telenovelas cristãs? Não seria essa a solução mais apropriada para estar em consonância com o uso da cultura de massa como base de comunicação do evangelho. Não precisamos aderir à metodologia “pão e circo” com uma roupagem “evangélica”. Mas o que temos que nos atentar é que, no contexto cultural dos nossos tempos, há uma sociedade que possui toda a característica de cultura de massa. É preciso apenas que tenhamos consciência disso: nossa geração é adepta à Cultura de Massa. Tendo essa informação, que nos apoderemos de ferramentas para saber como agir. A revolta vociferante contra a adesão da membresia da igreja a esse tipo de cultura é algo sem nenhuma valia. A proposta desse trabalho é agir da seguinte maneira: já que recebemos diariamente em nossas casas tais telenovelas (mesmo quando nossas televisões estão desligadas, a sociedade também é eivada por esses esportes e produções televisivas alienantes), lembremos como Jesus reagiu ao receber uma moeda com a efígie e inscrição de Cézár (e a inscrição era a seguinte: Cezar é Deus) dos fariseus (Mt 22:15-22). Façamos como ele! Transformemos tais temas abordados nas ímpias telenovelas em pregação do Evangelho, da mesma forma que Jesus fez quando recebeu uma mensagem totalmente contrária dos princípios do evangelho da inscrição da moeda. De “Cezar é Deus”, ele tornou em “Dai a Cezar o que é de Cézár, e a Deus o que é de Deus”. Jesus não diz “Ei, essa frase dessa moeda está errada. Vamos então gastar um enorme tempo de nossas vidas corrigindo-a para então responder à pergunta de vocês, colocando cristãos na ‘Casa de fundição de moedas de Cézár’ para cunhar frases de culto ao bom Deus”. Não se gasta muito tempo em corrigir o que se está torto, mas se apodera de algo torto com sabedoria e praticidade para usá-lo como uma base de comunicação do evangelho. Sem perda de tempo!

Agora, tratemos da cultura de massa dita “cultura *gospel*”. Antes da explanação, é necessário afirmar que, da mesma forma que o *funk* que está em nosso meio não é o *funk* genuíno vindo dos EUA, a cultura *gospel* do nosso país não é o mesmo que o *gospel* dos EUA. O *gospel* norte americano se originou como um estilo musical proveniente das igrejas pentecostais afro-americanas com influências do *rythm and blues*. O termo *gospel* também é traduzido como evangelho, mas por aqui perdeu todo o sentido científico. Em nosso país, músicas com letras cristãs tem como classificação *gospel*, independente de estilo musical. Tais músicas são propagadas pela mídia mercadológica, contando com grandes gravadoras, rádios, videocliques, tietagem e megaeventos. Mas uma vez é preciso considerar: não adianta

fechar os olhos para o que está instaurado. E é óbvio que a dita cultura *gospel* tem penetração considerável nas igrejas, já que é a igreja instituição o seu nicho mercadológico. As ondas e os modismos são características precípuas da cultura de massa. É realmente necessário afirmar que ondas e modismos em nada têm a ver com o evangelho. Contudo, o que ninguém pára para reparar é que dentro desse circuito, há os que abdicam dos ditames do mesmo, inclusive de forma declarada, mas que ainda são classificados como adeptos da “cultura *gospel*”. É um efeito que pode ser percebido quando se pressupõe que um pastor é um aproveitador, o inserindo no mesmo balaio dos falsos pastores. Há no meio da “cultura *gospel*”, por incrível que pareça, os artistas (praticantes de uma arte) sérios, que não deixaram se corromper. Não é porque é político que necessariamente precisa ser corrupto. Um sistema, seja ele qual for, pode conter pessoas sérias, pode conter cristãos! Paulo saudou os da casa de Cézar (Fp 4:22)! E também há os que já se apartaram dessa classificação “cultura *gospel*”, como o sincero adorador Rodolfo Abrantes, ex-vocalista do grupo de rock secular Raimundos, que atualmente tem uma pregação combativa em relação a essa “cultura *gospel*”, mas que ainda mantém uma agenda de apresentações (o termo *show*, ele não usa mais pois ser contrário a essa terminologia e por se dedicar agora exclusivamente a pregação do Evangelho), seguidores, etc. Não é o que acontece com alguns pregadores, que possui agenda, admiradores etc.? E estes que os tem? São todos pilantras, estrelas ou não condizem com o evangelho? Não! Há sim, nesse tipo de cultura os aspectos negativos, mas se o artista, mesmo pertencendo à “cultura *gospel*”, rejeita adoração, privilégios etc., não pode ser respeitado e convidado para programações nas igrejas? Não posso deixar de mencionar a cantora Cassiane, que todos associam à “cultura *gospel*”. Ela é séria, e de fato é uma verdadeira adoradora!

Concluimos então que, mesmo sendo a **cultura de massa** um produto da industrialização cultural, que geralmente massifica, aliena e torna o sujeito passivo, com sabedoria, discernimento e cuidado, podemos utilizá-la como base de comunicação do Evangelho.

No caso da **cultura popular**, lidamos ainda com um grupo de pessoas, sendo este não um grupo induzido, passivo, como um grão de areia, mas uma coletividade organizada em torno de um só objetivo, e essa coletividade é ativa, reflexiva e tem inclusive consciência revolucionária e identitária. Apesar de sua expressividade ser oriunda do povo, é resistente à massificação cultural. Segundo Antônio Augusto Arantes, a cultura popular “está a serviço

do povo, isto é, dos interesses efetivos do país”, mostrando que o que a define é “a consciência de que a cultura tanto pode ser instrumento de conservação como de transformação social” (ARANTES, 1996).

Apresento como texto base desse pensamento o seguinte trecho:

Sabemos que as manifestações de nosso folclore não são consideradas pela cultura protestante, exceto com simples curiosidade, quando, na realidade, poderiam ser uma forma de relação e de comunicação extraordinariamente rica e natural. Se é verdade que o grupo oculta sua cultura diante do colonizador, é necessário que saibamos descobrir as variedades dessa cultura – sua origem, seus sincretismos, a diversidade regional, as interpretações que dão artistas, poetas e romancistas. O impacto da técnica moderna, em que pese a tendência de uniformizar usos e costumes, não conseguiu deter, nem tampouco limitar os aspectos particulares de cada cultura. A antropologia cultural ensina que cada grupo adota seu próprio modo seu estilo. Enquanto isso, o programa de nossas Escolas Dominicais, por exemplo, é a repetição do que se fez em outras partes do mundo, o que comprova sua imposição forçada. Isto significa que devemos aprender muito dos antropólogos e dos sociólogos, procurando uma base científica para o estudo sobre as formas autóctones que a Igreja e suas instituições devem adotar na América Latina. Não se trata, simplesmente de variar a ordem do culto, introduzindo música popular ou fragmentos de autores nacionais. Isto pode ser feito, mas não significa, necessariamente, identificar-se com as expressões da cultura nacional e regional. Trata-se, no fundo de uma descoberta revolucionária: encarnar-se na cultura autóctone. Sem isto, provavelmente, nunca chegaremos a saber o que significa uma nova estrutura da congregação local, fato que de algum modo deve expressar esse encontro e manifestá-lo” (CESAR, 1968).

Somente esse trecho esgota o que se quer demonstrar com a **cultura popular** em prol do evangelho. Todavia, um comentário a mais sobre ele completa o que o autor deste trabalho quer propor. Hoje, e sempre que nos entendemos por frequentadores de igrejas evangélicas, não encontramos uma **enculturação** (ou socialização cultural, que é o aprendizado da nossa própria cultura) plena da igreja, apesar de que na ala pentecostal e em alguns segmentos tradicionais da cristandade brasileira encontrarmos suportes culturais autóctones, como base de comunicação do evangelho tais como músicas, danças e até mesmos citações de autores de nossa literatura popular do repertório literário mas, como o texto acima nos mostrou, isso não é o suficiente nem demonstra de fato “uma forma de relação e de comunicação extraordinariamente rica e natural” do evangelho por meio de nossa cultura.

Esse processo seria extremamente saudável para que, como também o trecho mostra, nos desarraigemos de amarras coloniais que, apesar de não temos nenhuma relação com a intervenção jesuítica que se caracterizou como a vinda do Europeu para cá no afã de explorar a colônia sul americana e deter o avanço do protestantismo, também criamos e mantemos a característica colonial quando ignoramos a cultura popular local. E o que é de fato ignorar?

Precisamos deixar bem claro que a solução não é rechaçarmos por completo os nossos modelos de culto que são de fato idênticos aos dos países berços do protestantismo da Europa e das igrejas dos Estados Unidos da América. É inevitável que culturas hegemônicas sempre terão enorme influência. É realmente uma utopia criar uma igreja genuinamente brasileira. Nada é nacionalmente puro em termos culturais. O próprio evangelho não o é (há nele a cultura grega, hebraica, latina etc). Segundo o dizer de Paulo Suess, “os mistérios de Deus não cabem numa [só] cultura” (grifo meu). Contudo, não é nada inteligente deixar de transitar ou comunicar plenamente o evangelho com base no que há de bom em nossa cultura popular, tais como a nossa culinária, o nosso jeito cordial (termos este não segundo Sergio Buarque de Holanda que alude ser o brasileiro o povo que aceita tudo de bom grado, mas a partir do conceito original do termo, criado por Ribeiro Couto, mostrando que ser cordial é o povo que age com o coração), a ludicidade, a criatividade e a riqueza do repertório cultural folclórico que não tem somente teores pagãos e místicos, mas riquezas morais como as próprias parábolas proferidas por Jesus (este jamais descartou essa expressão cultural

popular) que podemos encontrar em literaturas de cordéis, melodias do cancioneiro popular etc.

Ademais, não se tem um interesse em enaltecer tanto as figuras cristãs históricas e folclóricas, como as do Padre José Manuel da Conceição, como se tem feito com figuras de suma importância como João Calvino, Martin Lutero, Charles Spurgeon, Charles Finney, D. L. Moody, John Wesley. De fato, são figuras que compõe a nossa história cristã, mas tivemos em nosso país simplesmente um padre que se tornou protestante e utilizou em muito a nossa cultura popular como base para comunicação do evangelho. Sem contar que, ao construirmos nossos templos, as estéticas são bifurcadas a partir de duas referências: estética européia para construção de igrejas evangélicas tradicionais ou meros galpões, teatros ou cinemas que se tornaram igrejas pentecostais. Porque não reproduzir templos cristãos evangélicos ou protestantes a partir da estética do Barroco Mineiro do artista Aleijadinho (falo da estética arquitetônica das igrejas projetadas por esse arquiteto mineiro, e não da confecção de imagens de santos)?

A resposta está descrita no texto inserido acima: “O programa de nossas Escolas Dominicais, por exemplo, é a repetição do que se fez em outras partes do mundo, o que comprova sua imposição forçada”. De fato, a igreja não se encarnou na cultura autóctone. Stuart Mill, filósofo e economista britânico, alegou que cada instituição deve ser adequada à realidade de sua localidade. Jesus Cristo não teve esse receio de se encarnar a meio caminho. Sua encarnação foi total, completa. No dizer de Paulo Suess, “Deus desceu e se encarnou na condição mais vil da humanidade, no presépio e na cruz, um sem-casa e um sem-terra”. Tal ato foi manifestado mormente em termos culturais. Jesus foi um participante de festas, um utilizador por excelência da cultura popular sendo considerado por isso, enquanto esteve aqui na terra em sua forma encarnada, como UM DO POVO!

Agora falemos da cultura de elite. Há quem diga que **cultura de elite** é o culto à hipersensibilidade e à sofisticação formal, acreditando que a técnica seja apenas virtuosismo e habilidade. Não me atrevo a dizer que tal definição não está correta. Só queria inserir o seguinte adendo: elite não é uma minoria esnobe ou um grupo melhor de pessoas por ter o padrão civilizatório melhor ou um cabedal de saber intelectual mais vasto e, por isso, um grupo de seres humanos superiores. O conceito **elite** pode ser mais apropriado no presente trabalho e melhor entendido como “**aqueles que se destacam**”. Na Bíblia Sagrada

encontramos vários exemplos de grupos seletos de homens que se destacavam, seja pela valentia (valentes de Davi – II Sm 23:20-23), seja pelas habilidades técnicas (Aoliabe e Bezalel – Ex 36:1), artísticas (Davi), administrativas (José - Gn) e intelectuais (Paulo). Decerto que os critérios de Deus são diferentes dos do mundo para se compor a Sua elite. Por exemplo, um dos ícones da tecnologia Steve Jobs quando compunha sua equipe de trabalho, só tolerava os funcionários de primeira linha. No caso de Deus não é assim. Como diz o velho chavão, “Deus capacita os escolhidos”. Contudo, há os que se destacam. Portanto, precisamos entender o termo “elite”, não como um grupo de seres humanos superiores, mas como pessoas que se destacam numa missão, numa obra etc.

Em se tratando de cultura de elite, é para ficar bem claro que, por incrível que pareça, compositores da música erudita tais como Chopin e Villa Lobos sempre se inspiraram na cultura popular para comporem o seu repertório. Então, não há um abismo tão imenso assim entre **cultura popular** e **cultura de elite**. No meio cristão a gente também vê esses exemplos. Paulo de Tarso, sim, compôs a espinha dorsal do Novo Testamento, com toda sua erudição e intelecto, mas encontramos também cartas no estilo coloquial escritas por Pedro e João. Lemos na Bíblia Sagrada que todos instrumentos, tudo que tiver fôlego, todo o ser que respira deve louvar ao senhor, seja o instrumento de corda, seja o instrumento de percussão, seja o erudito, seja o popular, seja de massa, todos devem estar unidos nessa **hibridização**. Que haja cultura de elite na igreja, mas que ela se envolva também com a cultura popular para que ela própria possa ser mais rica, uma vez que é tudo um corpo cristão e cultural, não sendo o dedo mais importante que a cabeça ou vice-versa.

Portanto, eis uma recomendação válida para que façamos um bom uso dos tipos de cultura em prol do reino de Deus: considerar essa classificação tripla (**cultura de massa, cultura popular e cultura de elite**), nos apoderando de seus respectivos tópicos com o fim de comunicar com clareza, acessibilidade e eficácia o evangelho de Jesus Cristo, mas sempre nos mantendo atentos, avaliando criticamente esta interação de tais noções culturais para que façamos tudo com excelência, decência e ordem.

- A PRODUÇÃO CULTURAL NO PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO

O fomento cultural de modo intensivo por meio de mecanismos e ações para que haja uma dinâmica cultural mais ampla na sociedade é o que chamamos de Produção Cultural.

3.1 Socializando o Evangelho por meio dos elementos do conjunto Cultura

Em nossas igrejas, é notória a produção cultural. Entretanto, se faz mister algumas observações para analisar essa produção de modo a verificar se de fato é cultura o que se está produzindo e separar aquilo que é “animação cultural” da verdadeira produção cultural (como o joio e o trigo).

Analisemos, pois, o verbete **cultura-análise**: “processo de determinação do diagnóstico sobre a situação cultural de uma comunidade determinada ou da dinâmica cultural mais ampla” (COELHO, 1997). Com base nesse verbete, passamos então analisar a situação cultural da localidade em que uma determinada igreja está inserida para que possamos diagnosticar sua situação cultural.

A igreja em questão é a Igreja Batista em Barra do Imbuí, localizada no município de Teresópolis, Rio de Janeiro. Trata-se de um município da Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, município este conhecido como ponto turístico por ter em seu território a vista exuberante da cadeia montanhosa Serra dos Órgãos com a deslumbrante vista do Dedo de Deus, um clima hibernar, a sede da CBF, o fato de ter sido conhecida como uma das cidades que sofreu na catástrofe da chuva de 2011 e de possuir uma feira artesanal muito visitada chamada Feirinha do Alto (FEIRARTE).

A Igreja Batista em Barra do Imbuí (IBBI), da qual o autor desse livro é membro, compõe o cartão postal da cidade de Teresópolis - RJ, podendo inclusive ter sua fachada tombada como patrimônio histórico e cultural, com um estilo clássico do seu frontispício, mas conta com outros lugares de cultos nos bairros da Várzea, Motas e Alto, também em Teresópolis. Há uma considerável produção cultural na IBBI. A saber, existência de corais, orquestra, grupos musicais, peças de teatro, grupos de dança, recitações de poesias, realizações de festas internas (com temas diversos apresentando tanto a nossa Cultura como cultura de outros países, como a hebraica) e externas (como a Festa do Amor, que interage com a comunidade num verdadeiro processo de mediação cultural) etc.

A IBBI valoriza esse fomento cultural, ciente de que além da pregação do evangelho, há também o atendimento da comunidade a partir de diversos tipos de ações sociais e culturais. O presente trabalho é uma proposta para que apenas seja aprimorado esse fomento já existente. Serão então enumerados elementos que compõem o conjunto Cultura de modo a fazer uma demonstração sobre como realçá-los como vetores impulsionadores de uma produção cultural cristã significativa e efetiva, que serão utilizados como ferramentas a

serviço do Reino de Deus.

Sendo a “arte” um dos elementos desse conjunto chamado “cultura”, enumeramos as artes existentes na Igreja: teatro, dança, música etc. Falemos primeiramente sobre o elemento cultural artístico teatro: originando-se na Grécia (pelo menos é o que alegam os historiadores), significando “local onde se vê”, foi também base de comunicação do evangelho já nos tempos Bíblicos, como por exemplo a encenação de Isaías (Is 20:2) que profetizara despido (um verdadeiro ato teatral) e a encenação providencial de Davi quando diante do Rei Aquis esgravatava no postigo (I Sm 21:13) etc.

Culturalmente falando, o grupo teatral da IBBI já contribuiu em muito com a comunidade teresopolitana, realizando apresentações em praças, shoppings etc. Para aprimorá-lo na igreja, não se faz necessário mencionar no presente trabalho os aparatos técnicos, mas é importante realçar que é necessário o ensino sobre metodologia de teatrólogos, como por exemplo a de Bertolt Brecht, teatrólogo alemão, cognominada de distanciamento, uma vez que precisamos separar realidade daquilo que é ficção, já que existe uma metodologia antagônica que ensina que o praticante do teatro deve incorporar o personagem para poder interpretá-lo da melhor maneira (ora, interpreta-se nessas peças também o diabo. Imaginem se tivermos que incorporá-lo a cada encenação? Não é à toa que muitos se afastam da igreja após terem participados dessas peças. E ninguém atenta para isso).

Sobre a dança, se faz mister o aprendizado de diversas modalidades, pegando atributos positivos de cada uma delas (por exemplo, do Ballet, apodera-se da leveza e da postura; da Dança Contemporânea, do impacto), mas sempre rechaçando a sensualidade, sem necessariamente retirar a graça e a feminilidade das dançarinas.

No que concerne à música, os grupos precisam de uma vida espiritual séria e também cuidados técnicos para que não haja o sobressair da melodia em detrimento do conteúdo da música, que é o mais importante para que a mensagem seja transmitida por meio desse suporte artístico para o louvor. Além disso, os músicos devem se legitimar como tais, registrando os respectivos nomes dos ministérios de louvor no órgão responsável por esse ato (INPI – Instituto Nacional de Propriedade Nacional). Também precisam ser registradas as músicas no Escritório de Direito Autoral e/ou na Escola de Música da UFRJ, sendo recomendado também que os músicos cristãos tenham a carteira da Ordem dos Músicos do Brasil (OMB), para que estejam aptos para exercerem o ofício de músico na esfera

profissional, se apresentando aprovado também diante das leis dos homens.

São alguns exemplos de como apresentar com excelência a Cultura no seio da Igreja. Como já foi proposto, a IBBI também poderá contar com um projeto de tombamento como Patrimônio Histórico Cultural junto ao IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico-Cultural) a partir dos critérios do INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural). A igreja pode inclusive instaurar em seu recinto Pontos de Cultura, que é um programa do **Governo Federal** que estimula às sociedades civis sem fins lucrativos a criarem esses pontos de fomento cultural com os recursos disponibilizados através de convênio firmado com o Ministério da Cultura, apoiando assim o desenvolvimento das atividades culturais ali realizadas (sendo uma estratégia muito boa para utilizar a Cultura como base de comunicação do evangelho). Toda essa estratégia de ação será descrita com pormenores no tópico seguinte desse livro.

- A COMUNICAÇÃO CULTURAL

Numa comunicação (do Evangelho), há o emissor (**pregador**), o receptor (**povo**) e o conteúdo (**Evangelho**) e o meio através do qual será transmitido esse conteúdo (**Cultura**).

4.1 Uma Estratégia de Ação no uso da Cultura como base de pregação do Evangelho

Sendo autor do presente trabalho graduado pela Universidade Federal Fluminense em Bacharel em Produção Cultural, quando se formar também em Teologia estará apto para exercer o ministério cristão da pregação do evangelho e terá como especialidade a área da Cultura, ou para ser mais exato, da Produção Cultural. Por providência divina o autor deste livro está posicionado em pontos estratégicos do Município de Teresópolis para que, por meio dele e de tantos outros agentes cristãos do processo cultural de evangelização, Deus possa realizar o seu propósito da comunicação do evangelho tendo como base a Cultura.

Não podemos enterrar nosso talento. Precisamos ser luz. E há uma passagem da Bíblia que ilustra bem a justificativa dessa proposta que é o discurso de Paulo em Atenas (At 17:16-34)

O Apóstolo Paulo se depara com várias situações nesse momento sublime de sua trajetória. Nessa passagem, Paulo cita Epimênides, Cleanto e Arato, poetas gregos, como já foi citado. Ao mencionar seus escritos, diz que “Nele nos movemos e existimos”. Nele quem? Resposta: Deus. O interessante é que na obra original não está escrito Deus, mas Zeus,

o deus grego. Isso me lembrou o momento em que Jesus dá uma lição aos fariseus usando como base aquele escrito na moeda de César, exemplo também já mencionado anteriormente. Todos esses exemplos mostram o uso daquilo que é disponível, ou seja, da Cultura como base de comunicação do Evangelho. Mas tudo não foi feito de qualquer jeito. A formação e o conhecimento de Paulo, somados é claro com sua busca ferrenha por ser santo diante do Senhor, foram fatores importantes nessa ação. Além disso, observe o dizer de Paulo Suess em seu artigo sobre Cultura muito citado nesse livro:

O culturalmente disponível não é "qualquer coisa". As diferentes experiências humanas vividas e culturalmente codificadas por grupos sociais não são algo arbitrário ou descartável. São resultado de uma longa experiência histórica.

Há, portanto, muitos dessas experiências históricas que compõem um acervo de herança patrimonial da humanidade que podem muito bem servir de base de comunicação do evangelho, como o apóstolo Paulo assim o fez em Atenas e em tantos outros lugares. Apesar de ser disponível, esse “disponível” não é “qualquer coisa”. O resultado dessas experiências humanas não pode ser entendido como “qualquer coisa”, para que seja aniquilado arbitrariamente, como fizeram insensata e imprudentemente os talibãs, numa atitude iconoclasta e pueril, quando destruíram as estátuas de Buda no Paquistão, não as preservando como patrimônio da humanidade. Paulo fez diferente: usou o culturalmente disponível como base de comunicação das boas novas. Portanto, este ato que Paulo sempre cometia com as culturas locais quando evangelizava é a justificativa do presente trabalho.

MEMORIAL DESCRITIVO

- **O que já está em execução do projeto:** Produção Cultural nos colégios; participação efetiva na Produção Cultural no Município por meio de ações da Secretaria de Cultura do Município de Teresópolis; ações Evangelísticas Culturais tais como peças, apresentações musicais e de dança em ruas, centros de referência e reabilitação etc.; pregação do Evangelho em Igrejas do Município de Teresópolis e também de outros municípios, em praças públicas para homossexuais, drogadictos, artistas, adeptos de funk, de rock, de samba e todo os tipos de pessoas, em locais estratégicos para fixar pontos de base de comunicação do evangelho

por meio da Cultura.

- **O que ainda vai acontecer:** ordenação do autor do presente trabalho ao episcopado para que ele exerça o ministério evangelístico a partir da Produção Cultural em prol do Reino de Deus; estabelecimento de Pontos de Cultura, com base no programa Mais Cultura, que foi instituído pelo Decreto 6.226, de 04 (quatro) de outubro de 2007, em igrejas de modo a inseri-las numa participação relevante no que tange a fomento cultural, consecutivamente, com seu *modus vivendis*, evangelizando os membros da comunidade teresopolitana; preparação de atores, de elaboradores de projetos, de captadores de recursos, de produtores culturais, de diretores, de cantores, dramaturgos, roteiristas etc. por meio de cursos também ministrados em Igrejas, para que a membresia da igreja saiba ser sal da terra e luz do mundo ao fomentar cultura, sem se corromper no meio cultural em que estiverem inseridos, seja ele qual for (secular ou eclesiástico); constituir um colégio cristão cultural, já que o autor do trabalho é da Educação do Município de Teresópolis e também é Pós-Graduado em Gestão Escolar e Práticas Pedagógicas Integradas (<https://pt.scribd.com/document/272098568/Arte-Cultura-e-Curriculo-Oculto-Ferramentas-Para-a-Educacao>) e agregará este projeto no futuro à proposta apresentada no presente trabalho.

4.2 Resultados esperados a partir dessa estratégia

Espera-se com essa proposta tanto ganhar o máximo de almas para Jesus Cristo como oferecer uma espécie de discipulado para que se administre, se opere e se frua a Cultura com propriedade, comunicando o evangelho tendo ela como base. Cultura é algo fascinante, por se tratar de um processo contínuo para lidarmos com a Natureza. Sem a existência da Cultura, a Natureza só serviria para ser contemplada, e nunca usufruída ou transformada. E a Cultura sendo base de comunicação do evangelho, também funciona como vetor de transformação dos homens, renovando suas mentes. Sendo ela este excelente vetor para a manutenção das relações humanas por meio de seus ideais estéticos e das diferentes formas de expressão, dinâmica e em constante desenvolvimento, influencia as diversas formas de pensar. O povo cristão inserido nesse processo de Produção Cultural da humanidade, com sua moral, com seus hábitos, com sua arte, com sua criatividade e acima de tudo com sua santidade, pode contribuir em muito tanto para salvação de almas como para a circulação, a

fruição e a produção da própria Cultura, tornando-a sadia e formando a opinião dos homens para que estes passem agir segundo os preceitos do maior Produtor Cultural de todos os tempos: Jesus Cristo!

E o diabo? Ora, este procura confundir o nosso conceito sobre diversidade cultural. Faz de meias-verdades arma para enganar. Não devemos acreditar nele, mas temos que levá-lo a sério. Sabendo dessa máxima que me apeguei demais ao capítulo dez do evangelho segundo Mateus, no versículo dezesseis. Somos ovelhas no meio de lobos, mas prudentes como serpentes e simplices como pombas. Cristo afirma que a face deve ser oferecida, mas ressalta que prudência de serpente é o andar desconfiado por uma trilha de ciladas. A simplicidade de uma pomba faz-nos crianças na malícia. O povo de Deus é vencedor por evitar combates injustos e sempre usar a benignidade como arma. Nossas vitórias parecem ser mais demoradas, por isso requerem criatividade. Deus nos criou e criou todas as coisas – cada luzeiro, firmamento celeste, animal... Haja inspiração! Portanto, tenhamos paciência em elaborar nossas defesas diante dos ditos “sábios” Já nos foi dado a conhecer muitos dos mistérios sobrenaturais através da Bíblia Sagrada. Contudo, os ditos sábios querem dificultar o saber, com teorias e algaravias. Supõem teorias e mais teorias, como a do big bang, grande explosão cósmica que engendraram destroços planetários. Veio de algo?

Sim. Nada não gera nada. Vejam vocês a busca incessante do homem de querer inventar um simples moto contínuo, uma energia que se alimente e se gere simultaneamente! Um princípio e um fim que se imbrique em um só caráter! Só há um, em unicidade, que além de ser o próprio princípio e o fim, gera, é gerado por si e não precisou ser inventado: Deus. Em respeito a Ele, que desbanca ciências, vãs filosofias e teorias infundadas que devemos extrair o máximo de soluções sobre como intensificar o processo de disseminação do evangelho.

(...)

“Não há nada de oculto que não seja descoberto nem escondido que não seja revelado”. Olho para esse versículo e adquiro a certeza de que todos irão encontrar a resposta, e tranquilidade deve ser o atributo primordial do povo de Deus em meio a essas situações angustiantes. Isso também anima o povo de Deus para o respeito ao “ide”, já que todos irão encontrar a verdade, e eu tenho o privilégio de apontar a verdade que é o livro que contém esse axioma

tranquilizante, o que demonstra que não há nada de oculto a ser descoberto (Mt 10:26). O fato de o povo do Deus da Bíblia respeitar o “ide”, em tom imperativo (nos originais em grego, o tom denota mais do que o nosso imperativo em Português, e sim de CONTINUIDADE), proferido pela boca de Jesus, obriga-o a ser intrépido e ousado, a proclamar algo desagradável, cujas orelhas dos ouvintes são tapadas, olhos são fechados, por causa da dureza de seus corações... Todavia, abertos em hora oportuna, caso sejam escolhidos. Os escolhidos já estão na lista divina. Devese pregar, pois ninguém detém o conhecimento sobre quem possa ser escolhido. Por isso, há um exercício que deve ser recomendado ao povo disposto a exercer tal missão. O de como se pregar.

Os teólogos chamam os livros de Marcos, Mateus e Lucas de evangelhos sinóticos, isto é, “ver em conjunto” mas com “ópticas diferentes”. Isso parece um paralelo com a realidade do modo de proceder do povo de Deus. Várias formas, mas prezando por um único conteúdo. É a multiforme graça de Deus (I Pe.4:10). Denominações cristãs fervorosas adentram em presídios, locais de tráficos de arma, drogas. Outras visam à teologia, difundindo com competência retórica o evangelho, desbancando os sábios do mundo. Outras priorizam a mansidão, abarcando os irmãos em Cristo mais reservados. Mas é com tristeza que vejo dissensões entre as denominações, já que um reino subdividido contra si não perdura, mas desfalece.

O mundo está cada vez mais unido, ostentando elos abomináveis, como os consolidados por meio de adultério, de homossexualismo, e as uniões incestuosas. Aflora, nos seres humanos, dúvida sobre o que é cultural e o que é natural. A natureza de um indivíduo exprime estímulos físico-biológicos, enquanto que cultura é um conjunto de reações do indivíduo aos agentes externos que o impelem a transformar o mundo em que o mesmo está inserido. Eis uma dúvida muito em voga hoje em dia: Cultural ou natural? Saber diferenciar é possível através de discernimento espiritual. Vejamos um parecer que visa ao despertar da atenção para textos redigidos que versam sobre essa questão tão delicada:

O incesto (união ou casamento entre parentes consangüíneos), como o próprio Código Civil brasileiro nos mostra, não é uma hipótese conjugal com razões biológicas favoráveis. Mesmo com o blablábla relativista, é mais do que comprovado que tal união conjugal não é de bom alvitre, uma vez que há uma enorme probabilidade de "se agravarem determinadas taras, fora problemas de caráter biológicos que podem ocorrer, tais como más formações somáticas, defeitos psíquicos, outros problemas que possivelmente sejam conservados como caracteres recessivos, podendo então ser conservados na descendência etc.". Ora, a probabilidade de variabilidade genética tende a aumentar com a coabitação entre pessoas que não sejam da mesma família; a Bíblia Sagrada, no livro de Levítico, capítulo 18, considera o incesto como casamento ilícito, além de classificá-lo como maldade, no versículo 18 desse mesmo capítulo; na literatura, é bem viva o seu questionamento (vide tragédia "Édipo Rei", de Sófocles, onde se vê com horror Édipo desposar a mãe depois de assassinar o pai); e o que dizer de Amnom que, ao cometer incesto com Tamar, sentia ojeriza imediatamente após o coito (2 Sm 13:15). É óbvio e notório que o literário e o sagrado, perante a sociedade, são menoscabados, reduzidos a valores fictícios e, por isso, descartados como justificativa. Mas não se pode negar que os males biológicos citados no início desse parágrafo comprovam, por mais ateu e liberal que seja um indivíduo, que o incesto é maléfício, e jamais um benefício. Tal liberalidade conjugal envenenaria de lubricidade o lar, devido a proximidade constante, se a lei tolerasse a união matrimonial entre colaterais próximos. Por isto que há a restrição do casamento entre consangüíneos. Mas há uma certa flexibilidade da Lei (e a meu ver, a flexibilidade que faz a Lei ser dinâmica, e não estática), como mostra o Decreto Lei n. 3.200, de 19.04.41, que permite, com laudo médico permissivo, a união até o terceiro grau consangüíneo. Mesmo assim, deduz-se que quanto maior for a distância consangüínea, maior é a contribuição para a diversidade natural, acarretando a harmonia entre o cultural e o natural, harmonia esta que confirma o divino.

A homossexualidade é um pecado (não pior do que qualquer outro, mas é PECADO)! É uma espécie de união provocada com auxílio de uma força não imantável, onde pólos iguais são forçosamente justapostos (jamais se aglutinam, apenas se justapõem). Essa força, com certeza, não é divina. A genitália é o fluxo para que Deus semeie a vida. A relação sexual é o encontro entre pólos opostos, entre sexos opostos, que fecunda a humanidade, proporcionando deleites conforme a natureza. Esse ato, apesar de antigo, nunca será

obsoleto, mesmo que haja a tentativa depravada de homens e mulheres de irem de encontro ao natural, classificando a força de uma carnalidade lasciva extrema como diversidade de opção sexual, almejando transformar a relação sexual em algo coprófilo. Mas o ducto que sai o excremento não foi feito para o coito. Sem esquecer que o espermatozoide, por ser o ácido hialurônico, foi feito para penetrar na camada uterina feminina para fecundação do óvulo. Não há nada saudável em lançar sptz na mucosa intestinal, muito menos dilatar o ânus. Este é uma parte do corpo impura, já que expulsa o que há de escória dentro do organismo. Se o lesbianismo ficar de fora dessa comprovação das relações contrária à natureza, concluo que a opção feminina por uma relação sexual com outra mulher é a tentativa de se esquivar do desafio de encontrar um homem carinhoso, escolhendo a conveniente, precipitada e depravada recíproca safista (atualmente há também um tipo ingênuo de lesbianismo que praticam algumas adolescentes do sexo feminino, mas elas agem [induzidas por ativismos e protótipos midiáticos e publicitários] somente como rebeldia e/ou se exibirem em praças públicas e em redes sociais, uma vez que elas não têm o pleno discernimento sobre tal comportamento. Simplesmente optam por tais atitudes para aderirem ao modismo coevo ou por pretenderem se emancipar do que é convencional na tentativa de se autoafirmarem, já que estas lesbians teens têm, atualmente, a impressão de que tal atitude possa lhes afirmar com mais visibilidade ao olhar da sociedade, além de crerem em ter encontrado um [pseudo] sentido da vida, como se concebesssem que tal postura lhes trouxesse uma sensação de bem estar supostamente mais efetiva, inclusive, do que os efeitos provocados pelas drogas, além de hoje o que se tem é um homossexualismo ideológico, muitas das vezes para se projetar ou reivindicar prerrogativas apenas para arvorar bandeiras ativistas. E agora, com Projeto de Lei da Câmara 122 de 2006 de baixo do braço, aí é que praticam tal atitude com mais veemência para afrontar a sociedade (já que não podem sofrer represália) supondo que estão lutando contra um inimigo fictício (a Ditadura da Orientação Sexual) no afã de viverem seus "Anos Rebeldes" da atualidade, só que agora contra outra "ditadura" (sem dar conta de que muitas das vezes são os homo que se tornam os verdadeiros ditadores). A mulher que realmente extrai o carinho masculino é aquela que tem a capacidade de desobstruir a barreira existente no inconsciente masculino que o impulsiona ao comportamento desprovido de sentimentos carinhosos. O casamento (casamento obviamente entre sexos opostos, uma vez que a contrafação homossexual no

máximo pode ser considerada como junção. Dizer que tal relação forma casais é um paradoxo) é o único lugar onde há a possibilidade de se plantar o amor e colher a vida.

O adultério é o símbolo da falta de integridade. O manter-se ileso à quebra de um compromisso é perseverar até o fim. Aquele que persevera alcança recompensa. Unir-se em matrimônio também é prova de perseverança. Casamento não é só uma satisfação à sociedade, mas um selo. Consolida-se a formação de uma só carne. Quando há outros fins para a realização de um casamento, como por exemplo a ânsia masculina de possuir a mulher apenas visando o sexo, a contração do matrimônio é falsa. Já se prenuncia o adultério. Há uma campanha para que o casamento seja entendido como um mero formalismo de boa sociedade, mas ele é mais do que isso. O casamento (realidade) rivaliza com a figura do (a) amante (fantasia). A segunda opção passa a ser, então, uma falsa extensão dos lares, e com ela, fantasias sexuais deslocam o sexo para longe do contexto doméstico. Essa forma de sexo é relacionada ao mero prazer carnal, imundo, por geralmente inebriar por se apresentar no recôndito, dando ao sexo uma conotação de algo proibido, que deve feito longe da realidade no afã de superstimar o ato. Nessa fuga, o indivíduo possa ter, mesmo por um efêmero momento uma sensação de bem-estar, ainda que ilosório, uma vez que ele viveu apenas uma "fantasia".

Os locais assumem então, na maioria dos casos, uma decoração exótica para que se diferencie ao máximo do contexto doméstico. Define-se então como fuga da realidade.

Tomo minha mão e levo à consciência. Três formas de escapar do convencional relacionamento criado por Deus: adultério, incesto e homossexualidade. Vemos também que, que a homossexualidade, na carta de Paulo aos Romanos, é consequência da adoração do homem à criatura, ao invés de adorar o criador. Mesmo que minha consciência de cristão me

impeça de acusar aleatoriamente qualquer que seja o pecador, ela me leva a odiar cada vez mais o pecado, pois é ele que escraviza o pecador. Leva-o à lama. O arrependimento é o caminho para que o pecador se redima perante a Deus. É correto afirmar que continuaremos pecadores, pois não há um que não peque na Terra, mas não devemos ficar satisfeitos com quedas que advenham. Deus nos ergue com sua mão animadora, que faz com que o entusiasmo seja como uma fórmula descoberta, o eureka de Arquimedes. Os glóbulos brancos, famosos leucócitos do nosso plasma sangüíneo, devem identificar o organismo maléfico que atua no âmbito endógeno para então atenuar ou extinguir sua ação destruidora. Todos os malefícios vão continuar ocorrendo, para que nunca esqueçamos da existência do inimigo de nossas almas. Devemos identificar o problema com aguçada capacidade de distinguir aquilo que convém para detectar o problema para poder saná-lo. Fiz essa analogia com os glóbulos brancos e não posso deixar de citar que eles são extremamente mais eficientes quando dosagens de vacina inserem no nosso organismo um microorganismo maléfico morto (antígeno), e o primeiro identifica o segundo, procurando elaborar a melhor maneira de aniquilar o que vier mais vivo e forte. É assim o pecado em nós, e com certeza, se estivermos com o Espírito Santo em nós abundando, o pecado, como elemento estranho, vai ser considerado fraco e, conseqüentemente destruído, aniquilado, não de vez, mas por vez. E não é só o mundo que jaz no maligno. Ele mesmo, o maligno, também jaz, ou seja, ele é como uma serpente que levou uma pisada (de Jesus) na cabeça e está dando as últimas, digamos assim, “rabadas” nos incautos, mas é uma serpente já atordoada, agonizante, se aproximando da morte. O erro está no nosso meio, para que o detectemos e não os cometemos no futuro. “Que não estejamos sobre o arado e que as mulheres não estejam grávidas do dia quando se notar o abominável da desolação” é recomendação de Jesus ao povo que deve se acautelar das distrações propostas por Satanás para que nos preocupemos com as coisas desse mundo. Detectar e destruir os “cancros” disseminados pelo inimigo é o treinamento para o que está por vir. A hora de corrigir os erros é agora, já que na vida eterna não haverá erro para se corrigir, pois teremos corpos glorificados, isto é, não estaremos mais eivados de pecados.

Por que pecamos? Devido a nossa natureza. Por que nos agradamos em pecar? Por não conhecermos as escrituras. A palavra de Deus é a verdade. Digo isso me calcando em fé, bem como outras religiões que intitulam suas doutrinas como verdade. Porém, quando Jesus

afirma ser caminho, verdade e vida (Jo 14:6), faz uma gradação lógica, clímax que tem como topo o nós nele. Siga o caminho através da verdade para que obtenha vida. Disse isso para provar a Tomé que ele iria para o caminho que era ele mesmo. Mas não disse para todos que seus caminhos próprios (escolha individual e aleatória) seriam os que teriam que ser seguidos. Por isso, quando Jesus põe à prova quem quer segui-lo, diz: “Segueme!” Reprova, então, quem antes quer ter suas vontades atendidas a priori. Ao segui-lo, chegariam a uma ordem, devido ao altruísmo baseado em quem realmente sabia o que estava dizendo, pois com doze indivíduos, revolucionou o mundo. Os hinduístas alegam que Deus está em cada um. Imagine todos seguindo a si próprio. Aonde chega o cachorro que persegue o seu próprio rabo? Ao mesmo lugar, pois não anda. Siga a outro, que não seja você, que chegará a algum lugar!

Conheci a Jesus e me convenci de ter conhecido a Deus, por ter tido coragem de se chamar “caminho”. Creio que chegarei a algum lugar seguindo a ele, que é outro, um como eu e, também, é Deus.

Epicuro, filósofo ateniense (341 a.C.), afirmava que deveríamos alcançar à cura dos males da alma. Apregoa à humanidade um discurso denominado *pharmákon* (curativo) e tenta alijar o relacionamento das pessoas com as “trevas das crendices” (temor aos deuses e à morte). Ele impele aos seus discípulos a serem confiantes em poder alcançar a felicidade e suportar a dor. Cícero (106-43 aC)- político orador e filósofo romano, tenta criticá-lo, afirmando que o epicurismo é algo que mantém um isolamento no âmbito do “Kepos” (uma espécie de jardim do saber) e que restringe os seus discípulos e o mentor central (neste caso, o próprio Epicuro) a uma relação entre corpo docente e discente que almejavam gozos refinados. O que devemos entender é que o jardim funcionava como uma formação de idéias, mas se restringiu a um isolamento catártico que não ousou compartilhar essas idéias com a “pólis” (cidade) turbulenta, por esta possuir tensões políticas e sociais. O cristianismo se opõe com eficácia a esse intuito epicurista, por termos que estar em contato com o mundo, mesmo sabendo que não somos dele, mas estamos nele. Devemos salgar e alumiar. Para Epicuro, a serenidade em usufruir os prazeres que a vida oferece só seria possível, segundo Epicuro, se houvesse um afastamento do que ocorria no período Helenístico (culto a deuses, regimes políticos etc.). Já foi dito antes que Paulo usou essa mesma cultura do povo ateniense para esclarecer o que

seria o verdadeiro culto, isto é, o culto ao Deus. Epicuro trabalha a possibilidade de associar prazer com desalienação, sem entorpecimento. Ausência de revolta demonstrada por Epicuro – também por Jesus Cristo, Sócrates etc – em momento fúnebre, remete-nos a idéia de transição para o outro lado da vida sem que o desespero e/ou a histeria forme o desfecho final da existência humana. Atitude nobre, sim, porém, aos olhos dos homens. Se não tiver amor e convicção de que se chegará à glória como Jesus demonstrou, trata-se de apenas um exemplo de ética resignada. O filósofo diz: "Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se não quer e não pode, é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso: o que, de mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente: portanto nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível a Deus, donde provém a existência dos males? Por que não os impede?" Epicuro abastece-se do emocional para açambarcar a razão, ignorando que Deus é inventor dos males ("Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas essas coisas". Is 45: 7), não abençoa quem questiona suas ações ("Ai daquele que contende com seu Criador! E não passa de um caco de barro entre outros cacos. Acaso dirá o barro ao que lhe dá forma: Que fazes? Ou: A tua obra não tem alça" Is 45:9) e permite que homens céticos se autodestruam ("Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Rm 1: 24-25). Quando Epicuro difunde a idéia do "Kepos", postula sobre a possibilidade de um mestre e seus discípulos deterem a harmonia do cosmos, dando continuidade ao movimento atomista. Creio que se mobilizássemos para tal feito, mesmo que com boas intenções, não conseguiríamos nem ao menos manter um dia inteiro em claro ou em trevas. A não ser que oremos, como Josué. Mérito a Deus, não a nós!

O querer desvencilhar de tudo o que concerne a cristianismo, aflora na racionalização de pensadores a tentativa de criar uma nova moral. Quando alguns autores conceituados afirmam que, "embora haja uma infinidade de morais: moral cristã, moral judaica, moral platônica, moral kantiana etc, [e que] a ética seria uma só" (expressão extraída do artigo "Ética e Moral - Uma reflexão sobre a ética e os padrões de moralidade ocidental", de Israel de Alexandria), concebemos justamente o contrário. Seguindo o dicionário de Nicola Abbagnano, ética é "a ciência com vistas a dirigir e disciplinar a mesma conduta". Se para

nós, cristãos há A moral, então a Moral é a Conduta! E o que querem, na verdade, é criar algo novo, contrário À conduta, isto é, uma nova Moral, ou seja, praticar o impossível. Mas a ética, a partir da definição dada pelo dicionário mencionado, leva-nos a lembrar de que se pode dirigir ou disciplinar uma conduta (ainda seja uma tentativa frustrada de dirigir ou disciplinar A CONDUTA) como bem quiser. Somando isso à própria etimologia da palavra ética, que significa “modo de estar no mundo”, conclui-se que há "éticas" (pois há vários modos), e não "morais"! Ética é um quesito subjetivo. É mais prudente dizer éticas epicurista, espinosista, nietzschiana, marxista, e não moral epicurista, espinosista, nietzschiana, marxista . MORAL é UMA, UNA, ÚNICA e PÉTREA. Vejamos, pois, algumas de tais éticas, sejam elas sociológicas, filosóficas etc.:

Karl Marx, teórico do socialismo e revolucionário alemão (1818-1883), observa que a religião é ópio das massas. Essa afirmação pode ser declarada por alguém que inclui o cristianismo no mesmo balaio das religiões, pois em seus escritos percebemos seu ponto de vista acrimonioso em relação ao cristianismo (vide o seu "Manifesto Comunista). Só que podemos extrair do axioma marxista citado acima a ideia de que realmente a religião, quando é entendida como neurose coletiva (como concebia Freud), pode ser comparada a uma droga entorpecente, já que o consumo da droga é a busca por perturbações do sistema nervoso, ainda que voluntária. Quando a religião cria uma imagem e a cultura, a “massa” não está seguindo senão a um distorções da verdadeira percepção, ou seja, um tipo de perturbação idólatra representado em imagens (distorcidas), atribuindo para isso à escultura um valor fetichista. O mundo das drogas se assemelha ao das falsas religiões, isto é, falsa (re)ligação a Deus (ou ao sobrenatural) como o chá do Santo Daime, pois cultivam imagens de entorpecimento para si. Sem contar que o Marxismo assume contorno de religião, doutrinação e entorpecimento no decorrer dos anos após seu advento, mas uma vez corroborando o caráter negativo dos “ismos”.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche(1844-1900) , em sua obra "Assim falava Zaratustra", coloca em questão a transmutação de valores. Afirma que não devemos extrair conhecimento e aprendizado da ética cristã (acusando-a de moralista) nem adotarmos posturas que nos tornem eternos "camelos" acomodados ao fardo sempiterno, e sim a busca do desarraigar de valores morais que humilham o homem, conduzindo-os à condição

pusilânime. Até mesmo menciona os "acomodados" à cultura de rebanho (nós) de modo pejorativo. Com isso, impele aos que confiam em uma ciência que transcende a dicotomia "bem/mal" para que ousem e não se conformem com as tradicionais leis. Percebe-se, claramente, que Nietzsche para comprovar a sua crítica inverte os dogmas de tal forma a deixar o leitor sem resposta e, assim, tornar-se um seguidor do filósofo que abomina os dogmas "impostos pelo cristianismo". "O que aconteceu na luz atua nas trevas: mas também o contrário", "Três metamorfoses, nomeio-vos, do espírito: como espírito se torna camelo e o camelo, leão e o leão, por fim, criança". Naquele exemplo, propõe que sejamos partes do grupo de astutos que "ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem da escuridão luz e da luz, escuridão; põe amargo por doce a o doce, por amargo" (Is 5:20). Nas três metamorfoses, esbanja criatividade ao usar um apólogo para conotar que, primeiro, passamos pelo aprendizado, depois pelo total conhecimento errôneo e, por fim, temos que assumir novamente a condição de criança para que, numa catarse, abduzamos do nosso corpo o "Tu deves". Adicionando a essa exortação de Nietzsche, poderíamos aconselhar aos seguidores deste filósofo a assunção de ausência de malícia, como nas crianças. Assim, o leão não será só rapace, mas também majestoso. A "moral" autoritária e inexorável é vista com ojeriza pelo filósofo, que propõe um desvencilhar da cultura de rebanho. Contudo, esse rebanho, referido por ele, é o aprisco do Deus da Bíblia Sagrada. E o pastor, que é Jesus, busca uma ovelha perdida. Curiosamente, Nietzsche foi filho de pastor evangélico Karl Ludwig. Certamente, no período em que Nietzsche esteve acometido por sua enfermidade final – paralisia progressiva – creio foi o período em que ele teve encontro com Jesus Cristo. Sim, creio, não tenho vergonha de crer! A recomendação de Paulo a um carcereiro (At 16:31) que alguém atinge a redenção junto com seus familiares (não por causa de salvação ou maldição hereditária, mas apenas por se espelhar em [bons ou maus] exemplos de seus progenitores) eu aplico à história do pai de Nietzsche e ao próprio Nietzsche, que (ao meu ver) foi salvo pendurado na graça de Deus! Não se surpreenda se encontrar o autor do livro "O Anticristo" lá. Quem muito teima e quer o tempo todo estar provando aos outros uma tese absurda é porque sabe que sua tese nada mais é do que um absurdo.

Spinoza, em sua obra *Ética*, que define as afecções, trata dos diversos sentimentos como uma verificação de causa e efeito das situações que levam o homem a tê-los. Para justificar ou criticar determinados sentimentos, compara-os uns com os outros, com objetivo de dissecar completamente a semântica dos vocábulos referidos e de refutar a definição radical que o possa classificar de bom ou ruim. Assim preconiza que todo e qualquer conhecimento confuso e vago deve ser eliminado. Com isso, detalha todos e quaisquer escólios, para não mais permitir que a idéia de moral isole o homem, mas insere este na concepção de vida que analisa o homem em sociedade. Entendemos então, que um sentimento de um aflora quando o sentimento de outrem influi no primeiro, já que várias vezes verificamos Spinoza definir as afecções dubiamente, relacionando a causa de uma à causa de outra. Podemos exemplificar essa afirmação quando divisamos a definição dada por ele ao vocábulo contentamento, percebendo uma tênue alusão a convencimento e ao observar a definição de humildade, parece que estamos diante vendo o vocábulo como sinônimo de senso de inferioridade. Decerto que há palavras que perdem, perderam e perderão sentido no decorrer dos tempos, mas não a palavra (o verbo, o logos). Aquilo que é e não cede ao vir a ser por ser a essência de todas as coisas, no caso do logos, está incólume a mudanças. O significante é para exprimir-lo é só uma embalagem que não danifica o significado, que não precisa de simbologias para continuar sendo aquilo que é. Apenas as tolera como veículo para que apresente o significado de forma a tornar-se inteligível para quem recebe a informação. Jesus é aquele que é. Acredito em humildade – ou como queiram alguns, no que ela significa de fato – segundo o que ele (Jesus) diz ser. Humildade, segundo Ele, significa disposição para servir. Confio no que ele diz por acreditar que é ele o logos. Platão diz que logos é a razão. Já Filon, diz que o logos é a sabedoria divina. Creio que ele traz em si tanto a razão como a sabedoria, tudo com total exatidão porque o seu caráter serve como referência para conceituar o próprio conceito.

Ao vermos um resumo dos ideais desses pensadores, sejam antes ou depois de Cristo, notamos que a moral, não a “moral cristã”, como insinua Nietzsche ser uma espécie de tirania, mas a moral propriamente dita é um conceito estabelecido como lei universal, mesmo que habite numa parte do universo chamada consciência coletiva. É aquilo que nos perturba no nosso íntimo, não se manifestando aos olhos de terceiros. É a noção de certo e errado que todos os homens têm, só que o cristão não os pratica por instinto ou por opção, mas por obediência. Isso que nos incomoda no íntimo do nosso ser e que nos compele a fazer o que é certo é a moral que é apenas confirmada nas Escrituras Sagradas, mas já habita a consciência da humanidade. O imoral é aquilo que transgride a moral. E há “os sábios” que tentam criar o amoral. Contudo, o amoral jamais existirá, pois é diferente daquilo que se assemelha ou contraria a moral. Com isso, “os sábios” são pegos pela brecha deixada por sua própria astúcia, sendo, na verdade, imorais, pensando que são amorais. É impossível tripolarizar (como tentou Nietzsche ao criar o “Além do Bem e do Mal”). Pólos serão sempre dicotômicos. Moral, contudo, serve para que os críticos do cristianismo a designem como um tipo de arbitrariedade. Por isso, a graça divina assegura aos cristãos que é possível ir de acordo com a moral, sem que sejamos moralistas, aplicar a lei, sem que sejamos legalistas, a partir da fé naquele que nos justificou e alcançou a introdução da validade da graça de Deus pai na terra, permitindo que pecadores sejam salvos. E a moral, que é cristã, flui até mesmo por meio de atitudes como a de Pilatos ao escrever na placa “Este é o Rei dos Judeus” sem nem mesmo sentir que estava sendo usado como instrumento nas mãos de Deus para realizar Seus desígnios. Homens imorais também são veículos, mesmo que involuntários, nas mãos de Deus para confirmar a moral.

A moral é amiga do amor. A paixão flerta com a imoralidade. A paixão é diferente de amor, por ser egoísta, doentia e ilusória. Se cada homem concebesse individualmente o o rumo à felicidade (instinto passional), isso causaria confusão. Se cada pessoa tem um desejo, os objetivos agora são entendidos como inúmeras sendas à felicidade, pois se para se chegar a algum lugar existissem um número incontável de veredas, nunca iríamos registrar mentalmente o caminho. Estabelece-se aí a incerteza. O egocentrismo é o principal motivo

da solidão da humanidade, mesmo que o indivíduo esteja acompanhado. Aquele que diz que tem o seu próprio mundo está de acordo com a etiologia do autismo - isolamento em si. A paixão por desejos e o desejo de obter paixões aprisionam o homem ao seu querer. O pendor para o cristianismo é o caminho em direção ao amor ao próximo por imitar o altruísmo demonstrado primeiro por Cristo. Quando Cristo passa a viver em nós, já não há mais a minha vontade exclusiva, e sim aquela que condiz com a de Deus. Ainda temos a vantagem de pedir e obter a bênção em presente vida quando pedimos certo, para que nossa alegria seja completa, além de obter vida eterna, e geralmente não demonstramos prontidão de levar a nossa cruz, que é ínfima se comparada com a de Jesus. Deus nos supre do que é necessário. Em troca, deveríamos deixar de lado paixões que não passam de mimos para que possamos dar o nosso melhor, pois aliviarmos de nós fardos desnecessários.

O exercício intelectual de alguns filósofos é um exemplo de mimo, que geralmente causam divergências entre os próprios filósofos. Schopenhauer entra em conflito com Hegel, Nietzsche critica a filosofia socrática, e outros exemplos. Que Filosofia sábia é essa que se ataca a si própria? No cristianismo, constatamos que Apolo é corrigido com solidariedade por Priscila e Áquila, que antes de tudo o compreende. Daí que vem a correção construtiva. Percebemos que as Escrituras Sagradas nos mostram que corrigir é um ato de amor, verificando o décimo segundo capítulo da epístola aos Hebreus. Danificamos cada vez mais humanidade quando nos esquivamos de correção. Ela possibilita o convívio, pois “apara as arestas”. Deve-se não só preservar a união como buscar a união. O casal de porcos-espinhos ignora as feridas para se manterem juntos em dia de frio. Se animais corrigem seu egoísmo, por que nós homens não podemos. Não é à toa que lemos na Bíblia recomendações de evangelismo a dois, comunhão intensa entre os irmãos, e a menção de que a corda de três dobras arrebenta com mais dificuldade.

Por outro lado, a figura do amigo é proferida pela boca humana de modo desenfreado, bem com a expressão “eu te amo”. O mundo segue na falsa fraternidade, no qual união de nações só é consolidada para reunir forças contra outras nações em declaração de guerra. Jesus nos mostra que a relação fraterna deve ser desprendida de interesses. Quando países mais ricos contribuem subsidiando os mais pobres, é notório o desejo dos mesmos de implante de um sistema geopolítico que favoreça essas nações privilegiadas. Nada é dado, tudo é cobrado. O axioma cristão que exorta a dar de graça por ter recebido de graça reforça

a semântica verdadeira do vocábulo “amigo”. Falsos amigos são vistos nas passagens bíblicas, como Saul, que tomado por inveja, quis destruir a Davi e, tomado por uma compulsiva curiosidade, preferiu consultar uma necromante a aceitar a resposta de Deus proferida pelo profeta Samuel (que morrera), já que o rei escolhido pelo povo de Israel estava tomado de medo. Bildade, Elifaz e Zofar, amigos de Jó, agiram como falsos amigos, visto que conduziram Jó à ira, aconselhando-o de maneira incisiva na hora errada. Jesus demonstra amizade verdadeira, principalmente quando morre por nós, pecadores, para remissão de nossos pecados, mas também demonstra em vida, ao se posicionar ao lado de uma mulher adúltera, livrando-a de um apedrejamento, propondo-a que fosse embora e que não pecasse mais; ao dar salvação a um ladrão que estava ao seu lado no momento da crucificação; ao estimular a mulher cananéia, afirmando que sua fé foi de suma importância na cura de sua filha etc. Destaquei essas passagens em especial para mostrar que amigo é o que está ao nosso lado em momentos difíceis, não apenas nos de glória. É no sucesso que verificamos a quantidade de amigos, e nos momentos difíceis, que verificamos a qualidade das amizades. Com certeza que, por sermos cristãos, não temos uma imediata amizade com companheiros de trabalho, escola e outras atividades exercidas por nós nessa vida secular, por naturalmente o mundo manter-se à distância do povo de Deus. Porém, o tempo lhes mostra que o verdadeiro cristão pode muito bem exercer atividades de extrema confiança, como a de tesoureiro, administrador, advogado e, porque não, a de amigo? Para isso, nosso sal deve salgar de verdade. Não nos contentemos com meras provas imediatas de falsa amizade, como estar conivente com atividades ilícitas de colegas. Mostremos ao mundo que, ao percorrer o caminho certo – que pode ter a porta estreita, mas único em sentido da vida direita, torná-lo-emos conhecedor da “profundidade da riqueza, da sabedoria e do conhecimento de Deus”. Certo homem, não crente, só empregava pessoas cristãs, e foi um dia questionado por ter adquirido tal critério de aquisição de mão de obra. “Eles me ensinam a ser correto”, disse ele. Nossa diferença está surtindo efeito. A vigilância deve ser perene, pois a fraqueza da carne contrasta com o preparo do espírito, como já dizia o nosso redentor.

O poder do cristão de se conter é oriundo do Espírito Santo que habita em nós. O povo de Deus deve fazer usufruto do poder consolador do santo Espírito de Deus, já que o domínio próprio é fruto do espírito, essencial para o controle de nossos ímpetos. Temos autoridade de expelir demônios, mas não é por causa disso que devemos esbanjar a autorizada capacidade.

Devemos evitar a espetacularização. Atualmente, vemos réplicas daqueles que expeliram demônios em nome de Jesus descritos em At 19:15. Estes foram menoscabados pelos próprios demônios. Atualmente, vemos a teatralização desse mesmo exorcismo, que é um ato muito sério para ser exposto dessa forma. Há difusão de jargões errôneos do tipo "amarra o inimigo!", quando ele já foi amarrado há muito tempo por Jesus Cristo na cruz do calvário e na ressurreição. Líderes chegam ao cúmulo de entrevistar as entidades malignas! Não pensem que ele se incomoda com isso. Muito pelo contrário. Ele ri, ele zomba, satisfeito com a imaturidade dos ditos “líderes evangélicos”.

(...)

Reiterando o exemplo de Eliseu, registrado no segundo capítulo do segundo livro de Reis, há os que concluem que um crente pode proferir maldição e essa se concretizar. Contudo, a meu ver, digo que ao abster desse recurso, o crente obtém vitória sobre si mesmo. Façamos um exercício de suposição com a possibilidade desses quarenta e dois rapazinhos dilacerados pela ursa terem se mantidos vivos. Seriam mais vidas a testemunharem sobre a veracidade das profecias de Eliseu, como a vitória sobre Moabe. Um amigo meu fez o mesmo com um determinado patrão que zombou dele por ser ele um cristão. Certo dia, esse patrão, zombando da nossa fê, jogou gotas de cachaça sobre a Bíblia, para “verificar se Jesus ficaria bêbado”. Meu amigo o amaldiçoou, e o patrão queimou-se com um instrumento de trabalho gravemente. Ao comentar o acontecido, tentou justificar-se citando o exemplo de Eliseu. Nesse caso, eu o recomendei a não seguir a Eliseu, e sim a Cristo, principalmente sobre como agir e reagir diante de impropérios e de zombarias que os inimigos venham desferir ao povo de Deus. Ambas as reações – vingança e contenção – surtem efeito, mas a primeira é em curto prazo, e tudo que é feito assim é agradável apenas por alguns momentos. A outra, em longo prazo, nos deleitará no futuro, nos possibilitando presenciar o reconhecimento do inimigo em ter errado, além de divisarmos o convívio dele com a sua própria consciência acusando-o veementemente, castigo considerado como um dos piores. Não está em

discussão se Eliseu estava certo ou não. A questão em pauta é: imitara priori os atos de Jesus ou os de Eliseu. É notório que Eliseu estava revestido do poder de Deus, mas Davi também o estava ao ser amaldiçoado por Simei e se conteve. Jesus, por ser filho de Deus, se conteve ao ser injuriado na cruz. A resposta foi: "Perdoa-lhes, Senhor...". O oferecer a outra face não é uma reação passiva e covarde, como o mundo afirma. É um golpe ainda maior. Você golpeia a consciência do inimigo. Quando você reage segundo o revide, não golpeia-no na consciência. Pelo contrário, fere a sua própria.

No antigo testamento, os servos do Senhor se apoiavam na certeza de terem consigo o Senhor dos Exércitos, ao entrarem em litígios descomunais contra os inimigos. Atualmente, além dessa certeza, nos apoiamos no poder do nome de Jesus. Com essa convicção, derrotamos inimigos que, à primeira vista, pareçam ser imbatíveis. Davi, ao enfrentar Golias, foi com intrepidez, mas não deixou de lado a prudência. Rejeitou a armadura que dificultava os seus movimentos, mas escolheu pedras lisas para derrotar o filisteu, demonstrando que as aferiu antes de apoderar-se delas. Estudiosos afirmam que até a quantidade das pedras (cinco) representavam qualidades de Davi – coragem, confiança, prudência, inteligência e resolução. A história da batalha entre Davi e Golias nos ensina que precisamos agir meticulosamente numa batalha. Presenciei um assalto em um coletivo no qual o ladrão ordenou que uma crente em Cristo Jesus retirasse o relógio de pulso e o entregasse a ele. Ao retirar morosamente a pulseira, ia dizendo: “O nome de Jesus tem poder! O nome de Jesus tem poder”. O ladrão, além de se retirar de perto da senhora, não quis roubar o relógio e, amedrontado, se benzeu. Conclui, então, que o assalto não ocorreu por Deus ter proporcionado livramento, é óbvio, mas também pelo fato de a cristã tirar a pulseira com lentidão, proferindo a afirmação de que o nome de Jesus tem poder fitando o olhar do inimigo, não com arrogância, mas com autoridade, mantendo-se calma e sem medo. Essa é a meticulosidade cristã, aperfeiçoada no temor, não a quem mata o corpo, e sim àquele que faz perecer a alma (que é Deus, não o inimigo como muitos pensam), como está escrito no décimo capítulo do evangelho de Mateus. E simultaneamente a isso, que não deixemos de aceitar que a vingança pertence a Deus. É Ele quem vence as batalhas de seu povo.

Vitória é dilacerar as pedras mundanas, que enrijecem o nosso caminhar, com a mais rija das pedras – a angular, sempre vigiando as pedras lançada pelo inimigo (as que ele quer que transformemos em pão). Hodiernamente, vejo essa pedra do diabo sendo posta no caminho de qualquer homem que não queira se dessedentar na fonte de água viva, preferindo a sequidão do deserto belzebuniano. Que pedra é essa? Ora, qualquer ilusão. Exemplificarei uma destas pedras mencionando a paixão do meu país: o futebol. O que tem mais espaço na mídia é esta euforia popular, quando difunde a festa dos estádios repletos de multidões ensandecidas com o espetáculo futebolístico, com jogadores ostentando fama e riqueza. Certamente, há falcatruas envolvendo negociata de jogadores, evasão de renda, manipulação de resultado etc. Mesmo assim o principal fator para a audiência do esporte não é os problemas que envolvem a corrupção do futebol, mas o espetáculo em si, o espetáculo do esporte. É a arte dos dribles e gols que engorda os bolsos de cartolas, de jogadores e de empresários do futebol e atinge pontos altíssimos de audiência na transmissão dos veículos de comunicação. Agora, a enorme quantidade de jogadores interioranos e suburbanos que pelejam em busca de um lugar ao sol nos gramados, havendo até caso de semi-escravidão de atletas que foram tentar a “sorte” em outros países, é nos mostrado em reportagens sensacionalistas, logo esquecidas pela população do meu país, que insiste em sonhar com um filho talentoso de pés, deixando de cuidar da cabeça da criança. Como sofre um menino que não possui a habilidade na bola! Tudo isso por insistirmos em enobrecer uma ilusão, ao invés de considerarmos o futebol como um mero esporte, como faziam outras gerações passadas. Mesmo que, nessa mesma época, nas décadas de 60 e 70, o futebol tenha sido usado para anestesiar a população para que esta não percebesse as agruras da Ditadura Militar. Mas temos que reconhecer que o futebol era romântico, charmoso, abnegado, inocente e, porque não, divino! Hoje, deixou de ser divino para ser diabólico. O que o diabo fez no deserto foi isso. Tentar persuadir a Cristo que algo pode ser transformado em uma coisa muito mais satisfatória se atribuir a ela um valor diferente do que ela traz em sua essência. A pedra transformada em pão. Um pão falso, pois ele camufla o verdadeiro valor daquela substância chamada "pedra". Hoje, o futebol está envolvido por esse invólucro ilusório. Sei que há os atletas de cristo, e digo que sempre oro por eles, mas que é extremamente injusto um mês de salário de jogador equivaler a vinte anos de salários pagos a um trabalhador de classe média!

Sem contar que é veiculado na grande mídia, com bem mais espaço, a minoria que ascende socialmente ao se tornar um jogador, enquanto que a história da minoria que se frustra, que é totalmente desproporcional aos que tem êxito, somente tem espaço em esporádicos programas de reportagem. O mercado da ilusão alarga mais a porta da perdição, ludibriando cada vez mais os homens.

(...)

Quando vivemos, já temos bastantes obstáculos e a certeza de que Deus nos livrará de todos. Para que inventar mais? Só para testar se Deus é bom? No trigésimo quarto salmo, Davi nos recomenda a provar o nosso Deus e constatar que Ele é bom. Comparando isto com o episódio da tentação de Cristo provocada pelo diabo no momento em que pede para ele se atirar do pináculo do templo, observamos que até Deus gosta de ser provado, mas jamais de ser testado.

Observando as etapas da tentação do deserto sofrida por Jesus, posso considerar a terceira a propriamente dita. Vendo a perseverança de Cristo diante de suas propostas, remete a idéia que o mundo é dele, e que nosso salvador teria o mundo se, prostrado, adorasse ao diabo. Quantas vezes vemos o ímpio se beneficiar por se identificar com o caráter leviano, desonesto e incrédulo de um patrão. Cristo aceitou continuar pobre mesmo sendo rico. E com a resposta brilhante de só prestar culto a Deus, afasta-se do diabo, sem precisar ter saído do deserto, nos ensinando a fugir das tentações e enfrentar as provações.

O inimigo aparenta estar saindo vitorioso na batalha de vida, simplesmente por trabalhar com imagens e aparências. Deus trabalha de dentro para fora, enquanto Satanás trabalha de fora para dentro, como já foi dito. O algoz infernal quer nos convencer de que a obra sacra está totalmente assolada e que dificilmente se soerguerá. As notícias de que o povo cristão está sendo devastado realmente assombra, não só em épocas remotas, como a do Império Romano, mas também hodiernamente. A obra cinematográfica *Bamboo in Winter* (Bambu no Inverno), uma produção premiada pela Associação de Produtores Cristãos de Filmes (ICVM), retrata de forma impecável o que temos que ter em mente para não esmorecermos. Quanto mais se corta (o bambu do inverno), mas se nasce. O filme faz alusão à perseguição que os evangélicos sofreram na Revolução cultural chinesa de Mao Tsé-Tung. Se um provérbio secular afirma que “uma andorinha só não faz verão”, é preciso lembrar que nós,

cristãos, acreditamos que o melhor exemplo de fertilidade superabundante é o do grão de mostarda, o menor dos grãos, que ao crescer transforma-se em uma árvore maior que as hortaliças, como Jesus falou através da parábola. O profeta Isaías, no sexto capítulo do seu livro, diz que até um pequeno toco pode se considerar uma santa semente. Haja vista que a população paupérrima do continente africano se deslumbra quando os missionários cristãos de outros continentes lhes presenteiam com páginas avulsas da Bíblia Sagrada. Então, os africanos anexam-nas a outras, juntando páginas e mais páginas, uma a uma, até que complete toda a Bíblia Sagrada, com incomensurável satisfação. São pequenas ações, contudo, de grande efeito.

O indivíduo debilitado, como é o caso da maioria dos africanos da região sub-saariana, reflete com mais consciência que o sujeito sadio. Horas como essas, em que estamos ajudamos um enfermo, é que devemos estar preparados para introduzir a palavra de Deus. Sabe-se que a audição é o último sentido a se perder. Quando há pessoas vegetando em leitos hospitalares, geralmente em estágio terminal, o ato de entoar louvores ou exortar com tênues sussurros evangelísticos são de grande efeito. O arrependimento pode emergir a qualquer hora, como o do ladrão que estava ao lado de Cristo na hora da crucificação. Não cabe a nós questionar o momento que o Senhor chama um homem para obra, como aprendemos na parábola dos trabalhadores na vinha. Muito menos considerar que os crentes de berço são a elite espiritual, ou dar melhor tratamento ao convertido tardio que, por ter tido mais experiência com o mundo, o conhece melhor e, por isso, tem posse de um arrependimento mais verdadeiro. Deve se tratar ambos com o mesmo amor, pois os que estão na obra há muito tempo possuem o potencial didático suficiente para encaminhar os recém convertidos para uma labuta santa, e quando os novos experimentam o primeiro amor, imediatamente contagiam os “veteranos” com uma vontade de renovação que os protegem de qualquer malefício proveniente de tradições e costumes. Divisamos, pois, a função específica que um cristão que esteja no primeiro aos e aquele que está na obra há mais tempo podem ter. Se Cristo é comparado a um médico, eu diria que os discípulos podem ser comparados a enfermeiros, e o tratamento na área do discipulado pode ser completo quando existem dois tipos de “enfermeiros”: instrumentista (aquele que está a mais tempo na obra, tendo por isso uma instrumentalidade maior para cooperar com o médico-mor para ir a fundo na resolução do problema) e o “estagiário” (que por ser recente na obra, está vibrante em seu mister).

Quanto ao discipulado, ousaria dizer que evangelizar pessoas escolhidas é um erro. Deus que, através de Jesus, deixa bem claro que há um montão de pessoas chamadas, mas um montinho de escolhidas. O campo da evangelização é uma enorme alcatéia, isto é, um campo habitado majoritariamente pelos que se diferenciam das ovelhas. Não temos a onisciência de Deus, que sabe quem é o trigo, quem é o joio...Não sabemos quem serão os escolhidos, por isso, nossa função é pregar a todos os que atravessarem o nosso caminho. A pregação do evangelho não é um ato de convocação humana, pois esta se limita a escolher um grupo que possa ser útil para uma missão de acordo com os critérios humanos que são falhos por natureza por julgarem segundo a aparência. É da vontade de Deus que todos sejam salvos, portanto, todos merecem receber a "convocação divina", que não julga segundo a carne, como nós julgamos, mas segundo um critério que misericordioso e justo. Deus permite que nos aproximemos desse critério de escolha somente através de um sentimento: o amor. Não importa em que estado o homem se encontre no momento da pregação do evangelho. O amor faz com que não demos tanto valor ao que o pecador está fazendo naquele momento, enxergando além, vendo-o como um futuro servo do Senhor, tendo esperança que um dia aquele empedernido pecador irá se arrepender e voltar-se para o Senhor. Verifique os profetas da Bíblia, como Isaías, que no final de cada vaticínio ferrenho, sempre alertava que haverá o remanescente contrito que, cedo ou tarde, volverá em louvor, arrependimento e pedido de perdão ao Senhor.

A nossa diferença também é demonstrada na consciência de que estamos como peregrinos nessa terra. Tentamos encarar qualquer adversidade como algo que devemos resolver a qualquer custo é uma pretensão de intitularmo-nos os donos das nossas vidas. Reivindicamos resultados equânimes da justiça dos homens. Queremos visualizar perfeição nela que é falha por justamente por ser humana. É o mesmo que querer distorcer os desígnios de Deus. Há três tipos de resposta divina: “sim”, “não” e “espera”. Nesta última, reconheço um exercício para a fé, em contraposição a ansiedade. Os nervos ensandecem quando não se tem a confiança no braço forte do Senhor, e ficamos abaláveis e oscilantes, diferentes dos Montes de Sião. Qualquer vento nos desnorteia. Vejamos os serviços burocráticos, especificamente do Brasil. Esse modelo empregatício castra o dinamismo produtivo, visto que a carga horária pode ser preenchida ou por trabalhadores empenhados ou por adeptos à sinecura. Tanto a celeridade como morosidade vai proporcionar a mesma remuneração para

o empregado. O servo do Senhor Altíssimo não trabalha para ser visto aos olhos dos homens, e sim para exercitar seu vigor em gratidão a dádiva de se ter recebido talento e oportunidade para a realização de qualquer que seja o ofício. Não levemos em consideração o salário do mundo, e sim o galardão divino. E o servo que enterra o talento, é visto como negligente e mau, digno de ser estereotipado como inútil, e não serve para nada. Já que estamos de passagem aqui no mundo, que a façamos essa passagem bem feita, para sermos lembrados como úteis às boas obras. E "se alguém não quer trabalhar, que também não coma (2 Ts 3:10)".

Cargas são para serem compartilhadas. O erro do primeiro é o erro do terceiro, bem como o acerto, pois somos representantes uma coisa só chamada humanidade. O fruto proibido utilizado por satanás personificado pela serpente é mais do que o pecado original. Geralmente, um subterfúgio que nós, homens pós-Adão, utilizamos para condenarmos somente o próprio Adão e a sua amada esposa Eva, por terem tido uma só tentação, uma só fruto para não comer – o da árvore da ciência do bem e do mal – e argumentamos que nós, ao contrário deles, temos "vários frutos" para não comermos. Além disso, dirigimos muitas críticas ao homem que teve o contato direto com Deus, como se nós também não tivéssemos. Ora, o fato de ele manter no céu um arco-íris, sinal que alerta à humanidade que a Terra não se acabará por meio de um dilúvio não é uma espécie de contato de Deus com os homens, por mais incrível que seja uma pessoa? E quem disse que a fraqueza de uma pessoa não afloraria diante de tal situação? Poderia não ser a vontade de ser igual a Deus, mas poderia ser negligência de cuidar do paraíso, agressão física ao cônjuge... Veja o meu caso: é fácil, para mim, condenar um irmão em Cristo ou um ímpio por ingerir bebida alcoólica, visto que não já não me dava bem com bebida alcoólica antes de minha conversão. Naquilo que tenho fraqueza – ritmos dançantes alucinados, brigas – outras pessoas se chegam a mim e dizem que esse tipo de fraqueza é fácil de controlar, por terem isso como ponto forte. Entretanto, também não deixam de ter outras fraquezas. Em relação a mim, o diabo não usa um drinque para tentar-me, mas o usa com outra pessoa. Tentame com um som alucinante tocando na casa do vizinho, ou com um sujeito me afrontando querendo briga. Do mesmo modo, fica furioso quando resisto, mas acaba se afastando, pois é passível de ser vencido pelo cansaço. Perceba que cada um tem sua cruz específica para se carregar, pois o calcanhar de Aquiles em alguns deixa de ser calcanhar para ser joelho, ou braço, ou perna... Gostaria de proferir

uma parábola que, de longe não se compara com as que Cristo proferia, mas é pertinente aos dias de hoje e ao meu Brasil contaminado pela promiscuidade. Certo homem, quando foi pobre, alegava que não conseguia se livrar da libido ao, compulsoriamente, sentir os corpos femininos relarem ao seu no interior de um transporte coletivo lotado, se aproveitando da situação. Dizia que se fosse pobre, isso não aconteceria. Após alguns anos, se tornou rico, e comprou um luxuoso carro. De tão vistoso, atraía as melhores mulheres, que não titubeavam e pegava caronas como ele que terminavam freqüentemente em motéis. Ao ser indagado, dizia que se fosse pobre, aquilo não aconteceria. Conclui-se que a causa do pecado desse homem, que não era a condição financeira, e sim a leviandade do indivíduo, quiçá da humanidade em geral, devido à sua inata pecaminosidade. Se eu estivesse no paraíso, talvez não comeria a fruta, por não gostar de frutas, mas poderia deixar de cultivar e arar o solo, como vemos em Gn 2:15 Adão o fazendo. Outros, talvez não nomeassem os animais, agredissem a esposa etc. Não importa a situação, e sim a verdade de se dizer que somos de natureza pecaminosa em qualquer época. Ser amigo da humanidade é dividir a carga da pecaminosidade. Tanto o seu erro como de Adão é o meu.

(...)

O mau testemunho é o esmorecimento da fé. É, paradoxalmente, algo que brota do povo de Deus e entrava a realização da obra que foi edificada pelo mesmo povo em co-operação com o Senhor. Observe um assunto crítico: Quando um indivíduo pratica boas ações, acha que já fez muito pela divulgação do que é o proceder de um cristão, e relaxa, alegando que já fizera algo de extrema valia e que merece "espairecer", "tirar férias", passando a negligenciar na fé descambiando na execução de ínfimas más ações. Como se fizéssemos muito! Ora, nós só fazemos obras inacabadas, enquanto Deus não deixou faltar nada, nem na confecção do nosso Universo Cósmico, nem mesmo na nossa anatomia, sendo até mesmo os nossos fios de cabelos minuciosamente contados e encaixados em cada bulbo do coro capilar. E prossegue o Senhor confeccionando mais pessoas, equilibrando cada vez mais o Universo. Até mesmo quando destruímos o que o Senhor nos deu, Ele usa das coisas mais simples para nos mostrar a solução do problema que, para nós, seria considerado indissolúvel. Hoje, rimos olhamos com desdém para o vírus influenza, e com temor para o HIV. No futuro, trataremos o HIV com o mesmo desdém e nos amedrontaremos com outro, pois o surgimento das moléstias e viroses e suas respectivas determinam a cronologia da humanidade. E a descoberta da cura,

ainda que não percebamos num certo momento, está bem próxima a nós, como a pasta de figos sobre a úlcera de Ezequias (2 Rs 20:7), como a saliva com lodo que Jesus usou para curar um cego de nascença (Jo 9:6). É só ele permitir que alcancemos tal descoberta. Por isso que devemos estar trabalhando, seja em prol da Ciência, seja em prol da fé, para que Ele, em reconhecimento ao nosso esforço, dê a nós a revelação da cura dos males, sendo Jesus a revelação da cura do maior dos males: a morte. Deus trabalha até hoje, tanto para que tenhamos fé (com obras para que ela não seja morta) como para que tenhamos a possibilidade de elucidarmos os enigmas da Ciência.

Por que será que o que sempre está em voga é a disseminação de doenças venéreas? É óbvio que é devido à tendência libertina de o homem praticar o sexo incontinente. Segundo o Pastor Otávio Henrique de Souza, "o Governo, antes de ensinar a população a usar o preservativo, deveria ensiná-la a abster-se do sexo fora do matrimônio", já que o matrimônio é o único exemplo de "leito sem mácula" (Hb 13:4). Só assim não haveria tantos casos de Aids, já que a palavra de Deus é 100% eficaz, e a dita "camisinha" não, deixando a desejar em muitos casos, rompendo-se no ato do coito. Retornando ao fato de, ao praticarmos erros considerados inofensivos, alerto que justamente por terem aparência inócua são tão maléficos como os mais hediondos pecados. Senão vejamos. O ato de odiar a pessoa. Parece uma coisa bem tênue. Entretanto, esse ato contido no recôndito do âmago, invisível aos olhos dos homens, significa "simplesmente" que aquela pessoa morreu para você! Sexo fora do casamento é a revelação da mais preciosa confiança antes do momento oportuno. Se não parece pecado, lembre-se que formar uma só carne (Gn 2:24) com o outro é se dá a conhecer por inteiro, e só nos devemos dar a conhecer por completo a outra pessoa mediante um compromisso sério.

Orar e vigiar, eis a solução! Verificamos no vigésimo sexto capítulo do evangelho de Mateus, quando Jesus estava no Getsêmani e pediu aos discípulos que vigiassem com ele. Percebendo que eles dormiram e não obedeceram à recomendação, Cristo indaga a Pedro o porquê da escolha pela negligência em hora tão difícil na vida de Jesus. Se Pedro vigiasse, talvez não negaria a Cristo três vezes. De madrugada também é ora de vigiar e orar. A

preguiça deve ser “espanada”. O livro de Provérbios contém uma enfática crítica à preguiça. Não tenho o intuito de sempre culpar a Pedro, mesmo por que já passei por situações semelhantes à dele, como ter ficado quieto diante da agressiva invectiva por parte de algumas pessoas, não confessando de imediato ser eu um servo do Senhor Altíssimo, mesmo por que Pedro foi um exímio pregador, que pasmou "as autoridades, os anciãos e os escribas como o sumo sacerdote Anás, Caifás, João e Alexandre e todos que eram da linhagem do sumo sacerdote" (At 4:5,6) em Jerusalém ao pregar, uma vez que Pedro era iletrado e inculto. Eu, mesmo com um pouco mais de conhecimento, dificilmente teria tal intrepidez. O que gostaria de afirmar é que, se falhamos, é por que negligenciamos, pois quanto maior a santidade, melhor se está preparado para romper os óbices da vida. O Senhor é para nós uma torre forte, mas se não a escalarmos, não teremos a segurança que ele nos oferece. Considero que Ele, ao garantir à Igreja de Laodicéia que se alguém abrir a porta (do seu coração) ele entra e ainda ceará com este alguém, adverte contra a preguiça. Levante-se para abrir a porta! Jesus em vários momentos nos alerta para esse problema, denominado pela maioria das pessoas como pecado salutar. Até mesmo quando fala para os sobrecarregados irem até ele (Mt 11:28) ele promete aliviar a carga, mas se deve ir até ele, e não deitar-se para aguardar que ele chegue e nos alivie. Paulo também faz contribuição contra o pecado da negligência, ao ironizar sobre o fato de os Tessalonicenses optarem por não trabalhar para esperar Jesus. Somos do dia, e os que se embriagam é de noite que se embriagam, mas que o dia seja repleto da labuta. Também não desprezemos por completo a noite. É à noite que a vigília é posta em prática. Que o nosso sono não seja um hábito vicioso, mas que seja útil apenas para o repouso e renovação de forças para que, no dia seguinte, demos continuidade ao trabalho.

(...)

O quinhão pertencente a Deus deve ser respeitado. O que foi o pecado de Adão e Eva, senão o desrespeito para com a parte de Deus? A avareza não é um defeito generalizado, mas facilmente adquirido quando temos que nos dispor de parte de nossa posse pecuniária. Os mais abastados recorrem a isenções de impostos na forma de obra social. Por que, se têm condições para pagá-los? Vemos em nosso país que, quanto mais se tem, mas se encontra facilidade de gastos, transações, consumo, negócio etc. apenas com uma certa dificuldade dos mesmos com os entraves alfandegários quando seus produtos comprados no exterior

adentram em território nacional (nada mais justo). Uma certa celebridade, ao viajar para Cancún, teve todas suas despesas pagas pela prefeitura local, quando não precisaria de tal regalia, visto que simplesmente a sua presença lá contribuiria para o turismo local. Repare que a população de Cancún que teve que arcar com as despesas do afamado, pois o erário que cobriu os gastos do célebre hóspede. Curiosamente, os ímpios contestam o dízimo, mas esquecem de que, numa sociedade de consumo, sua escravidão das compras desenfreadas, na maioria desnecessárias, ou atitudes impensadas como essa da prefeitura de Cancún, justificam ainda mais a razão de existir o dízimo nas igrejas, já que ele não representa prosperidade ou ostentação. Ele é para que haja mantimentos na instituição que existe com o fim de ajudar os pobres. Deus não condena as coisas, mas o mau uso das coisas. Pelo fato de as riquezas serem um dos alvos principais da avareza dos homens, ela faz com que o homem se esqueça de Deus. É por isso que Jesus afirma que é difícil que um rico seja salvo. Porém, Abraão, Jó, Zaqueu e outros irmãos citados na Bíblia eram ricos, só que sabiam usar a riqueza para a obra de Deus. Qual a diferença do jovem rico, citado no décimo nono capítulo de Mateus, para Zaqueu? O grau de desprendimento em relação às suas riquezas. O jovem rico percebeu a riqueza como algo apaixonante que jamais poderia ser substituído pela decisão por um proceder cristão, e Zaqueu, ao crer em Jesus, mostrou estar pronto a se ver livre dela, por tê-la, talvez a usado mal outrora. Portanto, Zaqueu pode ser um cristão rico por colocar a riqueza em segundo plano. Já o jovem rico, optou por priorizar a riqueza. Lembre-se de Salomão, ao pedir sabedoria – uma riqueza espiritual – podendo, assim como o Zaqueu, se apoderar tanto da riqueza espiritual como da material. O jovem rico, caso não tenha se arrependido de sua avareza, não ficou com uma coisa nem outra no final de sua vida.

Capítulo II

Para estar pronto a servir a Deus, deve-se estar pronto para ser perseguido. O caminho percorrido por quem foi considerado eleito por Deus é difícil, mas contém a paz que excede todo e qualquer entendimento que nos ajuda a suportar as perseguições. O momento da conversão desperta no indivíduo a consciência de que o timoneiro do "barco" – a nossa vida –

passa a ser dono do mar, e tudo vai bem, segundo o ponto de vista cristão, que significa que o fim da “viagem” é um “porto seguro”, mesmo que haja tempestade no trajeto. A visão holística divina nos convence de que o caminhar terá o fim de acordo com quem é o próprio fim. Descansar no Senhor não significa deixar por conta de um vento aleatório, e sim de um vento norteado. Todavia, assim como a besta descrita no livro de Apocalipse que emerge do mar agirá no tempo da grande tribulação, o diabo também não esmorece em atribular o “mar” que é o mundo e o “barco” que é nossa vida. Ele demonstra a sua revolta como um “maremoto”. Se fôssemos incrédulos convictos, eu compararia a nossa vida com uma espécie de rally, o mais chafurdado possível. Pelo menos, não estamos na lama, apenas num mar revoltado. Significa apenas que Deus está provando aquele que estará com ele por toda a eternidade. Mediante sua graça ele nos salvou. De fato que, a salvação não depende de nós. E que dizer do versículo que diz que o reino dos céus é tomado por esforço (Mt 11:12)? Ora, no barco há o timoneiro e toda uma tripulação. Ela participa, apesar de só o primeiro conduzir o barco. A participação, a co-operação nos fazem também responsáveis pela nossa salvação. Deus ao escrever a linda história de nossas vidas se apraz que sejamos colaboradores, apesar de Ele ser o autor par excellence dessa linda história.

(...)

Aristóteles, filósofo da Macedônia (384-322 A.C.) afirma que há coisas que aceitamos acidentalmente. Por exemplo, há os que, por se agraciarem por sabores doces, ingerem o vinho, e o teor alcoólico surge como efeito acidental, já que a intenção foi a de obter um gosto adocicado. Se este indivíduo ficou embriagado por exagerar do açúcar do vinho, não foi com intencionalidade, e sim com execução fortuita. Ele propõe que se deve apenas considerar somente a doçura do vinho, não o teor alcoólico, para induzindo ao aprendiz a acreditar que se há algo de bom numa substância que açambarque o seu lado negativo, que a consideremos toda ela boa. Sabemos, como cristãos, que não é assim nem a respeito do vinho. Arvorando sempre a bandeira da moderação, garanto que Paulo defende o uso do vinho com toda a razão, visando à saúde (I Tm 5:23), pois a advertência é para quem é dado ao vinho (I Tm 3:2). A referência ao pensamento de Aristóteles no que concerne ao vinho é um alerta. Os ébrios podem usar como subterfúgio para se embriagar o "doce do vinho", e isso pode ser mais uma comprovação da tese do mau uso das coisas. A faca corta o pão e mata, mas não é certo livrar da condenação o assassino que alegou que detinha um artefato que também é

benévolo em determinadas funções. Quanto ao uso do vinho em memória do sangue de Cristo derramado em favor do pecador, devemos salientar que é assaz adequada, por o vinho imbricar em um só caráter o teor alcoólico (simbolizando a morte, algo ruim) e a doçura (tão saborosa como a vida). O enfermo que apresenta o quadro de hemoptise convive com um gosto ruim, mas o pecador que, arrependido bebe do sangue de cristo – em sentido espiritual – sente um gosto ruim e bom ao mesmo tempo. Dá-se mais valor ao gosto bom, apesar de que não se ignorar o gosto ruim, como postulou Aristóteles.

Certa vez, um tio meu, quando criança, não sabia qual era o líquido vistoso que enchia um copo sobre mesa, e ingeriu tudo em um gole só. Tal foi a reação imediata do teor alcoólico no organismo do meu tio, que, mesmo sendo baixo, levou-o ao desmaio, pois ele não estava acostumado, já que era muito jovem. O inimigo tende a adocicar nosso paladar para nos ludibriar. Sabemos que o cianureto (cianeto de cálcio), um raticida usado para envenenar também pessoas, e o arsênico são misturados a bebidas apazíveis para disfarçar o verdadeiro amargor fatal de seu alto grau de toxicidade. Lúcifer (anjo de luz) assume, geralmente, a forma angelical para enganar (II Co 11:14), pois usa essa máscara para angariar seus objetivos. Fantasiase do que é bom aos olhos humanos. Entretanto, não podemos olvidar que todas as armas usadas pelo diabo são entregues a ele por nós mesmos. São as brechas deixadas abertas por nós para que ele entre e atue. Adão e Eva, ao comer o que não deveria, abriu uma brecha considerável, pois foi o ponto de partida para que o diabo encetasse o seu grande projeto – ter o homem como importante aliado para uma conspiração contra Deus. Um poro (da alma), para o diabo, é uma cratera! Para que a alma não fique permeável à ação de Satanás, deve-se tapar as brechas nela com santidade. Não é à toa que irmãos da fé são constantemente usados pelo inimigo (não buscam a santidade, a leitura da bíblia etc.). O banho quente dilata os poros de quem opta pela temperatura alta da água para o banho e suas peles ficam permeáveis ao vírus da gripe. O que pratica com frequência e satisfação o pecado, como o adepto ao banho quente, está tão vulneráveis ao veneno de satanás que suas brechas já se tornaram depósito do veneno satânico. Em relação ao povo de Deus, quando um deslize é cometido, um poro é aberto, uma gota do seu veneno é destilado nesse poro da

compleição espiritual, que poderá se tornar o armazém de veneno se adotar (ou praticar com constância) o banho quente do balneário satânico.

Notem que o diabo, apesar de não ser onipresente ele quer que acreditemos que ele é. Certamente que o seu maior desejo é ser igual a Deus, e ainda que convencer o homem ainda hoje que também pode conseguir tal façanha. Entretanto, o máximo que consegue é ser uma caricatura. Vejamos algumas passagens bíblicas que registram a vida de Moisés, no livro de Êxodo. No sétimo capítulo, ele lança sua vara e mostra que seu objeto transforma-se em uma serpente. Os sábios e encantadores revidam, com vários outros répteis rastejantes. Vendo isso Moisés poderia pensar que estava em má situação, pois em quantidade, ele estava derrotado. Porém, a serpente, representada na vara de Moisés, traga as demais. Uma prova de que o original vence a caricatura. Em outro ponto do mesmo livro do Pentateuco, vemos as pragas sendo lançadas em terra egípcia devido à teimosia de Faraó em liberar o povo hebreu. Para que o coração de Faraó continuasse endurecido, era necessária uma cópia que o cegasse, impedindo-o que aceitasse a condição soberana do Senhor dos Exércitos. Por isso, os magos plagiaram as pragas do sangue e das rãs, mas não conseguiram copiar piolhos, moscas e gafanhotos. Todavia, vemos que a bonança após as pestes nos animais, úlceras, saraivadas, gafanhotos e até mesmo a proteção ao gado do povo de Israel e a não danificação do trigo e do centeio provocaram a persistente detenção do povo de Israel – o endurecimento do coração de Faraó. Uma das poderosas armas do inimigo é a falsa sensação de bem estar durante um período de bonança que cega e anestesia um indivíduo, impedindo-o que perceba que aquela bonança também pode anteceder outra iminente tempestade. É a ilusão instilada nos homens por

Satanás, que apregoa num momento de calma que "prazeres seculares são eternos". Trata-se de um exemplo de aforismo caricatural, já que o Senhor mostra que "na eternidade haverá o prazer sem fim", conceito bem diferente do demonstrado por Satanás.

Resultante ao fato de vicissitudes obedecendo à vontade e aos desígnios de Deus, suscita-se em homens dúvidas quanto à criação do homem. Seremos criados para sermos mal para a calamidade e bom para o louvor a Deus? Será que isso é coerente com o ato de criação? Ora,

se somos feitos a imagem e semelhança de Deus, devemos olhar mais para nós mesmos para dirimir determinadas dúvidas. Quanto o homem, no ato de criação, já prevê os benefícios e malefícios de um objeto criado, está por acaso optando por disseminar o bem ou o mal? Não. Está jogando para a humanidade a responsabilidade do bom uso ou o mau uso das coisas, assim como o Senhor o faz. É a confiança no homem. Deus confia em nós. Uma de nossas maiores criações, incontestavelmente é a informática. No entanto, observe o seguinte exemplo: a pesquisa no campo cibernético tende para o prenúncio do início da auto-suficiência dos chips. Haja vista que o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, a mais importante faculdade de engenharia do mundo, tem como base de investimento o estudo da inteligência artificial. Suponhamos que a infundada inteligência artificial das máquinas venha a ser uma realidade. A criatura tornar-se-ia rebelde ao criador? Claro que sim. Conseguiria sua total auto-suficiência? Claro que não. A história da Torre de Babel, escrita no décimo primeiro capítulo do livro de

Gênesis, nos mostra o escarcéu que pode provocar a conspiração humana contra Deus, mas, por Deus conhecer o homem até mais do que o próprio, Ele sabe exatamente como confundi-lo. Ora, por que vocês acham que existem zonas específicas em nosso cérebro, cada uma responsável pelo aprendizado de um determinado idioma? Deus é providente e previdente. Ele já está preparado para as conspirações humanas antes da fundação do mundo. Entretanto, os homens reiniciam a conspiração, induzidos pelo diabo. O que é a globalização, senão uma nova versão da construção da Torre de Babel. Voltando à inteligência artificial, o primeiro objetivo de uma sociedade constituída por computadores seria uma tecnocracia. Entretanto, digo que poder de Deus sobre o homem, bem como o do homem sobre as máquinas, é indiscutível, por ser Deus e o homem o dono de meios e modos de abastecimento de suas criações. No 147º Salmo bíblico, vemos que Deus dá aos animais o seu sustento, e nos deu a capacidade de produzir, mas com auxílio das águas, da terra, do ar e do mar concedidos por Ele. Logo, seja qualquer invenção inventada pelo homem, terá antes a mão de Deus. O que seriam das placas do computador se não fosse o Silício? O computador não tem um inventor certo, por se tratar de uma evolução inventiva (cálculo, ábaco, calculadora e, hodiernamente, nossos companheiros PC's), mas sabemos que foi a mão do homem, orientada pela mão de Deus. O mesmo que cede as fontes de energia, memória e, podemos mencionar com todo o cuidado, a "inteligência" ao computador. Se, porventura, eclodir uma

rebelião cibernética, pelo menos servirá para uma coisa: o homem verá que quando a criatura apodera-se de uma propriedade característica que deveria ser exclusividade do criador, isso não é bom. Com certeza, a reação humana será condenar as máquinas rebeldes ao inferno cibernético. Seria uma justiça humana aos moldes da justiça divina. O cristão só deve ter apego a tal progresso tecnológico pelo o utilitarismo dos computadores para nossas necessidades, e o que é isso, se não as máquinas nos servindo. As máquinas são nossas servas, assim como somos do Senhor. Afirmo, pois, que a batalha final entre Jesus e o Diabo é uma luta que envolve forças maiores, mesmo que já esteja decretado que o primeiro é o vencedor (Ef 6:12). A provável tecnocracia só serviria para dar uma lição ao homem sentiria um pouco da tristeza que o Criador sente quando a criatura se rebelou contra Ele.

Antes de cuidar da inteligência artificial, ainda temos muito que aperfeiçoar a nossa inteligência natural. Há confusões sobre conceitos relativamente fáceis de se compreender. Como, por exemplo, a tendência humana de deturpar o conceito etnia com o caráter racial, religioso, sexual de determinada parcela da sociedade. Outrora, vimos negros da África sendo negociados como escravos, índios taxados de silvícolas primitivos e as mulheres repudiadas, como ainda verificamos no ato de se mutilar o clitóris das mulheres indianas, roupas herméticas das paquistanesas, e outras atitudes para com as mulheres, com o fim de rebaixá-las à condição de seres inferiores. O cristão, ao contrário desta parcela, pretende vencer a perseguição sem necessariamente aniquilá-la, por ser a perseguição uma marca do evangélico. Temos os nossos lugares de honra, nossas bênçãos, mas podemos dizer que nos enquadrados nas minorias excluídas. Os Talibans do Afeganistão, comunistas da China e FARC colombiana ao perseguirem os cristãos, acossam a opção pelo cristianismo, e essa notícia não ocupa o lugar merecido nos jornais, assim como atrocidades chacinas de missionários. Esse é o tipo de perseguição representada na forma da omissão, mas justificada e explicada por Jesus: "sereis odiados de todas as nações (Mt 24:9)" ou por Paulo: "somos considerados lixo do mundo, escória de todos (1 Co 4:13)".

Intentam abafar para impedir, em vão, a difusão da força do evangelho pregado pelo

salvador. Sua morte sem culpa mostrava que, como líder, ele seria perigoso para as injustiças. Contudo, sua ressurreição fortaleceu a autenticidade de seus dizeres. É difundida com ímpeto de tornado, impossível de deter. Portanto, o tratamento discriminatório de países como China, Cuba, México, Paquistão e outros países, não deve-nos revoltar a ponto de aprontarmos um precipitado préstimo de protesto, clamando por liberdade de expressão religiosa, e sim continuarmos empenhados na obra. Um jeito de mitigar a perseguição é o trabalho repleto de desvelo, que produz para a nação, não olhando para ela como pátria idolatrada, e sim como pátria abençoada por um Deus que nos chamou para servir por nos amar primeiro. Dissipa-se o ódio com amor. Eis um bom uso da inteligência.

Se os países citados a usufruíssem, verificariam que o cristianismo também tem sua utilidade para o progresso de uma nação, assim como o fez Constantino, imperador Romano, que instituiu através do Edito de Milão (ano 313) o cristianismo como a religião oficial do império (embora eu não concorde com a autêntica conversão de Constantino, é inegável que ele foi um instrumento na mão de Deus a favor do cristianismo). Voltando para a realidade brasileira, concluímos que nas favelas ocupadas pelo tráfico de drogas, a obra do Senhor aviva o respeito e esperança de um lugar no espaço na mentalidade do indivíduo, que estaria envolvido em atividades ilícitas das comunidades carentes. É correto afirmar que, atualmente, a marginalidade está organizada, e oferece um status, autoridade e estabilidade financeira, mesmo que restrita e durante uma vida efêmera. Contudo, ilegal e em desacordo com a palavra do Senhor, por o tráfico entorpecer, desestabilizar a família, matar etc. A válvula de escape para o pobre ter uma vida digna e honesta pode ser a vida religiosa, o esporte e a arte, desmentindo que o homem seja fruto do meio. Além disso, os criminosos sempre são a minoria de uma comunidade favelada. Tirar o cidadão da favela não é sinônimo de evitar que ele venha a ser um criminoso – embora ele venha a estar longe do perigo de um tiroteio, do aliciamento do tráfico etc. O evangelho preconiza que temos que ter a consciência da permanência na obra em que fomos chamados para servir (I Co 7:20), e que, geralmente, é no local em que moramos fomos colocados por Deus é que devemos fazer a diferença. O favelado pobre cristão é tão pobre quanto o seu vizinho ímpio. Conversão não é sinônimo de ascensão social. Pode haver, sim, o melhor direcionamento de gastos e investimentos, evitando-se que o salário venha servir para o sustento de vícios, canalizando-o para a compra de produtos de primeira necessidade. Mas o cristão pobre é pobre como o ímpio pobre.

Ambos podem vir a ascender socialmente, mas nenhum dos dois ascende ou deixa de ascender por suas opções religiosas. Gostaria de alertar a ambos sobre o maior dos problemas, que supera inclusive a violência causada pelo tráfico de drogas nas favelas. A hipocrisia política. Em época de eleição, nas favelas há um rebuliço para ver quem ajuda mais o povo carente. A obra cristã é perene, além de abnegada aos interesses eleitoreiros, e almeja dignidade para o pobre sem fechar os olhos para a realidade, sem temela. Portanto, o governo sai ganhando, mesmo que não seja cristão, por obter a solução para a criminalidade apenas ao permitir que o evangelho flua nas favelas.

Já a busca por orientação surte mais eficiência quando as dúvidas são dirimidas ao recorrermos ao povo de Deus (para ser mais específico, ao homem de Deus). Não só sobre assuntos referentes à fé. Há cristãos especialistas em qualquer área profissional. Quando Jesus Cristo ensina que é necessário que mais de uma pessoa do corpo eclesiástico tome o conhecimento de uma contenda, na arguição de um irmão supostamente culpado (Mt 18: 15-20), nos remete que na Igreja existem idoneidades específicas para cada membro. Nada nos impede de buscarmos a solução com pessoas que não confessam ser Jesus o salvador de suas vidas, contudo, minha recomendação visa a congruência de ponto de vista, para que se chegue a resolução pelo caminho correto, pois os fins não justificam os meios. Lembremo-nos da recomendação de Paulo, ao alertar no sexto capítulo de sua epístola aos Efésios para a prática do bem para com todos, mas principalmente à família da fé, justamente por ela saber como receber a benesse, além de estar em constante procura por alguém que tenha os mesmos valores e a chave da solução de um problema. Senão vejamos: um cristão passa por um problema financeiro, mas sua profissão é a de Tesoureiro de uma firma. O conselho não pode ser extraído de qualquer pessoa, visto que a solução mais evidente ao povo desonesto seria o desfalque provisório do cofre da firma. Confirmamos essa efetiva elucidação, aos enigmas que a vida nos propõem, melhor executada com o apoio de pessoas dedicadas à santidade, quando verificamos no quarto versículo do segundo livro de Reis a sunamita, que tivera seu filho morto, se conter o suficiente para, em primeiro lugar, comunicar ao homem de Deus – no caso, Eliseu – evitando dar a informação de imediato a

Geazi, auxiliar do profeta, e ao próprio marido. O fato de darmos preferência ao homem de Deus é somente a direção da petição por ajuda a um sujeito que trabalha antes para Deus do que para homens. Não se pode olvidar, pois, de um dos conselhos mais inconseqüentes dado a Amnom, por Jonadabe, que levaram o primeiro ao incesto e à morte (2Sm 13: 1-30).

Destarte, o inimigo de nossas almas justificará essa preferência por ajuda mútua, em âmbito confrade, como errada, fazendo com que seus seguidores entendam a nossa atitude como segregação. É notório que essa sagacidade satânica já é previsível, pois ele sempre agirá com mentiras ao nosso respeito e, por isso, somos bem-aventurados (Mt 5:11). A estratégia do diabo é quase perfeita por ele usar, na maioria das artimanhas, a própria palavra de Deus. Quase nunca ele se apresenta com sua face horrenda. A sutileza de sua falácia está alicerçada na sua empedernida distorção da verdade. O que é a luxúria, senão uma desenfreada paixão pelo mecanismo da procriação? E a crença na comunicação com mortos, que não passa de uma interpretação torta do que ocorreu na transfiguração? Se ele tentou Jesus no deserto, usando as Escrituras Sagradas de forma distorcida, também fará isso conosco, já que conta com vários artifícios imagéticos que confundem nosso aprendizado, tais como propagandas subliminares de diversos formatos (sonoras, visuais, sensuais etc.), tentando obstruir o fluxo (nosso entendimento) com sua poluição, dificultando ao máximo a transmissão da mensagem divina. Eis o porquê da grande quantidade de corações endurecidos. Suas setas não consistem em trabalho, mas num atalho direto ao nosso inconsciente.

A facilidade é a arma que o diabo usa para induzir o indivíduo à busca de falsos lenitivos diante da vida, aprisionando-o na ilusão do verdadeiro alcance a felicidade. Por isso, utiliza a consubstanciação entre os bens materiais, sensuais, inebriantes e outros que venham a funcionar como embustes para confundir o homem. Este passa a não mais saber a diferença entre euforia e alegria, paixão e amor, repouso e preguiça, levando-o a fazer escolhas por determinados modos de proceder sem o devido preparo, passando, então, a crer que o

objetivo principal do homem é a alienação diante dos problemas do mundo – se a pessoa em questão for um sujeito privilegiado – e a inconformidade (personificada em rebeldia ou sufocada em estoicismo) – se tratar de pessoa infortunada. Por isso, Jesus oferece a simplicidade, que difere da facilidade. Ele mostra que o verdadeiro alívio somente é alcançado quando recorremos àquele que tomou sobre si os nossos problemas. Por Jesus ter levado sobre si as nossas transgressões (Rm 4:25). Crer em Cristo enriquece mais ainda o significado semântico da palavra "crer", pois não é somente acreditar, dar por certo e aceitar como verdadeiras determinadas afirmações, mas também descansar, aliviar-se, vislumbrar a vitória e entregar ao nosso advogado (Cristo) a causa de nossa vida. Digo que Cristo é o nosso perfeito advogado (Paracleto) e o diabo é apenas um rábula (mero advogado sem diploma), que oferece os seus serviços aos que desconhecem da ausência de poder que ele tem sobre nós.

Outra face divulgada pelo inimigo ao nosso respeito é a de dignos de compaixão. Por sermos mansos, os outros entendem a nossa compleição como a da aceitação por todo e qualquer sofrimento, para a difusão de uma imagem de pobres necessitados. Quando Pedro entristeceu-se por Jesus predizer constantemente sua morte (Mc 8:31-33), cômico da vontade de Deus, Jesus percebeu que Satanás que o impelira a modificar a mensagem, sendo esta apenas um modo de esclarecer o que as próprias escrituras relatavam – morte e ressurreição, e não uma petição por socorro. Estêvão, ao morrer, pediu para que não imputasse sobre os membros do Sinédrio, responsáveis por seu apedrejamento, o pecado cometido (At 7:60), e o mesmo Pedro, que compadecera-se de Jesus, e os demais apóstolos foram açoitados por terem sido fiéis a Jesus (At 5: 40-41), e jamais rogaram por comiseração, e sim se regozijavam. Ser humilde não significa que temos que implorar por migalhas. Podemos até comê-las, mas temos que ter a dignidade de esperar o tempo que for preciso, até que elas sejam jogadas pelos homens. Implorar, só a Deus ou em nome de Deus!

Digo a petição aos homens, mas não a Deus, por ser, a ele, correto o ato de se humilhar e implorar para se obter algo, como fez a mulher cananéia ao demonstrar tão grande fé quando clamou ao Filho de Davi pela cura da filha endemoninhada. Deus (Jesus) tem a visão perfeita sobre o ensejo de dar algo pedido, concomitantemente a isso, quer nos ver colocando em primeiro lugar a devoção ao abençoador em detrimento da bênção. Mas analisamos o erro dos israelitas, pois ao virem a Samá para suplicar com insistência a constituição de um Rei (1Sm 8) direcionando o clamor a Samuel, e este, por instituição divina, estabelece o primeiro rei humano: Saul. Ao passar do tempo, o iluminista Montesquieu (1689-1755) concebe a tripartição dos poderes. Ora, o que não é o Poder Legislativo (encarregado de elaborar, aprovar e expedir as leis), Poder Executivo (encarregado de executar ou fazer executar as leis) e Poder Judiciário (encarregado da fiscalização do cumprimento das leis, sem que lhe permita qualquer excesso), senão o poder de, respectivamente, Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo. Entretanto, os homens, por serem falhos no que concerne a crer sem precisar ver, optam por poderes estabelecidos por homens e situados em instituições, tais como fóruns, câmaras de deputados, parlamentos, palácios governamentais, tão visíveis quanto suas falhas (corrupção, letargia, incompetência etc.), mas que é “perceptivelmente melhor”. Por termos implorados a concessão da autoridade ao semelhante, permitimos o direcionamento irregular do curso da justiça aqui na terra. E Deus, por não fazer acepção de pessoas, permite também que um ímpio detenha o poder, para que o povo de Deus não somente pratique a obediência no meio de cristãos, mas para que também possamos demonstrar sujeição às leis dos homens (exceto àquelas que vão de encontro à de Deus).

Obedecer à autoridade do criador é um ato de amizade, bem como submissão a quem nos deu dom da vida. Não se deve entender essa submissão ou a nossa servidão como escravidão atroz (somos cativos em amor). Quem retruca e discorda que somos criados para o Seu louvor deveria olhar para as suas próprias criações. Quem cria um cão, não pretende que ele o morda. Quem inventa um robô, o faz para a produção e diversão, e não para o contra-ataque. As plantas a serem escolhidas para enfeitar nossos lares, quando são venenosas, intoxicam nossos filhos menores e animais. As melhores para se ter são as que não ocasionam dano. Por

isso, o homem, objeto de criação divina, é feito para o louvor de Deus, para então alcançar um estreito laço de amizade e possuir livre acesso a Ele. Se o que em vida quis se tornar totalmente pernicioso no teste da amizade com Deus (vida secular), seria nocivo também no pós-morte. Por isso, haverá o abismo que separará os justos dos injustos.

(...)

A morte de Jesus é o sacrifício perfeito, por ser expiatória e vicária, encerrando com a possibilidade de outras personalidades conseguirem o título de salvador. Podem ter outras denominações, como mártires ou líderes, porém, além de Cristo ter sido totalmente eximido de qualquer culpa, até mesmo por Pôncio Pilatos, demonstrou um tipo de tolerância e caridade diferente das demais figuras de destaque da história da humanidade. Citemos um exemplo:

Mahatma Ghandi, grande pacifista indiano, colocando seu povo subjugado pela Inglaterra em condições de enfrentar o inimigo imperialista usando armas pacíficas como a produção dos seus próprios meios de subsistência (sal, tecidos etc.) para aniquilar com o domínio do comércio estrangeiro que adentrava no seu país e a aceitação da agressão por parte do inimigo. Contudo, houve uma falha, como tenho a certeza de que houve em todo o humano que vive, viveu e viverá na terra. É só perscrutar. Ghandi, ao conjecturar que os Muçulmanos entrariam em guerra com o povo indiano, sugeriu que os seus seguidores atirassem os próprios corpos para que estes fossem atingidos pelas armas dos inimigos e, assim, vencer-lhes-iam pelo cansaço. Com isso, fica claro que Ghandi queria derrotar a angústia com seu próprio esforço, enquanto Jesus confessou que estava, decerto, angustiado, mas contou com o exercício divino. Com isso, nunca será possível ao mundo a substituição do príncipe da paz por outro líder, visto que a sua vocação foi impecável, e as de todos nós difere daquela apenas por não sê-la. Cada caráter é um caráter, e o de Cristo se propõe à disposição firme e constante para a prática do bem puro. Os que se aproximam dessa disposição, podem se intitular seus imitadores, independente do período (antes ou depois de Cristo), pois assim foi com Paulo (I Co 11:1) e com o profeta Isaías, que era o conselheiro do povo de Judá, e

vaticinou o Messias vindouro "Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz (Is 9: 6), mesmo com seu ministério ocorrendo em 740 a.C.

O virtuosismo profuso infla o ego. Jesus, ao ser perfeito, traz alívio e evita que sejamos pretensiosos em atingir a condição de virtuoso propriamente dito. Sejam santos, separados e humildes de espírito, e imitadores do salvador, mas não um concorrente. O indivíduo ou objeto que tende a equilibrar-se em poder com Cristo, consegue apenas uma linha da distorção da realidade convergindo para si, e dessa linha, postula sua heresia, se ela conflitar com os relatos bíblicos e dizeres cristãos. Como já foi dito, amais poderá chamá-la de moral. A norma de conduta a partir desta é diferente do pragmatismo, já que as normas de conduta oriundas da moral não provêm de formalismo de boa etiqueta, mas daquilo que incomoda na consciência humana - o que é mais particular num indivíduo e o que Deus nos inseriu para que também sejamos contribuintes da sua vontade.

(...)

O homem salvo é engrenagem do processo gradativo que apresenta, como ordem cronológica, as seguintes etapas: predestinação, chamado, justificação e glorificação da parte de Deus (Rm 8:30). Assim, emerge um dos assuntos mais debatidos no meio cristão, que abordo apenas pelo exercício de suposição, pois este provoca um interesse de aprendizado. Seria a predestinação uma forma de Deus discriminar alguns? Decerto que não. Uma impecável metáfora usada por Jesus ao tornar os seus discípulos "pescadores de homens" denota a mão de Deus "pincelando" ou "pescando", por sua misericórdia, os santos (separados e/ou justificados), livrando alguns da sinuosidade natural desse mar de lama que os homens se encontram, pois este seria o nosso destino natural, por causa do pecado. Livra o seu povo da condenação com a sua graça, "pois todos pecaram e carecem da glória de Deus (Rm 3:23)". O primeiro homem pecou, e recebeu a morte como salário. Porém, foi criado para ser alma vivente (Gn 2: 7). Entendo que Adão pode ter sido salvo, pois fora prova viva

de pecado e arrependimento. Presumo que tenha sido laureado pela graça de Deus sem mérito (angariou alma vivente), assim como todos, exceto Cristo, o cordeiro, que não pecou jamais, merecendo a entronização. Ora, a morte referida no sexto capítulo da epístola aos Romanos, como salário do pecado, é a primeira, pois há duas mortes. A segunda, é o lago de fogo (Ap 20:14). Haverá choro e ranger de dentes. Digamos que os condenados são providos de "alma morrente". Uma morte sempiterna, contínua. Por isso, meu modo de ver a predestinação é condizente com o supralapsarianismo (predestinação divina antes da queda do primeiro homem), e descarto o infralapsarianismo (depois da queda).

Pergunto eu: e os que passaram da vida para eternidade sem terem passado pela morte, como Enoque (Gn 5: 24), Elias (2 Rs 2: 11) e Melquisedeque (Hb 7: 1)? E os que verão Jesus voltar (Lc 9: 27)? Incontestavelmente, não viram nem verão a morte. Contudo, podem ser classificados, indubitavelmente, como merecedores do salário do pecado. Por terem tido encontro com ela, não receberam este salário? Decerto que não. Entendo, pois, que Jesus por ter passado pela morte e ressuscitado ao terceiro dia, obteve vitória na batalha contra ela, sendo que ainda obteremos vitória total, quando ela for vencida totalmente (I Co 15: 26). Os citados acima não a conheceram, mas não podem ser intitulados como vitoriosos sem terem a graça de Deus sobre si. Só com ela, podem ser considerados laureados com vida eterna. Um competidor que abandone a prova, não por desistência, mas por um imprevisto qualquer, nunca poderia ser considerado um vencedor. Cristo, que é Deus, é a garantia da salvação de todos. Enoque, Elias, Melquisedeque e os salvos que presenciaram a volta de Jesus Cristo tem somente nessa garantia a senha para alcançar a vitória sobre a segunda morte, mesmo sem terem passado por ela.

Se o homem que fruiu o paraíso natural o rejeitou, os que o não o fizeram não poderiam proceder diferente. Com isso, criam condições imediatistas para auferirem os "paraísos artificiais". Já que o mundo está contaminado pela obra satânica, um âmagu sequioso procura

uma forma de atingir o prazer extraído de fontes diferentes das do mundo. A natureza tem estas mesmas fontes, mas para serem usadas para outros fins que não seja o prazer imediato. O que dizer dos parques aquáticos, bronzamentos artificiais e alimentos transgênicos? Não seriam uma fuga da má qualidade daquilo que a natureza nos está oferecendo de maneira defectível (se está defectível, é por culpa do homem). O banho de mar poluído, os raios solares ultravioletas provocadores de câncer de pele devido a danos na camada de ozônio e as frutas, verduras, legumes etc. desapropriadas para o consumo devido aos organoclorados são o motivo da fuga. Todos sabem que o uso das drogas é uma alternativa desse prazer imediato. (tanto que o famoso poeta francês Charles Baudelaire escreveu o livro "Os paraísos artificiais" para dar seu alvitre sobre como consumia e entendia as drogas). Há várias explicações para o usufruto da química ou da própria natureza (cogumelo alucinógenos, cannabis sativa etc.) para a busca do gozo urgente e passageiro, que difere do prazer que está na lei do Senhor. Excitação intelectual (expansão mental), combate à dificuldade de dormir ou simplesmente vontade de visão desvairada para estar em sincronia com a loucura mundana. No entanto, não há estímulo melhor do que a convicção de nos sentirmos alguém ao saber que o nosso corpo é santuário de Espírito Santo (somos parte Dele), e deve estar em perfeito funcionamento, com as células em perfeito metabolismo. Para que estimulantes (anfetaminas), se a mão do Senhor nos ergue a cada dia e nunca nos deixa ficar prostrado (Sl 37:24)? Para que LSD - Dietilamida de ácido lisérgico, maconha e cogumelos, se os jovens e mancebos terão visões inefáveis nos últimos dias, sem a necessidade de alucinógenos (At 2:17) Para que barbitúricos, se "em paz me dito, e logo pego no sono" com a segurança que só Deus me dá (Sl 4:8)? A partir dessas premissas seguidas por conclusões, exorto que boa coisa é rejeitar a droga que não seja receita por bons médicos, pois a verdadeira utilidade da química e da vegetação medicinal jamais será atrelada a vício, entorpecimento, efeito depressivo e embriaguez. Se na linguagem vulgar a droga dá "onda", creio que a palavra de Deus é uma "vaga" (onda enorme), porém eterna.

Os anorexígenos, ou moderadores de apetite, não são usados pelo mesmo motivo das drogas citadas, pois o usuário não almeja sensações agradáveis. Eles, quando usados indevidamente,

vão contra ao biotipo de uma pessoa. Com isso, a conformidade de aceitar a sua própria anatomia como Deus a fez passa a não mais existir. O indivíduo procura se moldar, pretendendo tomar o lugar do oleiro-mor, que é o senhor. Não só o obeso quer se ver transformado. Todo tipo de inconformidade com o corpo é prova de ojeriza ao santuário do Espírito Santo, e isso desagrada a Deus com toda a certeza. Devemos reconhecer que a carne não permanecerá. Ela é matéria, portanto, passará. Uma roupa que meu espírito está vestindo enquanto estou de passagem por esse mundo. Aprendi a amar o meu corpo e cuidá-lo com exercício físico -pouco proveitoso (Tm 4:8), mas não deixa de o ser-- e boa alimentação. Os exagerados reparos estéticos nos fazem amar mais a carne do que o espírito. Creio que a operação de Deus é mais eficaz, por moldar o meu caráter. Abduz as obras da carne e enxerta os frutos do espírito.

Na busca de todos eles, leio bastante a Bíblia Sagrada. E a partir desse hábito adquirido, surgem as formas de se assimilar com facilidade o que ela quer dizer. Um desses meus aprendizados flui com bastante exatidão quando faço o seguinte exercício: emparelho duas passagens bíblicas para chegar a uma conclusão sólida a partir de uma reciprocidade. Vejamos um exemplo básico: 1) "quem não é por mim é contra mim" (Lc 11:23); 2) "Pois quem não é contra nós, é por nós". Se o que não é contra, é por, e o que não é por, é contra, entendo que essas evidências, a partir de dois relatos, faça com que a recíproca seja realmente verdadeira. Não, não fiz isso para criar um sofisma? Fi-lo justamente para acabar com alguns legalismos. Se "todas as coisas são lícitas, mas nem todas as coisas convêm", aquilo que convêm, é lícito, nos dando a permissão de praticá-las. Façamo-las todas, sem medo de represálias.

Outro método de pesquisa da Bíblia, também de inter-relação entre versículos, me ajudou profundamente a entender as nuances da vida de um convertido e de um desviado, no momento de transformação. Uma das características que mais me chamavam a atenção era o

comportamento que os mesmos apresentavam, merecendo um destaque que não possuíam antes da libertação do pecado, em se tratando de um, e rejeição da palavra de Deus, referindome ao outro. Tornaram seres em evidência. Li o sétimo versículo do capítulo vinte de Êxodo (inserido nos dez mandamentos), no qual noto que Deus “visita a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos”, e relatei com Mt 12: 43-45, cujo o tópico é o fato de a saída solitária de um demônio que incorporara um indivíduo e, na possibilidade de retorno, trazia consigo mais sete espíritos malignos e piores do que o pioneiro, para no sujeito referido habitar. Vendo isso, compreendi melhor a transição de ser a fase seguinte de uma transformação ser mais contundente, concluindo que a maturidade (em se tratando de pessoas do bem) e pseudo-autosuficiência (no que concerne a pessoas do mal) serem mais inerente às convicções. As referências bíblicas encontradas no rodapé de todos os exemplares e versões, somando àquelas que nós mesmos fazemos, levam-nos a um elo escriturístico que contribui para um silogismo compreensível a nós, estudantes da Bíblia Sagrada.

Gosto de utilizar as passagens bíblicas para confronta-la com os chamados “ditados populares” (ou seculares, se preferir). Não anulo todos, mas a maioria. Há um que diz o seguinte: “Deus escreve certo por linhas tortas”. Como se Deus estivesse acometido por uma espécie de mal de Parkinson espiritual. Quando eu leio a Bíblia, vejo que “Os preceitos do Senhor são retos”, no décimo nono salmo. Escuto outro dizendo que “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, fazendo alusão, não ao fenômeno natural da queda d’água numa rocha, mas aos objetivos atingidos com êxito a partir da obstinação, insistência, repetição exacerbada. Vejamos o vigésimo sexto capítulo do livro dos Atos dos Apóstolos: diz que “dura coisa é recalcitrar contra os agulhões”, ou seja, não adianta “esmurrar ponta de faca” (fiz essa comparação para não discriminar todo e qualquer provérbio). Há pensamentos que são compatíveis com a exortação divina, mas devemos ter o cuidado com muitos outros, pois podem habitar por muito o senso comum e servir como querer se passar por moral. Há

quem diga que o adágio "faça por ti que eu te ajudarei" tenha sido proferido por Deus e está na Bíblia. Onde? Talvez o deus de outra bíblia que não seja o da Sagrada.

Deus é bom.

(...)

O Criador estampou sua marca na criação, mas é preciso que na criatura autoconsciente – o homem – esteja confirmada essa marca nas boas atitudes. Por incrível que pareça, a natureza e a criança manifestam (*manifestus* = *manus* = tornar palpável) essa glória de Deus, por serem despojadas de malícia e orgulho. "Vinde a mim as crianças", "Olhar os lírios do campo" é sentir a glória de Deus. Não basta, entretanto, só sentir. Se não atrelar ao criador, tanto um quanto outro tornam ambos emancipados, desarmonizados. A criança precoce, adulta, sai do natural, adquire excrescências. A erva que inebria sai do propósito estético e medicinal. Estando em harmonia com Deus, passamos a olhar para tudo como de fato tudo é. Perceba que dois conceitos parecem ter sido um castigo para o homem. Um, em perspectiva divina, e outro, em humana. Trata-se do trabalho (instituído por Deus para que o homem saiba extrair, de forma elaborada e zelosa, o seu sustento) e da prisão (detenção de indivíduos considerados perniciosos à sociedade). Quando eles servirão para nos edificar? Considero, pois, Adão e Paulo como exemplos para dirimir essa questão. O primeiro, trabalhou em total comunhão com Deus, sendo essa atividade integralmente boa (Gn 2:15). Após a queda, passou a sentir o labor como algo não tão agradável assim (Gn 3:19), mas que deveria continuar a fazê-lo. Paulo (ainda como Saulo) demonstrava-se fleumático ao encarcerar cristãos (At 8:3). Ao ser encarcerado, demonstrava-se tranqüilo também, a ponto de manter a calma e evangelizar o próprio carcereiro que o vigiava (At 16: 27-34). Aquele que não está no trabalho está em situação ruim (desemprego ou ócio). E o que está na prisão, o mais comum é que esteja lúgubre. Às vezes encontramos essas situações adversas que, se correlacionadas, formam uma solução que serve tanto para inflar um bem para abarcar infelizes, como para reduzir o mal e amenizar a pena do indivíduo infortunado. O trabalho ocupacional, realizado em inúmeras instituições difamadas como cárceres institucionais, na verdade tem livrado os reclusos da ociosidade. Cito como exemplo o serviço realizado pela Divisão de Educação e Cultura do Departamento Estadual do Sistema Penitenciário –

DESIPE, pelo Núcleo de Ensino e Pesquisas em atenção ao Uso de Drogas – NEPAD e pelo Museu de Imagens do Inconsciente do Centro Psiquiátrico Pedro II (todos do Rio de Janeiro), além de outras instituições espalhadas pelo mundo que também realizam a terapia ocupacional. Esta, além de eliminar o sedentarismo comum nesses locais, ratificando a recomendação paulina a alguns da Igreja de Tessalônica – que não queria trabalhar para esperar Jesus acomodados, parafraseia aquilo que Jesus falou sobre o trabalho realizado, "não pela comida que perece, mas pela que subsiste a vida eterna, a qual o filho do homem vos dará". Nessas instituições de reclusão, seja para tratamento ou penalidade, a comida é dada ao interno por direito, sem a necessidade do trabalho. Sabemos, contudo, que a refeição servida ali não pode não se assemelhar com a qualidade da comida ingerida por nós em âmbito caseiro feita com “carinho de mãe”. Também não posso afirmar que lá existiam condições ideais para o trabalho. Entretanto, faz-se mister declarar que no Pavilhão Lemos de Brito do Complexo Penitenciário do Frei Caneca, prisioneiro que trabalha três dias ganha um de liberdade, e os pacientes (doentes mentais ou drogadictos) do NEPAD são melhores visto pelos médicos, tendo maior probabilidade de alta clínica. Mas percebi que o maior motivo da vontade de trabalhar é a reconquista da dignidade, seja com arte, evangelização, trabalho braçal e/ou intelectual. Assim, qualquer um chega próximo ao comportamento do cristão, pois ser crente é saber servir com alegria. Portanto, trabalho e prisão podem edificar tranquilamente, desde que se difiram de, respectivamente, sinecura e oficina do ócio, entrando em harmonia com os preceitos divinos.

A sinergia em atividade é a formação da unidade. E quando eu falo de Sinergia, não me refiro à teoria sinergista da regeneração da alma dos semi-pelagianos com a qual eu não compactuo, mas da cooperação mútua entre os irmãos em favor do corpo de Cristo. Mas não é suficiente apenas a unidade no corpo de Cristo no aspecto físico, mas tornando-nos uma só anatomia divina, vendo o mundo de uma perspectiva única, mantendo as concepções individuais, mas tendo a consciência de estamos amalgamados num só espírito, ou melhor, No Espírito. Somos um no amor de Jesus e unidos pelo Espírito Santo (espírito-mor). Sei que sou fração desse todo no sentido físico, mas um em espírito no amor de Jesus.

Cada qual com a sua característica e personalidade. Todos com experiências peculiares e formas diferentes de conversão e de se escutar a voz de Deus. É importante compartilhar

experiências, mesmo que sejam vistas pelos incrédulos como impossíveis de ocorrer, pois sei que muitos assim percebem os milagres e prodígios realizados por Jesus. Posso dizer que já tive as seguintes experiências com Deus: vi marginais debandarem, pois pedi ao Senhor que eu ficasse sozinho com o líder deles (um amigo de infância que se tornou um traficante), para levar a mensagem do evangelho; percebi um clarão quando eu andava na barca que faz a travessia Rio / Niterói, relacionando-o com um chamado de Deus, servindo para que eu ignorasse uma situação difícil que eu passara; constatei que, diante às provações mais acerbadas, o Senhor sempre colocava um anjo ao meu redor para me ajudar, além de palavras santas proferidas, até mesmo por pessoas não cristãs; amigos evangélicos, que também se relacionavam com meus patrões e colegas de trabalho que execravam o povo de Deus, por mais paradoxal que possa parecer, iam ao meu ambiente de trabalho para me consolar; minha segurança totalmente eficaz diante da turbulência de uma das cidades mais perigosas do Rio de Janeiro, na qual eu moro...Bênçãos incontáveis associadas à garantia de nunca me deixar envergonhado (Jl 2: 26) e de livramento das tentações que eu não pudesse passar (I Co 10: 13). Quem vive as promessas de Deus, como eu estou vivendo, percebe que a única fidelidade indefectível é a Dele.

A fé vem pelo ouvir; e o ouvir, vem pela pregação da palavra de Deus (Rm 10:17) e a letra mata (II Co 3:6). Os vocábulos grifados, apesar de serem, respectivamente, significado e significante, são antitéticos. O primeiro é a concatenação dos signos, enquanto o outro é um isolamento semiótico, que somente inter-relacionado, forma uma coerência. Apegarmo-nos a signos isolados é um erro. Trechos devem ser, sim, ditos de forma concisa, pois uma parte de um legado é adequada a uma determinada situação, mas devem ser sempre contextos. Estes dão clareza para que a mensagem seja transmitida na íntegra, o que torna a parte de um legado autêntica. Algumas seitas usam os versículos isolados para que o conveniente seja praticado e o incômodo aos olhos do sectário, descartado. O compromisso com qualquer que seja o segmento requer o agir de acordo com aquilo que satisfaz e aquilo que não satisfaz.

Quando o leitor da bíblia é um crente, há o discernir espiritual na leitura. Quando é um estudioso, o desvendar intelectual (útil e fundamental também para o crente). Se ele é um erudito que percorre com a vista o que está escrito nas Sagradas Escrituras, o método é tanto intelectual como mnemônico (este, útil, mas não precípuo, já que a mensagem é o que importa, e não o simples decorar). Destarte, deduz-se que só é possível com fé estabelecer diferença entre determinados conceitos aparentemente sinônimos, mas não o são, como mansidão e passividade, humildade e autocomiseração, sono de repouso e sono de preguiça, trabalho profícuo e trabalho entesourador, deixando claro que, para o povo de Deus, esses conceitos dúbios não passam de ilusionismo semântico, e isso só se percebe quando se obtém visão espiritual cristã.

Um dos principais discernimentos é saber a diferença entre radicalismo religioso e empenho na obra sacra. O vigor aflora, certamente, em função da espiritualidade dedicada, desprendida, intrépida e prudente. Ao unir os quatro conceitos, chegamos ao equilíbrio mental ao adotarmos para a nossa vida um segmento espiritual, já que a prudência refreia os excessos causados pela intrepidez e a abnegação orienta a dedicação, pois subtrai qualquer tipo de interesse. O radicalismo é o conseqüente desequilíbrio mental do sujeito despreparado em receber uma doutrina, não se edificando e se jactando externa ou internamente. O uso da força derruba com toda tolerância preconizada por Cristo, além de causar repulsa ao receptor da doutrina apregoada. O fundamentalismo não pode ser entendido como a intervenção da religião na organização político-social. Se ela é cristã, sabe lidar pacificamente com a convivência. Cristo, quando justifica o publicano (Lc 18:14) e afirma que um determinado fariseu que o questionava não está longe do reino dos céus (Mc 12:34) ensina que só se arrebanha sendo receptivo. Alijar alguém sem conhecimento prévio é o pré-conceito propriamente dito. Entendo o fundamentalismo como a ausência de controle dos ímpetos diante da absorção de uma mensagem, seja ela, doutrinária, religiosa, política etc. Notamos o crescimento do fundamentalismo islâmico que acarreta no mais inexorável terrorismo. Quero, porém salientar que o cristão que usar os princípios bíblicos através de

gritos e exasperações, no intuito de impor um governo e um modo de proceder cristãos, está sendo fundamentalista. O correto é governar como um cristão, e proceder como Cristo. Há uma tênue diferença entre sofrer por uma causa e sofrer para uma causa. A primeira idéia exprime compromisso, enquanto a segunda, ostentação provocada por uma paixão cega. Os seguidores da primeira, "se humilham e serão exaltados". Os da segunda, "se exaltam e serão humilhados" (Lc 18: 9-14).

O povo de Deus não deve se envergonhar de Cristo (Mc 8:38). Assim, assume a condição de cristão ao dar o bom testemunho e declarando a sua fé. Contudo, devido a esta assunção individual, surgem as provações, os questionamentos e as tentações dos prazeres da carne a serem superados, etapa por etapa. Se antecipar é colocar a mão humana naquilo que é para ser executado pela mão de Deus. Para exemplificar, mencionarei os que se matam, como kamikazes e os terroristas islâmicos suicidas que para, respectivamente, serem um exemplo patriótico e alcançarem uma suposta redenção aceleram o processo de morte para dar celeridade a transição da vida secular para a situação após a morte promissora. O povo de Deus deve estar ciente que é necessário que todas as coisas aconteçam, todas as promessas e profecias descritas na Bíblia, além do fato de que o nome de Jesus deve ser conhecido por todos na Terra para que ele volte. Por isso, o ardor para o trabalho de evangelização se difere da ânsia de chegar logo ao fim.

Congregar é uma das práticas mais profícuas do meio cristão. Comunhão entre os irmãos acarreta no compartilhamento do aprendizado e certeza da presença de Deus no meio do povo reunido. Digo isso porque surge os que alegam que não existe ainda a Igreja sem mácula e sem ruga para se congregar, usando isso como subterfúgio para não freqüentar uma Igreja. Vejamos: 1) certamente, não é a Igreja que salva; 2) a Igreja é formada por homens falhos, justamente por serem homens; e 3) devemos cuidar primeiro do interior da Igreja para depois cuidar da fachada. Com base nestes três tópicos, presume-se que a ida à Igreja – casa

de oração – é para louvor ao Senhor em companhia de muitos (não todos) que pensam da mesma forma. Quando uma pessoa com ideais desinstitucionalizadores, adeptos à corrente abolicionista radical (esta, presume que a sociedade tutela melhor o indivíduo do que qualquer forma de instituição) argumentam que a instituição não condiz com as escrituras, esquece que quando Jesus afirma que na casa do Pai há muitas moradas (Jo 14:2), dá o entendimento de que um local resguardado é de cerne celestial. Não devemos, sim, colocar a frequência às Igrejas nem os sacramentos acima da adoração, mas devemos continuar a congregar. Se o sujeito se acha bom demais para o convívio com reles humanos falhos, mas um motivo para que ele congregue, já que sua vida "será um exemplo" para os demais. A melhor forma de se cuidar do interior da Igreja é constituir o seu escopo de irmãos que dêem o bom testemunho continuamente.

A disponibilidade para se obter ensino do Espírito Santo é busca da santificação, que entendemos como prontidão a esse aprendizado. Ele nos "ensina todas as coisas" (Jo 14:26) justamente para preparar o cristão em constituir com Deus um elo que seja perceptível e, devido a essa percepção, imarcescível para aquele que perseverar até o fim. Até mesmo a purificação do nosso contato imediato com o Senhor é feito, já que o Espírito Santo torna, através dos "gemidos inexprimíveis" (Rm 8:26), a nossa oração totalmente agradável a Deus. Esse feedback é mais uma prova incontestável de que a aliança permanece, acabando com a tese de um Deus totalmente afastado dos homens e demasiadamente complexo. Os Dele, entende o que ele diz.

Através desse aprendizado que ficamos prontos a semear os bons frutos. Não devemos entender como contradição no dizer de Cristo que "pelos seus frutos os conhecereis" (Mt 7:16), e os feitos executados para serem vistos aos olhos dos homens, tão condenados pelo próprio messias. Para entender as recomendações encontradas no sexto capítulo do evangelho de Mateus, dadas por Jesus (não orar nas sinagogas e praças, em pé como hipócritas; não dar esmolas exibindo-se para os homens e não jejuar e se mostrar contristado), é preciso perceber o erro que é almejar a demonstração pública para a auto promoção, deixando de lado o fim principal dessas práticas. O secreto, que é a não

necessidade de aprovação humana, apresentase como essencial nessas três formas de agradar a Deus, pois é antes a Ele que, ao conversarmos com Ele, ao nos separarmos para Ele e ao realizarmos boas obras para que a fé (meio de agrado direcionado somente ao Pai) não seja morta, devemos prestar satisfação. Já os frutos, é a prova de os homens reconhecerem uma verdadeira conduta cristã de outrem— não de aprovação humana, pois esta vale apenas para irrepreensibilidade— e são, justamente, provenientes do Espírito Santo. Só através dele se é capaz de vencer a guerra contra as obras da carne. Por isso devemos nos encher do Espírito (Ef 5:18), isto é, estar em cooperação com a atuação de Deus em nossas vidas. Depois desse processo, as pessoas passam a ver o povo de Deus naturalmente, sem a necessidade uma exposição anunciada. É notório que se o povo de Deus em regime de monastério, isolados para o mundo, não poderia influenciar. No momento de plantação e ceifa dos frutos espirituais é que é a hora de observação para quem está de fora das experiências cristãs. Ficar em surdina total poderia se equivaler ao sistema bancário offshore, que tem uma movimentação financeira altamente sigilosa, e seus clientes são, geralmente, acusados de estarem envolvidos em atividades espúrias. A comissão responsável pela administração de uma igreja cresce em fidelidade — que é parte do fruto do Espírito Santo — para com os irmãos agindo com lisura, informando aos que depositam suas ofertas no gazofilácio quanto ao destino das ofertas. Observe as Ilhas Cayman (um exemplo de sistema bancário offshore), que abarca um dos maiores paraísos fiscais do mundo. Sempre levanta suspeita nas movimentações financeiras, devido à ausência de inspeção sobre a origem do dinheiro aplicado por seus clientes. Em qualquer que seja o sistema humano, é necessário fiscalização, inspeção ou, no dizer dos preceitos bíblicos, que sejamos "peneirados como trigo" (Lc 22:31).

Lisura é franqueza. Deus é franco. Nos mostra que há mistérios que precisam ser revelados — e os são só por Ele — para que o seu povo seja orientado. A própria Bíblia é um exemplo desse mistério revelado. Deus já dirimiu dúvidas que ainda confundem o humano — o diabo confunde, como já foi dito. Veja o exemplo da serpente de bronze (Nm 21:8,9) feita por Moisés. Ela naquele momento serviu para cura dos Israelitas que a olhavam com fé, mas não

era para ser usada como objeto de culto (simbolizava prenúncio de Jesus). Essa confusão fez com Ezequias, corretamente, condenasse o mau uso de tal serpente. Jesus deixa claro que sua mãe e irmãos são os que os que fazem a vontade de Deus (Mt 12: 46-50). Com isso, percebe-se que Maria deve ser amada, assim como todas as pessoas precisam ser amadas, mas não idolatrada. Esses exemplos exprimem a vontade de manter a aceitação diante de uma primeira impressão. Examinar as escrituras é esquadrihá-la, não meramente tomar nossas conclusões a partir de um primeiro olhar. Quem indicou a feitura da serpente de bronze para o uso devido? Quem exclusivamente gerou, no ventre de uma mulher, a Cristo? Essas respostas se obtêm com um conhecimento mais aprofundado dos fatos. Quando uma pessoa nada na praia, não tem um entendimento completo do que é o mar, conhecimento esse mais acessível aos mergulhadores, por imergirem aos níveis quase abissais. Para a pessoa que busca realmente a Deus, o estudo evita que tendamos para teorias que nos convençam através de uma vigência agradável ao nosso primeiro olhar. As vigências, modismos e até mesmo as tradições que sejam fruto de uma primeira impressão, não podem ser considerados realidade. Não esquadrihar as escrituras com cuidado é renegar o relato detalhado por Deus encontrado na Bíblia Sagrada, considerando qualquer doutrina como divina.

Se a esquadriharmos, podemos encontrar a essência de postulados concebidos recentemente antes mesmo de pesquisarmos algum teórico. Henry Fayol (1841-1925) engenheiro de minas francês e um dos teóricos clássicos administradores, afirmou que para que haja uma boa administração, uma organização deve respeitar as seguintes etapas: 1) previsão; 2) organização; 3) comando; 4) coordenação; e 5) controle. Para uma perfeita administração, é melhor que estas mesmas etapas estejam num processo de confiança máxima, no que concerne à entrega total das organizações que somos parte (igreja, emprego, escola, nosso próprio corpo etc.) à ação do Senhor. O quadragésimo sexto salmo, composto pelos filhos de Coré, inspirados por Deus, denota todas as fases descritas por Fayol, respeitando inclusive a ordem. Para começar, atentamos para a descrição sobre o que é prever, realmente. Dá-se a partir do momento que confiamos ao Senhor a função de atalaia – ofício conhecido por está no alto, privilegiado assim por uma visão panorâmica. Deus é o "refúgio e fortaleza", isto é, o

atalaia perfeito, pois não só vigia, como presta o socorro nas tribulações. Se Ele se apresentou como refúgio é por que Ele já previa as nossas lutas. Sendo assim, mesmo que possa parecer redundante, há organização (ordem) nas organizações (funcionamento orgânico). Quando cremos que Ele é o princípio e o fim, automaticamente confiamos na sua pré-vidência. Então, a organização alija o medo. Não teme, "ainda que a terra transtorne". O medo gera tormenta e conseqüente desorganização. Já descrevi que o que levou a Epicuro a amofinar os que não se adequaram com a pólis (cidade) foi o medo das turbulências. Deus, intervindo na pólis, torna-a inabalável ("cidade de Deus (...) jamais será abalada"). É possível que isso ocorra mesmo em vida presente, pois como o próprio salmo nos mostra, a ajuda divina vem desde o antemanhã. Seu comando ajusta as incompatibilidades de reinos e nações (Sl 46: 6). Chegamos a essa conclusão vendo os resultados do peso da sua mão poderosa quando Ele põe termo à guerra. Nesse salmo, Deus recomenda que aquietemo-nos, para que haja um perfeito funcionamento numa totalidade coordenada. E para revisar (ou “antever”) os ensinamentos de Fayol numa versão revista e atualizada pelo que é atual sempre (a palavra de Deus), o salmo finaliza fazendo uma alusão ao título do livro: Deus conosco. O verdadeiro controle, que é o responsável pelo equilíbrio de todos os sentimentos e ações através de um dispositivo espiritual que tanto nos detém quanto nos impulsiona no momento certo. Sabemos que domínio e poder pertencem a Jesus. Só teremos o poder de se ter domínio e o domínio sobre o nosso poder ao adquirirmos o temor a Deus. E essa aquisição se dá com a total entrega de vida a quem esta verdadeiramente pertence: Deus. Ou Emanuel, que é Deus Conosco (Is 7:14, 8:8; Mt 1:23), se preferir e realmente crer.

Capítulo III

Crer também é aceitar que em todo e qualquer homem o Espírito de Deus pode vir a habitar. Volto a dizer: não entendamos essa assertiva como os hinduístas entendem, ao olhar a criação como extensão imanente do criador, nem como o arminianismo, que diz que o

homem tem algo de bom dentro de si que o levará salvação, pois cremos que o homem é mau por natureza. Contudo, devemos olhar para os pensadores racionalistas, cientistas ateus, artistas pseudo-livres, bandidos, ou qualquer estado em que se encontra um ser humano em um determinado período de sua vida “sabendo ver”. Acredito que em todos há esperança de salvação sim por conter em cada homem um “vazio do tamanho de Deus”, como disse Pascal. Espaço este que só pode ser ocupado pelo Espírito Santo, que tem poder e autoridade para atuar como quer a hora que quiser. Contudo, quem resiste, sofre mais nessa atuação por não aquiescer com o bem. Mas, se aquiesce, ainda que esporadicamente, o que nos impede de falar como Jesus que o aquiescente “não está longe do reino dos céus”? Por isso que digo que não é sábio pregar a rejeição a todo o ser que pratica o pecado, mas de o que há de mal nele. Se quitarmos, por exemplo, um imóvel para culto cristão que fora propriedade de um espírita, que não nos livremos dos tijolos, apenas das entidades espirituais malignas que ali estiveram pairando.

Certa vez, num debate cristão, eu disse que o filósofo dinamarquês Kierkegaard tinha suas razões quando disse que só podemos entender as verdades essenciais por meio de paradoxos, pois não podemos alcançá-las objetivamente, e quase fui “engolido”. Para mim, ele foi infeliz ao em dizer que a verdade é uma subjetividade e em conceber a fé como um salto no escuro (ora, a fé cristã é inteligente, e é um salto na luz, como diz o Pastor Rafael). Mas não se equivocou por completo em relação ao paradoxo. Mencionei os conceitos “contradição” e “paradoxo” que, embora pareçam ser sinônimos, não os são, descrevendo o primeiro vocábulo como “exclusão recíproca de duas proposições”, e o segundo como “dupla implicação entre uma proposição e sua negação”, isso segundo a Lógica. Ainda exemplifiquei o primeiro exemplo com a dicotomia trevas/luz, e o segundo, com a dicotomia ação/reação. E para finalizar a minha defesa de que Deus lida com paradoxos, por ser o impossível dos homens o possível de Deus, falei de Raabe que mentiu, mas foi abençoada, Moisés, que matou e foi usado por Deus para difundir o “não matarás”, Davi, que adulterou e foi chamado amigo de Deus, não por isso, mas no conjunto da obra de sua vida, e arrematei abordando o fato de Davi ter comido o pão da proposição e Pedro ter ouvido Deus falar que o

que Ele considera santo não é comum, na visão dos animais impuros. Em suma, quis mostrar que antes do mandamento e da Lei, temos que olhar para Deus. Fui mal interpretado por ter usado a Lógica. Reconheço o meu erro nesse ponto. Mas jamais reconhecerei que não posso achar dizeres divinos, num determinado momento, em alguém satânico, ainda que seja três palavrinhas seguidas (lembrem-se de Balaão, Caifás etc). Satanás nos engana com o famoso ditado : "Pau que nasce torto, morre torto" e acrescenta: "...e os tortos são meus para sempre e 100% tortos". Eu creio que há um Deus para desentortar, simplesmente porque, mesmo que um ser humano, ainda que não seja considerado filho, é criatura, e criatura d'Ele, e “enquanto há vida, há esperança”. Essa esperança inicia acendendo a centelha que se exprime naquilo que há de bom nessa criatura humana. Essa centelha se tornará, no escolhido, fogo puro do Espírito Santo. As virtudes devem ser cultivadas. Devemos destruir apenas o que há ou havia de ruim na compleição do nosso antigo homem.

Em um dia de debate com meus familiares que até aquele momento não eram cristãos, discorriamos sobre a preferência paterna a um determinado filho. Posicionei-me com a tese que um pai tem preferência por um em exclusividade, sendo também quase "deglutido" pelos entes queridos que compunham a mesa da conversa. Justifiquei a tese mencionando a simpatia, a reciprocidade afetiva e outros fatores. Os outros rechaçaram a minha opinião, com seguinte antítese: os pais gostam dos filhos de igual forma, mas às vezes não há demonstração de amor devido à fleuma de alguns progenitores, à falta de reciprocidade, como eu havia dito, e a outros fatores. Tentei explicar que esse atributo paterno (não da mãe, visto que o amor materno adapta-se às inusitadas situações, às vezes sem depender de causa, como por exemplo, uma cadela que tratara como seus próprios filhos filhotes de gato que ficaram órfãos) não é estático. Observem: houve extrema identidade com um determinado filho. Entretanto esse, que na maioria das vezes é o filho biológico, não retribui o amor dedicado pelo pai. Os outros filhos recebem esse amor, já que o primeiro não quer receber. Os demais podem fazer por onde e ter esse amor. E o primeiro pode retribuir simultaneamente com os demais. Nivelar-se o amor? Ainda não, pois o primeiro é um somatório de identidade, simpatia e reciprocidade, enquanto que os demais, apenas o

utilizado pelo amor merecido. Entretanto, "preteridos a priori" podem se superar com a demonstração de amor, não apenas para com o pai, mas também para com o preferido. Uma das formas de o preterido receber o amor do pai de forma igual ao que o pai deposita no preferido é aquele amar este que é o "filho amado a quem o pai se compraz". Isso nivelará o amor que antes era díspar, desnivelado pelo amor ao preferido. Defendi ainda que esse apanágio é inato aos humanos. O amor paterno de Deus é diferente, pois é amor também de mãe (reúne seus pintainhos debaixo de suas asas) e de Pai (Aba Pai). Contudo, olhamos para Israel, Israel escolhido e Ismael. Judeus, nós e árabes. Filhos, adotados e bastardos. Ora, tanto filhos e bastardos podem vir a ser adotados, eliminando qualquer tipo de injustiça por parte de Deus. Então, se o Pai escolheu ao se aprazer de alguns, por que o homem não o faria? Em Efésios 1:4-5 está escrito "em amor nos predestinou para ele, para a adoção dos filhos" e em Timóteo 2:4, vemos que Deus "deseja que todos os homens sejam salvos". Portanto, expressei essa minha opinião crendo que ela seja lícita, por eu não estar na carne, isto é, baseado em pontos de vista humanos, mas crendo que houve uma escolha Divina, totalmente ausente de injustiça por exprimir na condição de "filho adotado" tantos os adotados como os filhos e bastardos que vierem a estar em Jesus.

Tanto o exemplo de Kierkegaard como o exemplo da "tese do amor paterno" descrita anteriormente está em priorizar o discurso e o momento do discurso, esquecendo-se que o orador ou escritor é sujeito a influência do contexto histórico e das emoções. O ideal seria que analisássemos ou amássemos, antes do discurso ou escrito, quem foi o autor. Thomas Hobbes, apesar de ter escrito o tão temido *Leviatã*, era dócil. Claro que não podemos os escritos do autor. Entretanto, deveríamos agir como Jesus que perdoou àqueles que não sabiam o que faziam. Estendamos a lição Cristã: "Se não te condenaram, ó mulher pega em adultério, nem eu tão pouco te condeno. Mas vai e não peques mais". Nietzsche, em relação aos seus livros teria dito: "Uma coisa sou eu, outra coisa são os meus escritos". O Ex-Presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso, outrora considerado o príncipe dos sociólogos e que discorria tão bem sobre Dependência Associada, que é a união do capital estrangeiro com nacional em prol do desenvolvimento de seu país, um dia teria dito

"Esqueçam o que eu escrevi". Sejam, portanto, justos ao atribuirmos culpa a ambos os declarantes e escritores. Se for erro, erro. Se for acerto, acerto. No primeiro caso, vemos um filósofo que via em seu povo a verdadeira nata, mas jamais foi um anti-semita. Também convivia com um pseudo-cristianismo arbitrário em sua época, mas, ao dizer em seu livro O Anticristo que o apóstolo Paulo, ao ver Cristo no caminho de Damasco, teria tido uma alucinação e ao demonstrar uma perspicácia "além do bem e do mal" ao dizer que "melhor que amar o próximo é amar o distante", afasta-se com isso da sua aversão às instituições e de falsos profetas e líderes de sua época para o ataque direto a Cristo. Contudo, seus acertos não podem ser abafados. Por exemplo, que "todo prazer quer eternidade" (apesar de nenhum prazer conseguir alcançar a eternidade). FHC também têm sua justificativa, e tenho mais é que perdoá-lo, não só por não saber o que fez, mas também por ver que uma coisa é estar de fora é criticar e dar palpite, e ao outra é estar com a mão na máquina. No dizer de Luiz e Inácio Lula da Silva, o presidente do Brasil que fora seu sucessor, "quem faz bravata é oposição". Eu completo: "Logo, crie somente as doutrinas que você possa colocar em prática". A coerência dos atos do autor de uma proposição com o conteúdo de seu discurso, de seu livro, de sua lei etc. corroboram o bom caráter do orador, do escritor, do legislador... Por outro lado, deve haver o perdão quando há o arrependimento por o autor ter outrora dito ou escrito o que não prega mais, tornando verdade o dizer de Johann Christoph Friedrich von Schiller (dramaturgo alemão - 1759-1805) quando diz que não tem vergonha de mudar de opinião por não ter vergonha de pensar.

Apesar dessa assertiva, os leitores e ouvintes cristãos devem cobrar o mínimo de coerência em relação aos autores e oradores mundanos e o máximo no que concerne a autores e oradores cristãos. O povo de Deus deve viver, não de "palavra, mas de fato e verdade". Jamais adotar como lema o famoso provérbio popular: "Faça o que eu digo, não faça o que eu faço". O que falarmos, devemos fazer em contínuo. Claro que titubeamos, mas uma errata deve ser imediatamente elaborada, tal como pedido de perdão em público e comprometimento concorrido (correndo junto) à não-ação que mortifique a reincidência do erro. Paulo, na segunda epístola aos coríntios (4:16) escreveu: "...mesmo que o nosso homem

exterior se corrompa, o nosso homem interior se renove a cada dia". O que essa renovação senão o arrependimento, a insatisfação com a queda, a coerência em agir de acordo com o que prega, tratando-se de palavras provenientes do Espírito Santo. Essa última é de fato uma renovação. Quando discorremos, em nome de Cristo, sobre determinado tema, consideramo-nos fortes nele por estarmos dominando o assunto em uma determinada prédica. Aí, o Diabo entra com o seu famoso "antiprojeto", querendo nos enlaçar, aproveitando a brecha que foi perfurada pela incipiente soberba que começou a nos permear a partir daquele momento. Se estivermos falando sobre adultério, nada melhor que depois da pregação ou do ato de redigir o texto, uma oração fervorosa para que não caiamos no mesmo adultério abordado. Ao contrário do que Nietzsche disse, o nosso escrito tem que ser, de certa forma, a extensão de nós mesmos, pelo menos em se tratando de descrições que estejam de acordo com aquilo que é certo.

Atrevo-me, com toda a minha limitação, a prescrever (não como os gênios Córax e Aristóteles) o discurso dividido em três seções básicas: sabedoria, inteligência e a experiência. Na verdade, não se trata de partes, mas de aspectos retóricos. Deus permitiu que Sua sabedoria permeasse nossas próprias palavras e culturas e nos dotou com coeficientes de intelectualidade e sensibilidade de entendimento com a fim de que formemos um cabedal de saber para que discursemos ao nosso modo, sim, mas com o mínimo de organização, além de relatos sobre vivências (ora, Ele nos deu a vida) que adornam e ilustram a nossa prédica. É tudo um conjunto. A seguir, exemplos de trechos de discursos que exemplificam estes três aspectos, que a meu ver possibilitam que um discurso seja completo. Se isolados, a finalidade não é alcançada. Quero novamente afirmar que as qualidades citadas que, segundo meu entendimento, devem compor um discurso, são as dadas por Deus, e não aquelas contrafações de mesmo nome que contribuem apenas para a construção de discursos apaixonantes, mas vazios em essência.

1ª Parte – Sabedoria Divina: "Nós é que temos, de fato, a liberdade! Nós não precisamos de bebida forte para dizer 'Eu te amo' ao amigo, como é caso do mundano! Nós temos a liberdade de abraçar o irmão em qualquer circunstância!" Isso foi dito numa mensagem de um pregador numa congregação dentro da cadeia. Os detentos que ouviam se abraçaram espontaneamente. Foi preciso alguma técnica mundana de pregação que compele os ouvintes a se abraçarem. Não. A sabedoria é divina é bem mais autêntica, bem mais natural. Também não precisamos de teorias descritas minuciosamente e baseadas na lógica para crermos em algo. Vejamos pois os dias de vinte e quatro horas. São explicados por a Terra girar em torno de si. E os anos. Explicados por a Terra girar em torno do Sol. E a semana? Instituição divina! Frações hebdomadárias formando o ano fazem parte no número perfeito de Deus, que é o sete, além de acreditarmos nos ditames iniciais do ato da criação que fechara o ciclo em sete dias exatos. Um professor ímpio, ao ouvir essa explicação, disse que somente um cristão pode compreender essa "instituição" com tanta facilidade. Isso mesmo. Para o cristão é fácil. O mudo é que opta por dificultar ao invés de simplificar. Não tem explicação mais divina e verdadeira que não seja pela fé, o atalho para o crente que já sabe de muita coisa antes, como de que a Terra é redonda por ter antes lido o profeta Isaías (40:22); saber que há circulação sangüínea pulmonar, pois Miguel Servet lera na Bíblia que 'a alma da carne é o sangue'(Lv. 17.11) e que 'o sangue é a vida (Dt. 12.23) e, no livro dos Salmos (104. 29), a importância da respiração para a manutenção da vida ser explicada na seguinte expressão condicional: 'se lhes tira a respiração, morrem, e voltam para o seu pó'; e outros exemplo, como a impermeabilidade dos tendões, descrito no livro de Jó (40:17) e o comentário mais do que cristão feito por Galileu Galilei numa carta a Fortuno Liceti ao escrever que 'somente a sagrada escritura e a revelação divina podem dar as respostas a nossas reverentes demandas'. Somente os olhos da fé enxergam antes. Vêem além do deserto que é a sabedoria humana em comparação com a de Deus. Até mesmo usando linguagem científica dos homens atestamos que Deus existe. Por exemplo: o álcool. Ele produz no fígado uma substância chamada tetraidroisoquinolina, que satura a produção de meta-encefalina, um neurotransmissor responsável pela sensação de bem estar que o corpo já produz. Para quê substituir a meta-encefalina pelo álcool, ou a morfina endógena, produzida pelo cérebro que já tem um poder sedativo, pela morfina dos opiáceos que são refinados da papoula do ópio, ou pelos

opióides, que são os opiáceos sintéticos desenvolvidos pelo homem para nos reproduzir os efeitos dos opiáceos naturais? Se o corpo já me fornece a mesma sensação, para que eu preciso de outra? Só pelo prazer de me achar o dono da fonte de prazer? Ou pelo prazer de ter uma dosagem maior de sensação de bem estar. É preferível avançar, lentamente, em direção ao equilíbrio, do que ir rápido em direção a ruína. Deus, já nos disse antes dessas pomposas descobertas científicas as razões do álcool prejudicar (Pv 20:1). Deus nos deu os olhos da fé também para que façamos bom uso e confiemos mais no que há em nós. Maior é o que está em nós do que o que está no mundo. E até mesmo o que não está em nós, como é o caso do vinho.

A maneira correta e dosada de utilizá-lo é demonstrado por Deus (I Tm 5: 23). Viver sem esse Deus é viver desnortado. É o prefácio de uma longa história cujo título é 'morte eterna'.

2ª Parte – Inteligência Humana: "Parafraseando Dostoiewsky, 'Se Deus não existisse, tudo seria permitido'. O homem tem o domínio sobre a natureza, mas não detém totalmente as rédeas da situação. Para exemplificar, observemos dois exemplos: os polders holandeses e as ilhas de Tuvalu confirmam. O primeiro exemplo trata-se de barragens construídas pelo povo flamengo para que a extensão de Terra avance para o mar. Criação humana digna de aplauso, mas não a nível macro. Se assim fosse, os habitantes do minúsculo país de Tuvalu não buscariam refúgio na Nova Zelândia, visto que o oceano pacífico está para submergi-lo, e contratariam holandeses para a mega-construção de polders para cercunvalar o pequeno país. O que quero dizer é que o homem pode agir no domínio da natureza a nível local, e não universal. Pode irrigar o solo, mas não fazer chover (embora tenha havido tentativa de ataque às nuvens com bomba de sal de prata, com o visionário Janot Pacheco). Por isso que o homem costuma cometer erros até na criação de personagem infantis. Havia um que gritava, ufanando-se: 'Eu tenho a força'. Ora, segundo a física, força é 'uma causa ou agente capaz de realizar movimento em um determinado corpo'. Ninguém detém a força. O personagem

deveria gritar. 'Eu sou capaz de aplicar força em um determinado corpo'. O filósofo Aristóteles também titubeava quando negava que os choques mecânicos, isto é, fatores externos em influência na vida, alegando que a vitalidade anímica e um dinamismo interno dos seres explicava melhor a existência, emancipando-a, portanto, de qualquer influência de fora. Comparando os dois exemplos, podemos dizer que, por ser o interno, intrínseco, o endógeno, nos dá uma falsa sensação de independência, de fato. E só olharmos a questão da posse de terra. Porque podemos cercar a terra, concluimos que ela é nossa. Será que é assim? (Lv 25:23) Olhemos então, como Aristóteles, para dentro. O nosso corpo realiza movimentos. Mas há os ditos involuntários, como os movimentos peristálticos, secreção de hormônios etc. Apesar de estar dentro do nosso corpo e nos dar a falsa sensação de posse, não temos o domínio sobre ele. Claro que há drogas que inibem a produção hormonal, mas o retorno ao funcionamento normal e contínuo é obra de alguma voz de comando que não seja a minha. Seria, portanto, a natureza? E aí que entra, para completar, os fatores externos. Ao mencionar as forças, concluimos, também ao olhar para nós mesmos, que mesmo ao estarmos parados, nos empurra para o solo a força gravitacional, ou a força de atrito que não deixa deslizar etc. Já ouvi falar na obstinada busca do ser humano em construir o moto contínuo, isto é, um motor que gire alimentando-se da própria energia gasta, ou seja, a energia consumida é a própria energia eliminada. Apesar de inevitável, tal descoberta poderia ser uma conjectura convincente na tese dos ateus de que Deus não exista. Mas não. Há sempre uma força ou uma energia atuando. Usemos então uma forma metalinguística de comprovar que a última força é realmente Deus. Se um homem opera um guindaste que sopesa uma enorme pedra e é impulsionado por energias químicas e forças físicas, o último (ou primeiro) ente a impulsionar esse movimento, o agente por excelência, é algo que se chame de princípio, meio e fim (outro nome de Deus). Aqui, não digo ser ele causa por não confundir com aqueles que pensam Deus como causa imanente. Ele é um ser que tem sentimentos. Causas não expressam sua ira em abalos sísmicos, tempestades e pragas como rios de sangue, rãs, piolhos, moscas, pestes nos animais, úlceras, chuva de pedra, gafanhotos, trevas e morte de primogênitos".

3ª Parte – Experiência: "O Mar vermelho só se abre ao povo de Israel que foi resgatado da escravidão do Egito? Errado. Se abre para nós também. Não em uma visão como a dos neocabalistas, que tipifica tudo, isto é, acha que todos nós temos um deserto para atravessar,

e temos que passar nele como que anestesiados, cultivando fleuma, ao invés de um contentamento sadio. Contudo, cada um verá que Deus atua com a mesma ação grandiosa (que não precisa ser necessariamente espetacular, sendo Jesus o que mais se esquivava da espetacularização de seus milagres e prodígios) nas nossas vidas. Posso dizer que Deus abriu sim o mar para mim. Tive um amigo que, infelizmente, enveredou pelo caminho do tráfico de drogas. Era inteligente. Por isso, se destacou no lado das trevas e recebeu a gerência geral da atividade ilícita em questão. Fui chamado por Deus para lhe levar a palavra de Deus. Quando estava subindo o morro, só fiz um pedido ao Senhor: 'Quando estiver com o meu amigo, que seus comparsas dispersem, para que eu fique sozinho com ele, para poder conversar melhor'. Assim que cheguei, depois dos cumprimentos e apresentações aos seus comparsas, vi TODOS, um a um, se retirar, como névoa que se dissipava. Não ficou um! Deus atende um pedido correto, quando a ele é feito, na íntegra. Naquela hora, o meu 'Mar Vermelho' eram traficantes de droga. Para você, pode ser um 'mar de obstáculos', um 'mar de más companhias', ou 'um mar de outra dificuldade qualquer'. Com certeza, Deus vai abrir o 'mar' para você, seja ele como for".

No discurso, para que seja temperado com sal e diferente de vãs filosofias, apresentei esses temperos sem esquecer que a palavra não precisa de temperos supérfluos por ser ela o alimento espiritual, e não físico. Já o alimento passageiro, para ter gosto, deve ser temperado com sal. Entendamos ser as partes descritas anteriormente, não como ordem cronológica de um discurso (exórdio, desenvolvimento, peroração etc), mas como uma espécie de "ordem arquitetônica" (a primeira parte está para a coluna assim como as demais partes estão para o pedestal e o entablamento) transmitida pelo próprio Deus para que sejamos de acordo com cada uma parte descrita: vasos comunicantes de sua obra; sabedores dos desígnios do inimigo e conhecimentos gerais (2 Co 2:11 e Cl 4:6); e utilizadores de uma espécie de empirismo discreto (por isso, descrevi dando menos ênfase).

Kazimir Malevitch, artista plástico do movimento artístico do século XIX Suprematismo, disse que seu quadro Composição Suprematista: Branco sobre o Branco não era "vazio", mas "cheio de ausência" fez do discurso um solavanco para elevar sua obra, aparentemente sem valor a algo para se refletir e se importar. Sabemos que a palavra de Deus não necessita desses adornos, mas Ele se satisfaz com contribuição criativa. Veja o Salmo 33, no versículo 3: "Entoai-lhe NOVO cântico, tangei com ARTE e JÚBILO". É o agrado divino de ter, consigo, cooperadores criativos. Schopenhauer disse que a arte é para "amenizar o sofrimento que é a vida". Deus nos diz, no trigésimo terceiro salmo bíblico para termos, junto ao proceder cristão, um pouco de nossa individualidade tanto para ornar a vida Cristã, pois esta deve ser recheada de alegria, e um dos principais vetores desse sentimento é, de fato, a arte. Ele não quer robôs perto dele, quer humanos, por isso, predestinou alguns que usam os talentos para edificar a obra. Não somente o talento da arte, mas talentos diversos.

Reiteremos Elias, ao derrotar os profetas de Baal. Pedia, ironicamente, para que os "profetas" chamassem o deus pagão em alta voz, porque poderia ser que Baal estivesse meditando ou viajando. Esses dois atos de Baal só poderiam ser mencionados por alguém que conhecia seus costumes por ter se inteirado sobre as fábulas do suposto deus. Ler a história de outros deuses sem se corromper também é um talento. Não era aprofundado, por não estar mergulhado na idolatria cananéia, mas informado. Deus não quer um bando de negligentes, mas pessoas preparadas. Não necessariamente precisa se letrado ou culto (vide Pedro e João[At 4:13]), apesar de que busca de cultura, sendo ela benéfica, em si não é perniciosa.

Percebe-se que a segunda parte do discurso que alude à inteligência parece um estampido de fogos de artifício que remeta à idéia de publicidade. A palavra de Deus, como já foi dito, não necessita de show pirotécnico para ser difundida, pois ela é o que é, bastando-se por si só. Em se tratando de ser uma concepção primária, tal como foi o discurso de Paulo aos atenienses que continha fielmente um pouco desses três módulos, a parte da inteligência será fatalmente reduzida e a primeira aumentada, não em termos de extensão métrica, mas de ênfase. A terceira, relativamente estável, por se renovar e não permear a prédica açambarcando as

demais partes, pois pregação não é testemunho pessoal. Paulo, ao redigir a segunda missiva aos Coríntios demonstra a opção de não mais utilizar mecanismos de sabedoria mundana, mas apenas a sabedoria de Deus. Até no meio secular vemos isso. Podemos citar dois exemplos: o romancista e contista Machado de Assis, que ao tornar-se um prosélito por não ser mais romântico para se tornar realista, adverte que cada obra tem seu tempo; e Aluísio de Azevedo, que escrevera romances comerciais de caráter românticos-consumistas (*Memórias de um condenado* e *O Esqueleto*) e outros romances naturalistas para causar impacto e não para vender aos montes (*O Mulato* e *O Cortiço*, por exemplo). Jesus, após a primeira multiplicação dos pães e peixes, ao proferir em seu discurso frases como "Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos" ou "Eu sou o pão que desceu do céu" torna o discurso duro de aceitar, peneirando a fidelidade dos que o seguiam. Discursos que são vendáveis não incomodam, mas não condizem com o discurso cristão. Geralmente, o composto apenas por inteligência humana se passa por agradável. Estevão, em seu discurso, opta por não preservar o cerne agradável, que têm também a vantagem de preservar a integridade física do ser humano adora preservar sua integridade física, e apresenta a verdade como ela é (*A vida apresentada por Nelson Rodrigues apresenta em A Vida como ela é representa realidade, não verdade*) mesmo que tenha tido que morrer para anunciá-la *ipsis litteris*. Martin Lutero diz que "se possível paz, mas a verdade a qualquer preço" porque pode, tem peito para isso. Enfrentou sozinho um pseudotribunal eclesiástico e ficou com crédito em Deus para proferir esse axioma. Já não poderia dizer que todos assim o são. Por isso, sabiamente há oradores que se disfarçam de eloquentíssimos, para prender a atenção. Esse tipo de discurso proferido por um palrador entretém mais do que transmite a mensagem, tendo os ouvintes quase convertidos, e até mesmo alguns são convertidos, mas do discurso só retiveram um pouco do bem, quando que se houvesse total entrega por parte do pregador à sabedoria divina, além de convertidos, os ouvintes sairiam dali muito mais preparados.

O que seria a total entrega? Total destruição da inteligência secular? Não. O verdadeiro momento de tentar se despojar ao máximo dela, isto é, se diminuir ao máximo para que Deus cresça, é no púlpito, no ponto de pregação de rua, no evangelismo e outros momentos de estar apregoando a palavra de Deus. É a inteligência que o próprio Deus dá e incentiva à busca ao conhecimento (Pv 3:13)? Se utilizada como suplemento na pregação, será salutar; se for

complemento, estabelece uma linha tênue para descambar para a soberba, mas este deslanchar pode ser evitado; se for fundamentada estritamente na inteligência secular, serão pastores que se apascentam a si próprio (Jd 1:12). A solução não é aniquilar a inteligência secular, mas saber qual é a ocasião para utilizá-la. Tantos pastores que têm outros cargos (pastores professores, pastores dentistas etc.) que, com certeza, usam o aprendizado secular para ilustrar uma mensagem bíblica extraíndo lições retiradas de suas funções extra-púlpito. Até mesmo aqui cabe (e como cabe) a sabedoria divina. Enquanto que no momento de pregação o excesso de sabedoria secular põe em risco a integridade da mensagem, nas profissões é utilitária sabedoria secular quando somada à divina. A sabedoria divina nunca é demais. Entretanto, não se deve cometer o erro de querer usufruir, nos cargos, exclusivamente da sabedoria divina, para não tornar as profissões citadas em sandice, em curandeirismo etc.

Se o discurso tem a sabedoria divina como coluna, de fato é a verdade o cimento. Mas..."O que é a verdade". Não quero me posicionar como Pilatos, mas quero dizer que todos procuram desesperadamente por ela. E somente houve um que transformou a reticência da dúvida no ponto final da certeza chamando para si a responsabilidade de ser ele a personificação da abstrata verdade. Jesus tanto falou de coisas simples como de coisas profundas. "Olhai o lírio do campo" (simples) ; "eu sou o caminho" (profundo). Mas quando ele diz "eu sou a verdade", vejo profundidade e simplicidade imbricadas em uma única expressão. Assim, Jesus age antropológica e sociologicamente no seu ministério, tendo a seguinte visão: "eu vejo o outro como eu", amando o próximo como a si próprio, conhecendo tanto nossos anseios como ele próprio tendo os anseios (os samaritanos eram um povo considerado acrimonioso aos olhos dos judeus; o diálogo entre Jesus e a mulher samaritana foi a própria realização da inculturação). Há alguns que outrora sinceramente buscavam a verdade em outros lugares que não seja em Jesus, na Bíblia(que fala que não verdade fora de Jesus), mas deixam de buscá-la quando são persuadidos pela afirmação de Jesus ao dizer que a é. Sendo assim, não mais recorrem às ciências matemáticas (ou lógico-matemáticas), às ciências naturais, às ciências humanas (ou sociais) e às ciências aplicadas em busca dessa

comprovação, pois adquiriram a (cons)ciência da verdade. Bastou alguém se assumir. Jesus o fez. E já que fez estabelecendo coerência com os atos e fatos, não há outra alternativa a não ser crer que Jesus=verdade.

Há alguns, sim, que se intitularam a personificação de outros conceitos abstratos, como foi o caso de Luiz XIV, rei da França, com seu famoso aforismo "O Estado sou eu". Ora, se ele era de fato o Estado, Luiz XIV deveria estar engajado na problemática social envolvido no próprio povo.

Mas só via o povo de cima (se era o "rei Sol", era um tipo de sol cujas radiações não chegavam ao povo). Vejamos o seguinte texto, de minha autoria, sobre o suposto rei Sol:

"Confundir a nação com a pessoa do Rei foi o que Luiz XIV, rei da França, idealizou ser a solução para pôr em prática a mais maquinistas das prosopopéias: personificar o Estado como ente em detrimento de abandono do conceito de Estado como uma idéia. Com isso, os súditos agem em sinergia somente para enaltecimento da figura do Rei. Tal azáfama não é mais independente, pois é estatizada, isto é, o Estado que subvenciona todas as ações dos súditos. Esta arregimentação é o que poderíamos chamar de nacionalização corpórea. Neste processo de membresia nacional, os intendentos tornavam-se agentes da centralização monárquica, para que a figura do rei fosse, impreterivelmente, a cabeça desse corpo. Com uma política cultural que põe em proeminência a triunfalidade do "Rei Sol", há uma concepção de que há um centro para o qual deve-se convergir todas as coisas, para que esse "sistema solar" entre em equilíbrio. A política cultural que sujeita a arte ao poderio e majestade reais regulamentou o trabalho dos artistas com o concurso de Lebrun, organizado por Colbert, ministro das finanças. Toda essa performance esteta e fetichista intenta tornar perpetuar a figura do Rei, não somente ao apregoar o conceito "monarca" como sinônimo do conceito "nação", mas para estilizar o que há de visível em relação ao poder em questão, propagando-o através dos veículos estéticos. Haja vista que até mesmo outros países europeus adotaram o estilo "Luís XIV" – classicismo – com o "uso de forração de paredes com tapeçarias ou sedas, logo suplantadas pelos lambris esculpidos. O mobiliário dava

primazia ao leito com a criação da duquesa, dissimulando a madeira sob suntuosos tecidos, e da marquesa". Assim concluímos que, quando Luís XIV profere a máxima "O Estado sou eu", há muito que se lucubrar a partir dessa assertiva. Senão, vejamos: o rei, para que houvesse eficácia do seu poderio, afasta os próprios membros de sua família, optando por estabelecer um "corpo" adotado de "membros" enxertados (leia-se diferentes de laços consangüíneos), integrantes da nobreza togada e clero, afastando o ambicioso Fouquet, o que colocaria em risco o fulgor de seu esplendorismo centralista, que deveria ser único, para atingir o seu objetivo. Assim, apoia-se nos projetos culturais e coloca-os a serviço de sua glória. O seu reinado marcou-se por "uma floração excepcional das obras literárias (Molière, Racine, Boileau) e artísticas (Lebrun, Le Nôtre, Hadouin-Mansart)" que geralmente agia para difundir o cerne impoluto da figura do Rei, como podemos divisar nos quadros que expunham o semblante de Luís XIV de determinados artistas (Philippe de Champaigne é um deles), que procuram extrair o máximo de defeito do retrato do Rei. Dessa forma, atingia-se a difusão de uma imagem portentosa de Luís XIV simplesmente com a ação da Academia Francesa".

Voltando a pergunta de Pilatos: "o que é a verdade". De fato é aquilo que não se desvencilha do poder da palavra. Como pode Luiz XIV ser considerado a cabeça do corpo estando fora do corpo? Jesus era a cabeça do corpo andando sempre junto ao corpo. Na nossa perspectiva, até mesmo depois da morte. Luiz XIV não foi coerente em atos, mas Jesus foi, inclusive com coisas que não lhe glorificariam, como a morte na cruz, sendo cumprida à risca e sabida desde o início. Ainda querem dizer que Jesus mentiu ao dizer que não iria à festa dos tabernáculos, quando ele, em verdade, disse o seguinte: "por enquanto, eu não subo". Ou essa locução conjuntiva não tem valor? Não há mentira na verdade, por ser ela a verdade. Em Luiz XIV não havia nem Estado (por ser este a representação da coletividade, e não da individualidade), nem cabeça do corpo (só se fosse um corpo decapitado) e nem verdade.

Então vamos buscar respostas em outros grandes arautos da "verdade". Zoroastro da Pérsia (atual Irã), fundador de uma religião denominada zoroastrismo disse que "uma só é a verdade e só com ela triunfareis". Curioso quando alguns ímpios dizem que os cristãos são

pretensiosos ao afirmar que somente sua verdade é a única verdadeira. Ora, já imaginaram uma verdade que não fosse verdadeira? Seria "uma meia verdade?" Se é meia, não é inteira. Respondo aos ímpios que pode ser a minha ou a deles, não a verdade, mas a definição dela. Mas só existirá uma! Uma só definição. Uma só verdade, não duas ou três...Segundo os Ensinamentos de Buda: "VERDADE é o guia do Homem". Se ela é um guia, se for um livro, e ele se queimar, os homens ficam desorientados. Se for qualquer outro tipo de materialidade, sabemos que tudo que há de material na terra é perecível. Logo, podemos seguir uma determinada matéria, dias, meses, anos, séculos, milênios...Mas um dia, esse segmento cessará, tornando os seguidores desorientados cedo ou tarde. Se o crente diz que segue a Bíblia enquanto letra e a Igreja enquanto instituição visível, estão indo para o inferno sem saber, pois nem a letra nem a "Igreja tal" salva. Se se segue um homem, quando este morrer, o segmento novamente perde o sentido.

E se há um que ressuscitou, com aproximadamente quinhentas testemunhas que de fato dizem ser verdade, o segmento torna-se contínuo.Haja vista a celeridade e eficácia da propagação do evangelho, rompendo barreiras culturais sem a necessidade desses novos veículos midiáticos. Sem contar com as várias comprovações científicas que comprovam que a Bíblia é verdadeira. Só nos resta aceitar Jesus com verdade. A seguir, um trecho que corrobora esta assertiva:

Harold Hill, presidente da companhia de engenharia Curtis, com sede na cidade de Baltimore, também em Maryland, relata sua experiência no cargo de consultor do programa espacial daquele período: "Precisamos desses dados para que satélites possam ser lançados ao espaço para missões de exploração de novos corpos celestes sem que entrem em rota de colisão com qualquer um deles. Como pretendemos construir foguetes não-tripulados com autonomia para muitas e muitas décadas no espaço, precisamos traçar sua trajetória com precisão para que as gerações futuras venham a receber e analisar os dados enviados por eles. Nós e os cientistas da NASA descobrimos que falta um dia no calendário universal.

Envolvido nesta pesquisa, pude presenciar uma descoberta fantástica: falta um dia na história do universo!" Eis como tudo aconteceu: Os engenheiros da NASA colocaram os dados no computador para que ele determinasse a exata posição dos astros, tanto no passado quanto no futuro, e então surgiu um impasse. O computador subitamente interrompeu o programa e mostrou na tela um aviso de que havia algo errado nos números que lhe serviram de base para os cálculos.

O período que faltava no tempo por causa do pedido de Josué era de 23 horas e 20 minutos; não era, portanto, um dia inteiro, conforme garantiam os computadores da NASA (se se trata de uma lenda urbana, eu não sei. Estou vendendo o peixe assim como comprei). Com esse resultado, os cientistas voltaram ao livro de Josué e acharam o capítulo 10 v.13: "E o Sol se deteve, e a Lua parou, até que o povo se vingou de seus inimigos... O sol, pois, se deteve no meio do céu, e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro". Bem, o texto bíblico confirmava que não era exatamente um dia inteiro e esse achado foi muito importante, mas ainda assim continuavam em dificuldades, porque faltavam 40 minutos, e não é possível realizar cálculos para séculos futuros com um erro desse tipo. Após algum tempo, aquele cientista evangélico se lembrou de outra passagem bíblica que mencionava outro episódio a respeito do sol. Dessa vez o astro maior teria regredido no tempo. Todos ficaram atônitos... absolutamente mudos! Novamente o primeiro impulso foi de descrédito, porém, utilizando-se de um programa específico para consultas bíblicas, chegaram ao seguinte texto: II Reis 20: 8 a 11 – "Ezequias disse a Isaías: Qual será o sinal de que o Senhor me curará, e de que ao terceiro dia subirei à casa do Senhor? Respondeu Isaías: Ser-te-á isto da parte do Senhor como sinal de que Ele cumprirá a palavra que disse: Adiantar-se-á a sombra dez graus, ou os retrocederá? Então disse Ezequias: É fácil que a sombra adiante dez graus; tal, porém, não aconteça, antes retroceda dez graus. Então o profeta Isaías clamou ao Senhor; e fez retroceder dez graus a sombra lançada pelo sol declinante no relógio de Acáz".

Contra a verdade, não há argumento. O certo é o certo. A verdade é a verdade. Vejamos Sócrates que, tal como Cristo, morreu com tranqüilidade e seu pensamento foi bastante difundido, apesar de nunca ter escrito nenhum livro. Em sua obra (oral) acertou parcialmente principalmente na definição de verdade. Ele diz que ela "não está com os homens, mas entre os homens". Se analisarmos pelo ponto de vista do ego humano, que a meu ver é o átomo da personalidade, ele tem razão. Mas essa definição não pode ser estática. Ela pode estar com os homens. Epicuro afirma que há espaços vazios dentro dos átomos. Seria essa afirmação algo meramente material? Não. O vácuo pode ser preenchido. Pascal dizia que todo homem tem um vazio dentro de si que só pode ser preenchido por Deus (a verdade). Assim sendo, o homem passa a ter a verdade. Mas, quando não se deixa permear por ela, ainda a tem, mas entre os homens, e não com os homens. Ele(a verdade) está à porta (carta apocalíptica à Laodicéia) do coração dos homens. O limiar é o início da concretização da entrada (leia-se intimidade) de um corpo num compartimento. Nosso corpo sendo templo é composto de aberturas, não só anatômicas, mas de orifícios espirituais, que alcançam a emoção, a memória etc. Por isso que o mesmo Sócrates afirma que a verdade "pode ser conhecida, afastando-se as ilusões dos sentidos, das palavras e das opiniões" quase acertando se parasse por aqui, pois esse trecho isolado é a pura demonstração de escudo e pavês que é a verdade é de Deus (Sl 91:4) nos deixando precavido em relação ilusões e opiniões; mas ele prossegue, afirmando que só se alcança a "verdade apenas pelo conhecimento". Não só pelo conhecimento, mas também pelo discernimento espiritual. E mais uma vez refutando Sócrates, à luz das escrituras sagradas, que disse que "verdade não existe em si, ela surge a partir de um trabalho de trocas dialógicas entre sujeitos" parece reiterar um pouco um debate hegeliano, no qual uma parte dialógica oferece uma tese, enquanto a outra, uma tese que confronta com aquela. Repetindo estes atos em reciprocidade, chega-se a uma síntese. Em Cristo, não há um debate, como se ele se sujeitasse a uma demonstração de uma palavra proferida por um veículo comunicante que somos nós. Ele é o logos, o verbo. Em Fílon de Alexandria, logos é sabedoria de Deus. Em Platão, razão. Portanto, quando se têm esses dois conceitos aglutinados, conclui que o remetente é o próprio objeto remetido. O que fala é o que se fala. No sermão de Cristo, a verdade fala do que lhe própria. Sócrates viveu antes de Cristo. Se o conhecesse, talvez aperfeiçoaria seu quase correto pensamento, lapidando as

falhas de seu aforismo. Esse pensamento lapidado ficaria assim: "a verdade surge a partir de troca dialógica entre sujeitos que permitem que ela não somente habite entre eles, mas adentre-os passando a ser conhecida quando eles se afastam de ilusões dos sentidos".

Poderia citar inúmeros definidores da "verdade". Devido à impossibilidade de listá-los, incluo a minha definição. Antes de tudo, concordo com Jesus e o sigo por crer que realmente ele a é. Em segundo lugar, volto a falar da diferença entre realidade e verdade. Nelson Rodrigues, positivistas e M.V. Bill mostram, respectivamente, a verdade como retratação da miséria moral, uma experiência imediata e pura e o retrato da miséria social. Volto a dizer que o que ele dizem ser a verdade, aqui se trata de realidade (o real sensível). Sendo ela um elemento do conjunto denominado verdade.

Percebi ou vi a verdade, de fato, quando me apresentei a ela ao ler de Gênesis a Apocalipse. Então, poderiam me comparar aos gregos que tanto incomodaram Platão ao moldarem suas vidas a algo baseado em mito quando seguiam à risca a obra de Homero. Não se trata de um seguimento à Bíblia, mas à ciência da confirmação dos fatos ocorridos e que ocorrerão a partir de relatos históricos e proféticos contidos nele. Ela não é apenas um manual de ação, mas a confirmação da verdade. Platão tinha razão por que o povo grego estava incorrendo no erro de considerar real o que era ficção. O cristão, ao seguir as escrituras, considera real o que se realiza e verdade o que se confirma. Entretanto, observe um curioso erro: o de querer extrair das verdades bíblicas somente aquilo que é conveniente, como o exemplo de Feuerbach, que quis, do cristianismo, considerar apenas o aspecto moral (entrando em conflito ideológico com Marx, que nem isso queria). É óbvio que isso ordena a vida, mas não leva à redenção e salvação. Hoje, vejo as coisas ocorrendo de acordo com o que está escrito na Bíblia Sagrada como uma profecia verdadeira, aceitando tantos os aspectos positivos como os negativos com contentamento por ser eles momentos de um estado passageiro, que é a nossa vida secular. Ao lê-la, ficamos atentos ao que já fora avisado por Deus, que é simplesmente tudo o que está patente aos nossos olhos. Sendo assim, permitimo-nos que desviemos dos problemas ou enfrentemo-los sabendo que suportá-los-emos. O que ela se diferencia dos livros de auto-ajuda, utopias, visionarismos vãos ou de doutrinas

neo-cabalísticas é que esses só tipificam as dificuldades fazendo analogia com a nossa vida à travessia de um "imenso deserto" em direção a uma "terra prometida", não determinando aquilo que é mais essencial conservado em nós, durante essa travessia. Para que o nosso ato não seja mero heroísmo ou martírio, deve ser mantida a chama do Espírito Santo aceso em nós, para a fé valer à pena, como diz a letra do cantor evangélico Kleber Lucas. Tudo só passa a valer à pena quando alma se deixa engrandecer pelo Espírito Santo, ó respeitável Fernando Pessoa.

Confesso que, ao ver algo imensurável a estabelecer uma comunicação comigo, measurei-me e me vi ínfimo, parco, microscópico. Seria então o senso de inferioridade sadio, pois só este tipo confirma que, ao nos diminuirmos, Deus cresce em nós. Nossos sentidos parecem ficar mais sensíveis (incluo aqui o discernimento espiritual). Contudo, não me diminuo com autoflagelo e rigor ascético. Negar-se para Cristo é o único jeito de achar em nós o valor par excellence. Ao conhecer a palavra do Deus da Bíblia (a meu ver, o único), cheguei, ao mesmo tempo, à contrariedade de duas doutrinas: difiro-me totalmente do gnóstico, que vêem no conhecimento via para a salvação e, simultaneamente, me oponho ao agnosticismo, que fogem da verdade considerando o absoluto como uma meta jamais alcançável ou acessível. Em especial, os agnósticos despertam-nos interesse por que meneiam cinicamente a cabeça diante da Bíblia como os seguidores de Diógenes e Antístenes que meneiam as suas fronteiras em relação às convenções sociais como se pudessem realmente fugir delas. Parecem também os assassinos de Estevão que não só o mataram como tapavam os seus ouvidos, como se não quisessem impedir o seu próprio convencimento. Há os agnósticos que sabem que terão que renunciar de muita coisa para tonarem-se cristãos. Por isso, preferem manter-se numa posição de falsa sensação de independência, para alegarem que tanto é benéfico desvencilhar de valores feéricos como dos valores cristãos, para não estarem presos a nada. Cultivam uma espécie de ignorância consciente. Não tapei meus ouvidos e joguei o meu orgulho fora. Aceitei que o que nos é dado a conhecer é uma parte do que é absoluto. Hoje, apenas essa parte é salutar, já que não estaríamos preparados para a revelação total do absoluto em presente vida, sendo um privilégio conhecer a parte que é oferecida a todos os

mortais. Um dia, ser-me-á revelado o resto, pois "nada se faz escondido, senão para ser revelado" (Mc 4:22). Isso tudo para aproveitar a oportunidade de viver o cristianismo, a verdade. Verifiquei-a tanto no plano individual – Deus se comunicando comigo, livramento sendo dado por Ele bem como bênçãos sem medida, sendo provado em lutas que todos os Cristãos passam (Ele não mente) – como no plano universal – nação contra nação (princípio das dores descrita em Mt 24: 6 e Mc 13:7), pobres existindo (falibilidade dos sistemas humanos sendo vaticinada por Jesus descrita em Mt 26:11) etc. Portanto, profecias (que se cumprem, ainda que tardias), a realidade sensível, os fatos (divinos, sim, como dizia Ardigò) e a Lei (de Deus aperfeiçoada na graça de Deus, isto é, cumprida de verdade) são elementos que formam um conjunto chamado verdade (Jesus).

Por que então que Jesus é a verdade? Observe novamente quando Pilatos pergunta "o que é a verdade?" Há o silêncio. Entretanto, diante dele a figura de Jesus, que é a resposta em si. Um adjetivo quando é meramente denominativo fala menos de uma pessoa do que ela própria, seus atos, sua personalidade, sua estada no mundo, sua presença, física ou espiritualmente etc. sem que a mesma pessoa precise falar o que faz, o que sente... Houve a seguinte pergunta: "o que é verdade?" Houve a conseguinte resposta, ainda que silenciosa: "eis a verdade diante de ti, em pessoa".

A verdade estará em nós quando deixamos que ela nos permeie. Crer em Cristo antecede o processo de aumento da fé pelo ouvir e ouvir a palavra de Deus. Crer nele faz com que estejamos com a verdade. Obedecê-lo faz-nos seu amigo (Jo 15:14) sua mãe, seu irmão (Mt 12:48)... Houve um mordaz, retórico e habilidoso católico que me fez a seguinte afirmação: "se os evangélicos não crêem que Maria é mãe de Deus, incorrem no erro dos nestorianos". Os nestorianos foram hereges seguidores de Nestório, patriarca da Constantinopla no ano de 426d.c, que diziam que cristo tinha duas naturezas e duas pessoas, isto é, era 50% homem e 50% Deus. Eu disse que não era assim, que erro também estavam os católicos por idolatrar a

agraciada Maria, por desrespeitarem o segundo mandamento e suprimirem de sua Bíblia... Ele interropeu-me, dizendo-me que não era isso que estava em pauta, simplesmente que Maria era mãe de Deus, só isso. Alerttei-o de que Jesus teria dito à Maria o seguinte: "mulher, que tenho contigo" (Jo 2:4) e não "theotokos, que tenho eu contigo", enfatizando que qualquer criatura de Deus (sendo mulher uma criatura) não poderia estar acima de Deus. Ainda lembrei-lhe de que Maria teria dito "eis aqui tua serva" e o "servo nunca é maior do que o seu Senhor". Ele só me dizia: "mas Maria é mãe de Deus". Citei inúmeros versículos ele somente dizia "Maria é mãe de Deus. Isso basta" até que me propôs uma lógica, parecendo mais um sofisma do que qualquer outra coisa, como se dissesse: "um cachorro não é um mamífero. E o gato, também não o é? Logo, um cachorro é um gato". Ele disse assim: "Maria não é mãe de Jesus?", o que os evangélicos afirmam. "Logo, Maria é mãe de Deus, pois Jesus não deixa de ser Deus ao nascer de Maria". Se tivesse tempo como o que eu estou tendo para escrever esse livro, não só teria citado os mesmo versículos que citei no início desse parágrafo como também citaria um aspecto curioso na forma de catequizar que faz com ela se difira da verdadeira evangelização, além do desenvolvimento hermenêutico de um versículo crucial para os que ainda insistem na mariolatria.

Já que tenho tempo de sobra no ato de redigir esse livro dado por Deus, não perderei o ensejo. Um aspecto curioso da catequização dos povos e até mesmo os atos litúrgicos do católico foi durante muito tempo pautado na proibição do acesso popular às escrituras sagradas. Marina Silva, então Ministra do Meio-Ambiente do governo Lula, estabeleceu a diferença de conceito e pré-conceito ao afirmar que se os alimentos transgênicos, que são os alimentos alterados geneticamente, são saudáveis, nada mais justo seria informar a população, com uma linguagem acessível, toda as técnicas de engenharia genética bem como sua composição, e esta estampada num visível rótulo de embalagem. Deve-se colocar na prateleira o produto desconhecido com informações sobre suas modificações genéticas, ao passo que não é tão necessário nas embalagens nos gêneros alimentícios sem manipulação de moléculas ADN (ácido desoxirribonucleico)/ARN(ácido ribonucleico) recombinantes, isto é, manipulados fora das células vivas. Não é preconceituoso agir dessa forma com um produto em relação a outro. Se um determinado grupo social domina as técnicas do plantio de

café, não precisa de manual de instrução, mas se não sabe plantar arroz, o ensino deve ser transmitido. Quando a orizicultura fosse assimilada, aí sim, suprimir-se-ia os ensinamentos básicos, talvez substituídos por informes sobre técnicas mais avançadas. Enfim, todos devem ter acesso à informação. O que há de diferente são as maneiras de se transmitir a mesma coisa. O conteúdo é um só. A falta de informação deixa a população num estado de ignorância que pode levar à revolta. Haja vista a Revolta da Vacina aqui no Brasil, causada pela desinformação da população Brasileira sobre a vacina contra varíola, pois o povo estava pensando ser um meio de exterminar os mais pobres através de uma falsa medida preventiva. Quanto mais informação ao povo, mais próximo da verdade ele fica. Talvez por causa disso que os pós-modernistas acreditam que é melhor ter mais informação do que mais conhecimento. Os cristãos não devem acreditar que existe a era da informação e outra do conhecimento, quando a era é de Deus. Não há nova era ou velha era, uma açambarcando a outra. Há uma era só, na qual se preza tanto a informação como o conhecimento através da sabedoria divina. O cristão deve estar atento aos sinais para não ser pego de surpresa, examinar as escrituras para se ter fé e adquirir sabedoria e o conhecimento. Portanto, a Bíblia Sagrada deve sim estar na mão do povo, coisa que hoje a liderança católica faz de sobra, talvez por ter finalmente aprendido a lição com Deus.

Não quero entrar agora no mérito da questão dos erros do catolicismo ou do protestantismo históricos, pois não cabe nessa exposição. Quero afirmar que quando a Bíblia é colocada na mão dos não líderes, não judeus, não letrados e outras acepções de pessoas, ela está entrando na vida de um grupo social da mesma forma que um telefone, um aparelho televisivo e a Internet são inseridos para dinamizar a comunicação entre os homens. Para comunicar-se com Deus, que é espírito, se deve ter fé para orar; a oração torna-se eficaz com ação do Espírito Santo com gemidos inexprimíveis; para que seja estabelecida uma comunicação perfeita, Jesus intercede por nós para que pedidos sejam atendidos, a salvação seja alcançada e os pecados sejam perdoados. Não adianta instalar um aparelho telefônico, de TV ou de computador se não há uma rede, um provedor e, não menos importante, o manual de instrução para saber como usá-los. Se assim for, não haverá conexão correta ou nenhuma. A

Instituição Eclesiástica está para os aparelhos citados assim como Jesus está para o provedor e o Espírito Santo está para uma rede de comunicação, sendo Deus Pai o dono de todo o sistema (e também provedor). Fiz essa comparação apenas para dizer que a Bíblia como manual de instrução deve estar na mão do povo. E nem sempre os católicos apostólicos romanos agiram assim.

Por ter ficado tanto tempo sem acesso ao manual, os fiéis católicos apostólicos romanos talvez não saibam quem é na verdade a mãe de Jesus. O versículo crucial é Lc 11:27, que não é tão usado para refutar a sempiterna querela proposta por eles. "Bem aventurada aquela que te concebeu" exclamara uma mulher, agindo com o mesmo impulso dos católicos. Não um impulso ardiloso, mas um impulso pueril, não por essa primeira parte da exclamação, mas pela segunda: "e os seios que te amamentaram!" Ater-se à importância genética, biológica ou, como diz Russel Sheed, ao privilégio de compartilhar apenas da humanidade de Jesus é o mesmo que mutilar a natureza de Jesus. Sem contar que fazer Maria crescer, tornando ela em santidade totalmente igualada à de Jesus, faz automaticamente Jesus "diminuir", mutilando-o novamente em sua natureza exclusivamente ressurrecta, totalmente pura e participante da natureza de Deus. Convém que os homens (e mulheres) diminuam para que Deus neles cresça (Jo 3:30). Entendese, portanto, que o equívoco da mutilação do caráter de Deus passa ser o do católico. A paternidade da natureza divina de Jesus é exclusiva de Deus. A função meramente biológica não dá o direito a uma mulher de ser mãe de Cristo. Esse argumento pode ser muito melhor usado pelos judeus para reivindicar a condição de povo escolhido. Maria não é mãe espiritual, pois sequer ensinou a Jesus, com autoridade, a sabedoria do alto. Até mesmo demonstrou desconhecimento e insatisfação quando Jesus sendo autodidata, ou melhor, teodidata, ouvia e ensinava doutores no templo (Lc 2:48). Como pode então ela ter sido mãe espiritual de Jesus? Vejamos a resposta de Jesus à mulher precipitada: "Antes, bem aventurado são os que ouvem as minhas palavras". Eis a confirmação de que mãe espiritual, irmão espiritual ou qualquer outro elo parentesco somente pode ser um: fazer a vontade do Pai celeste (Mt 12:48).

Não nos detenhamos apenas na visão isolada do parto de Maria veiculando Jesus ao mundo, mas devemos notar sua vida como um todo. Por isolar fatos é que surgem as deturpações, como são as heresias. Ela deu à luz, mas não lhe deu a luz. Esta já é inerente ao caráter de Jesus. Vejamos Maria como ela tem que ser vista: humana (Jô 2:4), serva (Lc 1:48), favorecida (Lc 1:28), agraciada (Lc 1:30), crente em Deus (Lc 1:45), acompanhante de Cristo até à morte dele (Jo 19:25) e não virgem para sempre por ter tido mais filhos depois (Mt 13:55). Soma-se o fato de que foi mulher. Não falo segundo o machismo, mas partindo do pressuposto que foi sim, uma excelente missão de Maria ter sido a mãe de Jesus, mas foi uma sub-missão (missão inferior) em relação à missão maior do Pai celeste do Espírito Santo. O filósofo francês Edgar Morin disse que "para saber ver é preciso pensar o que se vê". Que saibamos, então, ver Maria pensando Maria como total e estritamente humana para que a amemos de verdade. Só assim realizaremos o verdadeiro encontro com ela na Eternidade. Ao idolatrarmos-la, não entramos no reino dos céus pelo pecado da idolatria (I Co 6:9), deixando de realizar o encontro com todos os salvos (parto do pressuposto que Maria está salva por ter sido reta e íntegra perante o Senhor através dos relatos bíblicos).

Para aperfeiçoar o que Edgar Morin postulou, acrescento ao seu prólogo o que o apóstolo Paulo recomendou quando estava finalizando a primeira epístola aos Tessalonicenses sobre o "reter o que é bom". Pensar o que se vê é estabelecer o crivo avaliativo em relação a uma proposição, seja ela escrita, oral, visual etc. Analisemos o ato de peneirar algo. O garimpeiro considera o que é bom aquilo que fica na peneira. O pedreiro, o cimento que cai da peneira. Jesus age com garimpeiro ao aceitar o pouco proposto tanto pela oração do publicano (Lc 18:13) e a oferta da viúva e considerar sem valor o muito oferecido na oferta dos ricos (Mc 12:41) e oração do fariseu (Lc 18:11). Por outro lado, age também como pedreiro, ao exigir mais da mulher cananéia, em seu diálogo com ela no episódio da cura de sua filha endemoninhada, desconsiderando o pouco (um afoito pedido de ajuda) em detrimento do muito (verdadeira humilhação perante ele que transmitiu aos seus discípulos uma verdadeira lição dada por ela sobre genuína fé [Mt 15:27]). Jesus pensava o que via não permitindo que primeiras impressões fossem a verdade absoluta, como faziam os legalistas.

Pensar o que se vê. Pensar o que agir. Jesus pensava antes de agir. Não que seu pensamento contribuísse para sua ação a partir de uma dedução, pois por ele ser Deus, muita coisa ou tudo já era sabido, a não ser as coisas que o próprio Jesus optou por não saber por ter se esvaziado (Fp 2:7), como a segunda vinda dele (Mt 24:36). O pensamento de Jesus ao protelar determinadas ações visava a extrair reflexão, não a sua, mas as dos que estavam à sua volta. Jesus escreve na areia até que a consciência dos que queriam agredir a adúltera o acusassem; fixa seus olhos em de Pedro para o encarar, muito antes das sucessivas perguntas "Pedro, tu me amas" para que houvesse tempo para a reflexão do apóstolo; por ter contemporizado o diálogo com a mulher cananéia, faz com que ela pense o que dizer tornando o seu pedido totalmente sincero e correto....Jesus não quer que ajamos sem pensar ou por impulso. Na parábola do administrador infiel encontrada no décimo sexto capítulo do evangelho de Lucas, a habilidade dos filhos do mundo sendo citadas como mais hábeis que a dos filhos da luz por eles demonstrarem prudência de serpente no agir (Mt 10:16).

Como já foi dito, nem o perdão deve ser precipitado(se a questão não exigir pedido de perdão). Muitos estranham o porquê do filósofo chinês Confúcio ter dito "Sê justo para com teu inimigo, mas não o irrites com teu amor". Totalmente divergente do que Jesus ensina, é óbvio, por termos que amar o nosso inimigo para fazer a diferença. Mas procedente quando pensamos que o nosso "pseudo-amor" (uma falsa comiseração barata) irrita nosso inimigo. Vi muitos líderes cristãos pregarem que se George W. Bush perdoasse os ataques terroristas, haveria uma súbita conversão mundial. Especularam que os cristãos iriam até se apoderar do Yon Quipur (dia do perdão judeu) por Bush se dizer um cristão. Ora, reflatamos pensando no que se viu. Um erro foi cometido por ele sim, mas não pela guerra. Do Senhor é a guerra. É só conferir em Rm 13:1-4, Lc 3:14, Mt 8:9 e At 10:1,2 que, se for em legítima defesa de si ou da pátria, é lícito o estado bélico. Há erros em relação ao seu Neoliberalismo covarde, na precipitação em agir por impulso em reação aos ataques contra as torres gêmeas do World Trade Center... "Atacou áreas desérticas e a miséria" do Afeganistão e, não satisfeito, declarou guerra contra Saddam Hussein em Bagdá, no Iraque, para pegá-lo como bode expiatório com uma acusação não tão fundamentada em provas concretas que ele estaria

fabricando armas químicas ilegais, Alegando que Saddam teria infringido o direito internacional. Ora, o primeiro a infringir o direito internacional foi Bush. Observe o trecho extraído da revista Consulex:

"Juridicamente, porém, a atividade bélica contra o terrorismo não é uma guerra declarada, segundo as normas do Direito Internacional, o que nos passa um sentimento de frustração, visto que a declaração de Bush de que "a guerra contra o terrorismo começa com a Al Qaeda, mas não termina aí", sendo um jogo de palavras, poderá abarcar o mundo inteiro Além disso, uma decisão pessoal do presidente não pode justificar o início da guerra por iniciativa unilateral. A ONU reagiu imediatamente e o seu conselho de segurança adotou, então duas resoluções pertinentes: a Resolução nº 1.368, de 12 de setembro de 2001, reconhecendo o direito inerente de autodefesa individual ou coletiva, foi adotada no âmbito multilateral. Ainda assim, permanece uma dúvida sobre essa resolução. , porque o reconhecimento desse direito inerente figura no parágrafo preambular dela; e a de nº 1.373, de 28 de setembro de 2001, que, agindo sob o capítulo VII da Carta das nações unidas, considerou a situação como sendo uma ameaça à paz e à segurança internacionais. Além disso, o artigo 51 da Carta das Nações Unidas menciona um aspecto importante que falta na redação das duas Resoluções precitadas: uma autodefesa é legítima contra o ataque armado. Ora, o grande debate na comunidade jurídica é saber se os ataques de 11 de setembro poderiam ser assim qualificados. A Otan e a União Européia consideram assim. O autor dessa reflexão defende a teses segundo a qual é verdadeira legitimidade da ação se encontra na resposta (sic).Os Estados Unidos agiram de modo que transgrediu os preceitos e limites do Direito Internacional atualmente em vigor".

Mesmo que passe a vigorar que se entende como legítima defesa à soberania nacional os ataques terroristas, uma coisa é certa: naquele momento, os EUA infringiram o Direito Internacional por mera precipitação. Não digo que é necessário que haja outros ataques até que se configure o inimigo e venha, por conseguinte, ser conhecida a face do inimigo para que o revide seja feito com certeza, pois, como cristão, os revide deve ser condenado. Entretanto, porque posso afirmar que a postergação de um ato foi tão interessante na Segunda

guerra mundial, pois os EUA só entraram naquela guerra anos depois de ela ter iniciado. Ora, porque eram os países da Europa que estavam se engalfinhando. Só depois de Pearl Arbour ser atacada que os EUA não esperaram mais. Entretanto, houve a contemporização que, a meu ver, é sempre divina. Dar tempo ao tempo, esperar no Senhor. Decerto que, no episódio de Pearl Arbour, os EUA contemporizaram demais a entrada do país na Segunda Guerra Mundial, esperando o ataque às ilhas pelo Japão. Note que até mesmo o adiamento demasiadamente protelado de uma reação pode ser considerado prejudicial, quando muito alongado. A contemporização sadia é a que espera da voz de Deus, não importa quando se vê a ordem imperativa. Não deixe de agir, mas espere Deus dizer: "agora vai"! Se você reparar na escrituras, em algumas ocasiões, até nossa ação pode ser desnecessária para o êxito de uma missão. O rei Josafá derrota quatro reinos apenas ficando parado. O êxito independe da ação. Ela contribui, mas não é imprescindível. Sabemos que para alguns sátrapas, ficar parado é muito para o seus orgulho, mas esperar em Deus deve ser, via de regra, o estado que deva anteceder qualquer que seja a ação, pois fortifica o coração(Sl 27:14). O impulso pelo instinto só nos leva a afundar na caminhada, principalmente se envolver a fé. Bush não precisaria declarar guerra – por ela já está declarada contra os EUA desde o momento que eles se tornaram o ícone do Neoliberalismo – nem atacar "montanhas e penúrias", como se desse tiros no escuro. Precipitou-se.

Mas, se ele desse o perdão naquele momento? Ora, para se perdoar deve-se, ao menos, conhecer a face do inimigo. Nem cara ele tinha, tanto para ser perdoado como para ser retaliado. Osama Bin Laden, líder do grupo terrorista Al Qaeda assume os atentados contra as Torres. Entretanto, os ataques não podem ser vistos como meros aviões contra meros prédios. Vidas foram sacrificadas não pela engenharia do Osama Bin Laden contra a engenharia dos americanos. Foi um embate de símbolos. Os radicais do muçulmanismo pensam que estão sendo útil para Alá ao considerarem como Satã aquilo que impede a prosperidade do povo muçulmano pelo mundo. Contudo, ignoram que a desigualdade social da maioria dos muçulmanos em relação aos próprios líderes de sua própria religião. Haja vista o fausto e o luxo encontrado nos palácios dos sultões, que praticam um imperialismo em esfera menor que o imposto pelos norteamericanos. O que realmente aflige o povo de origem árabe

também são os seus símbolos. Sabemos sim que Ismael foi condenado a andar errante, mas Jesus também é capaz de lhes tirar essa condenação. Deus já lhes tinha garantido que a nação também seria incontável (Gn 17: 20) como a dos judeus. Atente para o fato que Hagar percebe, no deserto, um poço de água, isto é, Jesus vaticinado e tipificado também para os árabes. Se os judeus já atravessaram o deserto para encontrar algo que lhes saciassem, vemos hoje o povo árabe na mesma caminhada, que não é necessariamente a luta pela posse da palestina, mas um deserto chamado islamismo. Devem atentar para a água, e não para o deserto. E os americanos? Seu símbolo não é o cristianismo, idéia errônea que os que têm ojeriza ao povo norte-americano adotam para conjecturarem que até nisso o cristianismo é ruim. Cristianismo (ou, como querem alguns, protestantismo) que não divide riqueza adquirida não é verdadeiro cristianismo (I Tm 6:18). O símbolo dos EUA é o "welfare state" norte americano e a imposição de sua cultura aos outros povos. Eis o duelo entre duas fúrias simbólicas. Uma que olha para Meca e quer aniquilar cristãos e judeus e outra que olha para o lucro e quer subjugar os povos subdesenvolvidos.

Como então deter ambos ataques que são simbólicos. Só há uma resposta que só pode ser a única: Jesus. Entretanto soaria como outra espécie de radicalismo e imposição de religião e cultura. Para expor minhas teses, aplico nela o dizer de Mahatma Gandhi: "gosto de todas as culturas. Repugna-me a que destrói minhas raízes". Os muçulmanos árabes, ao colocarem antes do Deus de Abraão e o Deus de Maomé, esquecem que sua cultura é cristã. Em primeiro lugar, seu grau parentesco é mais próximo a Cristo do que os gentios, grupo no qual eu estou incluído. Digamos que eles sejam primos de Cristo. Em segundo lugar, em termos espirituais, convido os leitores a atentarem novamente para o episódio da água dada por Hagar a Ismael. Ela simboliza Jesus, como já foi dito, já que Abraão, no dizer de Russel Sheed, ensinou a Ismael orar, e este recebeu a água depois, em meio a um deserto. Eis em Ismael a mesma história de Israel de forma sintetizada, sem que tenha precisado haver a história de Maomé para que houvesse promessa de redenção para o povo árabe, que por extensão, lemos "povo muçulmano". E quanto ao povo norte-americano, que se compuseram devido à perseguição religiosa ao cristianismo, acabam por assimilar o mesmo autoritarismo

que os perseguia. Devem se desvencilhar ao máximo do conceito "ética protestante capitalista" que Weber postulou. Antes de seguirem à ética protestante ou a qualquer outro tipo de ética, devem seguir a Cristo. Antes de calvinista, luterano, wesleyano, somos seguidores de Jesus, senão somente seguidores de Jesus, de Deus.

Só sendo, de fato, seguidores de Deus e dos seus símbolos de fé é que pode se pensar na hipótese de atitude correta de ambos os lados. Bush, junto com a comida lançada pelos ares, que mais parecia uma ajuda humilhante e ataque psicológico, poderia lançar Bíblias, claro que sem precedentes bombardeios. Seria uma forma de dizer: "não imputo sobre vós a atrocidade cometida por um de seus correligionários por eu seguir um Deus perdoador e justo". E quanto aos líderes da Al Qaeda, se estivessem em Cristo e em Deus de Abraão que se difere desse do islamismo radical, saberiam que não há nada mais divino que a vida e vitória sobre o mal com o bem. Deixariam, assim, de propagar frases do tipo: "enquanto tem milhares de jovens americanos prontos para viver, temos milhares de jovens prontos para morrer". São eles mesmos que matam seus jovens, ferindo-os primeiro com suas ideologias suicidas, para depois entregá-los nas mãos de um inimigo bem mais poderoso com a falsa promessa de que encontrarão mulheres virgens na glória.

O símbolo da cruz (Jesus se fez maldito), da ceia (memorial ensinado por Jesus em relação ao seu corpo e ao seu sangue derramado na cruz) e do batismo (morrer para o mundo nascer de novo em espírito) podem, em termos de semiótica, remeter-nos à morte. Mas quando há profissão de fé cristã, mesmo por meio de um signo que remeta à morte, pode se enxergar a vida. É a mesma simbologia para a semente, que deve morrer para que haja a vida. Os simbolistas (Mallarmé, Verlaine, Rimbaud e Baudelaire) entendiam a simbologia não como mero signo emblemático, mas como um determinado conjunto de representações pelos quais os homens vivem relações com suas condições de existência (arte, crenças etc) sendo que essas representações disfarçam as idéias propriamente ditas, ou melhor, vestem-nas. Moisés, por exemplo, faz de uma visualização para uma serpente de Bronze descrita em Nm 21:8, o paralelo com o olhar para Cristo, dando ao símbolo, porém, um sentido mais amplo do simplesmente "ver para crer" de Tomás. Deixa de ser emblema, ou signo, a partir do

momento que os olhos são os olhos da fé, e não o do rosto. Os olhos da fé permitem que sintamos, ao crer e/ou olhar para Cristo um certo alívio sobre nós, como se, de súbito, alguém passasse perto de nós e passasse a levar as nossas cargas, nos deixando aliviados. Também passamos a nos sentir perseguidos, mas por causa da justiça. Tudo isso proveniente a partir da mensagem da Cruz de Cristo. Não entendamos essa Cruz a partir de uma especulação semiótica que sugere que a Cruz exprime a ligação do céu com a terra e os braços de Cristo abarcando todos os homens, pois essa é um tanto vazia de significado por restringir a ligação de Cristo apenas no ato de sua crucificação e por mentir, pois ele é amigo, isto é, abraça a todos os que fazem o que o obedecem. Deixe as explicações sobre equidistância matemática para Deus para maçonaria, que vê em seu G.A.D.U. (Grande Arquiteto do Universo) muito mais um arquiteto do que criador que aplica seus desígnios, não segundo lógica humana, sendo a arquitetura e o ofício de pedreiro, dois tipos de critério humano a partir da indução de instrumentos feitos pelo homem (esquadro, compasso. etc.). O esquadrinhar e o circundar de Deus vão além da perspectiva humana. É uma pretensão dos homens, a partir de critérios supostamente mensuráveis, querer definir Deus como "uma esfera infinita, cujo o centro está em todos os lugares e a circunferência não se acha em lugar algum" como fez o místico alemão Meister Eckhart. Quem lê o capítulo 38 do livro de Jó deixa de ter essa pretensão de definir Deus com definições segundo o limitado ponto de vista humano. Não chegamos à conclusão que Deus é infinito ao medí-lo ou ao tentar defini-lo com sofismas. Chegamos a essa conclusão em obediência a sua palavra que diz que ele é o princípio e o fim. Dar sentido ao significado da Cruz equivale à análise feita por Max Weber ao verificar que um cheque ao portador traz em si muito mais sentido do que um simples pedaço de folha de papel. A Cruz de Cristo e seus sentidos (mensagem da Cruz como loucura (I Co 1:18), madeiro que foi o suporte para o sacrifício de Cristo, o maldito de Deus (Gl 3:13) que leva sobre si as enfermidades e transgressões, vertendo na Cruz o seu sangue como remissão dos pecados da humanidade) são suficientes para aceitarmos como símbolo de nossa fé. Esses valores da Cruz de Cristo estão para o cheque assim como classificação da Cruz como mero amuleto está para o papel vazio. O papel assumirá sentido se o homem atribuir-lhe valores segundo seus critérios, assim como o cristianismo que, mesmo que os adjetivos sejam pomposos, continuam sendo errados pelo erro da extrapolação. Por isso, concluímos que o conteúdo será sempre o mesmo, modificando a forma através dos tempos. Entretanto, a forma não pode

macular o conteúdo, nem depreciando ou aumentando o sentido das idéias tornando-a alterável pelo tempo, como assim queria os simbolistas, nem atribuindo à forma capacidades que jamais ela terá, como por exemplo açambarcar o todo, coisa que só Deus pode.

Podemos considerar o Batismo de João Batista a forma e o batismo do Espírito Santo o conteúdo. A forma vem do homem e de Deus (essa seria a resposta certa à pergunta de Jesus para verificar se os principais sacerdotes saberiam dizer se o batismo de João Batista vem do céu ou dos homens) e o conteúdo, só de Deus. O batismo, em si, enceta a caminhada para uma nova vida liberta dos pecados estabelecendo tanto o eixo persecutório para o que confessa com os lábios que Jesus é o único e fiel salvador quanto a estreiteza da porta para a salvação, fazendo o cristão perceber que "algo mudou". Demarca-se o início. Veja o batismo. Ele é sensitivo para demarcar o início de uma nova vida. Estabeleceu na água derramada sobre o crente o marco zero para o novo homem, sendo o batismo nas águas o real sensível e o batismo no Espírito Santo, a sensibilidade espiritual que abarcando o batismo de João Batista como elemento do conjunto composto em espírito em verdade. Nascer das águas, nascer de novo. Vejamos a música composta por mim sobre esse aspecto sensorial sobre o batismo: "O Sol estava brilhando no céu/O calor ardia o meu corpo/ senti a natureza como nunca para verificar/ meu Deus atuar/ como água do batismo que me faz sentir/ assim eu sinto a sua mão/ mas quem insistir em falar que a natureza é Deus não tem percepção/ Santo Espírito me sonda/ Investiga os meus segredos e meus desejos/ Por que Deus me conhece mais do que eu/ Ele está aqui/ sempre se faz sentir por quem viver/ não basta só sentir/ tem que admitir/ que o Senhor é Deus".

É mister o esclarecimento do "sentir" mediante consciência espiritual cristã. Nada tem a ver com o "sentir qualquer deus" em si, como definia o filósofo Sêneca. Assim ele dizia, nas Cartas a Lucílio: "Em todo homem virtuoso habita um Deus (não sabemos qual)". Assim como Sêneca, os hinduístas dizem que "há um deus em cada um de nós", além de entenderem

a natureza como extensão imanente de Deus. Sabemos que, mesmo que não seja distante, é separado da criação. O ato de criar e o fato de a criação ser ex nihilo (gerada a partir do nada [Jo1:3,2Pe 3:5]) mostra a natureza hierarquicamente inferior, determinada pela palavra imperativa de Deus, sendo toda a criação dominada por Ele através do monitoramento holístico. Não é conhecendo-me a mim próprio que conhecerei a Deus. O processo é justamente inverso. Olho para Deus para me conhecer melhor. Sentir "Deus" tem muito a ver com os sacramentos, não como transes extáticos, delimitados pelo tempo que, por isso, se tornem fugidios. É algo relacionado com memória, com lembrança. Segundo Henri Bergson, "a existência interior é a vida de uma memória que prolonga o passado no presente". Tratando-se de vida cristã, consideramos que a ceia é celebrada em memória de Cristo e o batismo, em lembrança ao compromisso. Para que ambos se tornem legítimos, deve haver constância. Durante a vida, retidão de caráter para não tornar debalde o batismo nem a ceia, um modo de estar tomando para si juízo. A existência interior é regida pela consciência espiritual. Em Cristo, a consciência torna-se Espiritual. Logo, o sentir não é mais, exclusivamente, o "sentir egóico", mas o *sensus divinitate*.

O batismo verdadeiro é o que nos faz sentir Deus e que Deus nos faz sentir. E ele não se dá nem segundo uma experiência extática exclusivamente empírico-indutiva nem a partir de passos estritamente teórico-dedutivos. Para melhor entender, suponhamos que a fé, se fosse somente a partir do método empírico, ou seja, fosse proveniente só das experiências sobrenaturais de milagres e prodígios. O extase que Sobreveio em Atos 10:10 a Pedro foi o somatório de experiência sobrenatural à natural por ter tido um objetivo – convencê-lo a não considerar comum o que Deus purificou – seria aleatório. A conversão de Saulo, se somente houvesse a indagação exclamativa "Quem és tu Senhor" sem mudança de vida, seria simplesmente um surto emocional. Ou então, para se tornar, além de empírico, a partir do auxílio de algum instrumento. Para se tornar indutivo. A o copo de José (Gn 44:2), a "lã na eira" de Gideão (Jz 6:36-40), seriam erroneamente classificados de objetos fetichistas, e não meros suportes e/ou veículos midiáticos de comunicação de Deus, assim como hoje é o livro que traz o conteúdo bíblico. Ou então, suponhamos que oriunda de um segmento cego das

escrituras nivelando os fiéis a animais adestrados, que obedecem por que foram condicionados, e não pelo amor. Seria como os Fariseus, que seguem somente a letra. Recorramos ao batismo do eunuco de Candace, rainha dos etíopes (At 8:26-40), episódio este que é um excelente exemplo para constataremos que o método empírico-indutivo e o teórico-dedutivo devem ser concorrentes. Deus realiza, nesse acontecimento, o casamento da teoria com a vontade de prática impulsiva (esta, quando sozinha, é desprovida de recursos que visem a acelerar à chegada ao êxito de uma operação). Assim, Ele nos mostra que não basta ser meramente utópicos que detêm teorias mas que não as praticam, nem meros experimentalistas que consideram apenas os fenômenos. Se não houvesse o encontro do eunuco com Filipe enviado por Deus, talvez seu batismo fosse meramente empírico, pois não saberia o significado (crendo de todo o coração que Jesus Cristo é o Filho de Deus [At 8: 37]). Podemos fazer um paralelo com dois exemplos: Thomas Edson, que experimentou inúmeros filamentos – "três mil materiais contendo carbono (desde óleo bruto de petróleo até queijo) e experimentou seis mil espécies diferentes de fibras vegetais colhidas em todas as partes do mundo" até chegar ao bambu para descobrir a luz elétrica(método empírico-indutivo); e Maxwell (1876) que descobriu que a velocidade de propagação do campo magnético é igual à velocidade da luz (e que esta, portanto, seria uma onda eletromagnética) por ter se baseado na teoria de Michael Faraday (1831) que descobriu o princípio da indução eletromagnética(método teórico-dedutivo). O primeiro exemplo mostra a dificuldade que Thomas Edson encontrou até chegar à sua descoberta por está longe da teoria. E o segundo, alude de fato ao que aconteceu no batismo do eunuco. Michael Faraday, por ser cientista, e o eunuco, por já está lendo a bíblia, poderia optar pelo método empírico-dedutivo, por já estarem, respectivamente exercendo o ofício de cientista e lendo superficialmente as escrituras. Mas tiverem a humildade de ouvir a teoria, ao se "debruçarem-se nos ombros dos gigantes" como Isaac Newton se debruçou nos "ombros " de Jonh Wallis, que são as teorias sobre quadratura do círculo e cálculo demonstradas por este último. A teoria gigante é a Bíblia Sagrada, e o gigante é Jesus. E a mudança de vida é a confirmação da operação batismal.

A mudança de vida, além de confirmar o sucesso da operação batismal, deve necessariamente aflorar durante ou após ao batismo natural (das águas) e sobrenatural (Espírito Santo), atos batismais que não necessariamente obedecem a uma ordem cronológica, mesmo por que se completam entre si formando um só (Ef 4:5), considerando que este é maior do que aquele e envolve-o, para que o de João Batista não seja um simples banho. Devemos sentir e, principalmente, admitir que o Senhor é Deus com a busca da santidade. Portanto, a configuração do verdadeiro batismo se dá com o ato físico e o espiritual; numa só fé, num só amor e num só espírito; com mudança de vida e com um objetivo.* para que a mudança de vida esteja também cooperando para a obra de Deus e não simplesmente para a melhora da condição moral do indivíduo.

A condição moral não pode ser vista como meramente individual. O filósofo alemão Kant define ética como o procedimento humano ocorrendo de modo que este torne-se paradigma para todos os outros homens. Nesse sentido, percebemos que o homem é apenas espelho e, de certa forma, influencia da melhor maneira o meio em que está inserido, mas não é dada como objetiva essa influência, visto que nesse caso o sujeito pode ser admirado de longe, pode ter um determinado comportamento aceitável para obedecer às regras de sua função social, mostrando que seu modo de agir formal não passa de uma máscara ou uma farda. Deve se trabalhar para alguém como se trabalha para Deus (Ef 6:6), não importando se o senhor é ímpio (I Pe 2:18) ou reto (I Tm 6: 2) perante o Senhor. Esse procedimento mostra este conceito de ética kantiana representa apenas utilidade para a o realizar, mas não para o querer, sendo que Deus mostra que a engrenagem andaré mesmo que o patrão não esteja presente e o alvo da competência será a cooperação com a engrenagem universal, e não somente a local, por no povo cristão não almejar prioritariamente o salário, as honrarias, favorecimento segundo conceitos formulados pela sociedade. Fazer, ante de tudo, por que é para Deus.

A capacidade de se relacionar no ambiente de trabalho, na escola, na família ou qualquer que seja o grupo social em que o homem estiver inserido, princípios de boa conduta, seja, deve ter um alvo universal – Deus – a sinergia é totalmente eficaz, pois é programada para o bom funcionamento da engrenagem da ordem universal.

No Contrato Social, livro do pensador iluminista Jean-Jaques Rousseau, vemos que a vontade do povo pode ser entendida como a voz do soberano. Thomas Hobbes define Estado como monstro que requer uma inteligência controladora para operar efetivamente, que é o Leviatã (sua obra literária). Ora, refutando este, se fosse correta essa afirmação, os homens deixariam de ser homens para serem engenhocas, maquinarias, periféricos. E refutando aquele, digo que não há como entender que a voz de povo como a voz de Deus, voz do soberano. Mas houve um homem do povo – Jesus – que aperfeiçoou o ditado popular de que a "a voz do povo é a voz de Deus" para "a voz de um do povo é a voz de Deus". Por isso precisa ser seguido para que tudo vá bem, por reunir em si duas naturezas: a divina e a humana. Para isso, mesmo que possa parecer paradoxal, a natureza humana dele não procurou satisfazer sua vontade que suplantasse a de Deus. Vontade no sentido de desejo. Pelo contrário, fez a vontade d'Ele até em momento de preservar sua integridade física e moral. Foi Jesus Cristo o único que abdicou integralmente de seus anseios humanos em relação à vontade do Soberano, que na explicação de sua missão diz o seguinte: "Eu nada possa fazer de mim mesmo; na forma por que ouço, julgo. O meu juízo é justo, porque não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou"(Jo 5:30). Tanto o juízo será justo como a sabedoria será sábia, a habilidade será hábil e tudo será de fato tudo quando houver humildade para obedecer, altruísmo e um referencial. Um ponto a se seguir. Alguém já disse que quando não há respeito a uma liderança, tudo vai mal. Ela, mesmo que às vezes seja descentralizada com delegados auxiliares, é singular na sua essência. A convergência só se dá, matematicamente falando, num único ponto. Toda a autoridade, além de vir sempre de Deus (Jo 19:11), é nos proposta como ponto de referência e convergência, apenas para que não se dispersem os instintos por causa da ausência de freios disciplinadores. Os anarquistas radicais vêem a autoridade como problema mas não propõem uma solução plausível para que haja ordem sem autoridade (talvez por amarem justamente a desordem, ou terem ojeriza a qualquer tipo de freio disciplinador, como Proudhon, anarquista do sec. XIX, que disse que "a propriedade é um roubo"). Mas os freios não são mecanismo aniquiladores de vontades

humanas. Elas continuam existentes e atuantes nos homens, com freios aplicados pelo estado soberano, poderes estes entregue pelo soberano-mor. Deus quer que o homem lidere tanto a nível macro (Estado) como micro (família) para continuar sendo sua imagem e semelhança.

Capítulo IV

< A etimologia da palavra sinceridade, apesar de ter sido inventada pelos romanos provém de uma raiz latina (*sine cera*) que quer dizer sem cera, pois antigamente, vasos que possuíam uma cera especial pareciam que eram feitos sem ela, por parecer que na sua composição não havia tal cera, ou cera nenhuma. Daí a palavra "sincera". O vaso descrito parecia, inclusive, ser transparente, diáfano. Dava para ver até mesmo um pouco da silhueta dos objetos colocados em seu interior. Nós transparecemos parte do caráter de Deus, quando temos essa cera especial, isto é, a marca plena do criador. Quando ostentamos a marca de "quem nos achou e (re)moldou", apesar de aparentemente belo, o "vaso" é desprovido de transparência que denuncia a marca do criador por angariar um atributo exótico de tapar principalmente ela. A formosura é pomposa, mas é uma carapaça. E apesar de às vezes trazer brilho, não traz luz. Estampa em si um arco-íris artificial, como a nova era, mas emancipa-se do caráter de Deus, sendo o arco-íris parte dele, sendo um dos símbolos do trato de Deus com os homens (Gn 9:13). Podemos fazer uma alusão ao carnaval. Muito brilho e esplendor, mas nenhuma luz. O que existe no sambódromo são suportes elétricos potentes possibilitando um pequeno curto circuito de arco voltaico que dá a ilusão de luz. Puro artifício humano. Engenhosidade louvável quando utilizada pela humanidade para satisfazer a necessidade, mas, ao colorir um evento repleto de delírios, que não é festa, por ser esta propriedade de Deus (vide oitavo parágrafo do primeiro capítulo), como a lâmpada de Thomas Edson dá a ilusão de luz, todos os aparatos nos dá a sensação de alegria. Mas não é. Vejamos: quatro dias de felicidade e 356 de sofrimento, como já foi dito. Repare no número de mortes que ocorre nessa época. Algum estranho está moldando essa matéria prima que é a cultura nacional. Algum estranho pode

sim, nos moldar.

É essa a caricatura que o Diabo faz de Deus e das coisas criadas por Deus. O trato com o Diabo, entendido perfeitamente no livro de Jó foi. Ele está em seu poder, mas não os toque. O que é o toque, é mexer na essência. Ele pode nos mexer fisicamente, emocionalmente, pois sua estratégia não é levar para o buraco da perdição, mas ofuscar a luz que leva para o caminho da salvação. Quem tem poder para nos lançar no inferno é Deus, não o Diabo (Lc 12:5). Portanto, entretém-nos com caricaturas. Desvia-nos a atenção com suas porcas imitações de paraíso, de prazer, de liberdade... Para ilustrar e possibilitar a compreensão dessa tese observe o que ocorre quando o governo ou uma empresa responsável pela manutenção de uma determinada opção de diversão, de serviço etc deixa de fazer o costumeiro serviço e o que é pior, considera o mesmo obsoleto e ultrapassado. Para que as pessoas vão mais aos parques aquáticos artificiais, negligencia-se com o tratamento artificial que requerem os balneários naturais, como praias, lagos e rios. Quando querem privatizar determinadas empresas, consideram-na onerosa, mesmo sem sê-la, como foi o caso da Vale do Rio Doce. Estratégia quase que perfeita, pois assim é o diabo: quase perfeito. Entretanto, nada melhor que o culto racional a Deus, adequadíssimo nesse momento, para rechaçar o ardil do Satanás. Não, a palavra de Deus nem as verdade bíblicas são velharias, mas renovam-se a cada dia. Todavia, a linguística do Diabo é atraente. Pós-modernismo, Nova Era, Matrix. Tudo alude a novidade. Só que temos a perspicácia, motivada e orientada pelo discernimento espiritual, de saber diferenciar liberdade(original) de libertinagem (caricatura); desenvolvimento econômico(original) de crescimento econômico que, já que PIB de uma nação não é o mesmo que distribuição de renda (caricatura); verdade (original) de relativismo pilático (caricatura); novidade (original [Rm6:4]) de nova versão da velha obstinada prestidigitação de Satanás (caricatura).

Esse capítulo propõe demonstrar – desde o tempo que Barjesus, os filhos de Ceva (respectivamente, descritos em At 13: 46-12 e At: 19:13-16) e outras heresias do período "pósressurreição de Cristo" até os dias de hoje (sem necessariamente respeitar uma ordem cronológica) – as caricaturas em forma de religião, seita, doutrina e outras classificações que geralmente criam denominação específica para fugir do rótulo (bem como "filosofia" ou "ética" fugindo inclusive dos sentidos desses vocábulos) no qual o inimigo se revestiu, pois com ele está a colcha de retalhos da mercadológica que também pretende caricaturar a multiforme graça de Deus.

Relembremos, pois, de quando nos referimos à maçonaria. Eles permeiam o sentido da vida numa relação pitagórica da "verdade" fazendo uso da mathesis (decodificação matemática onde, quíça, tudo pode se explicar pela Matemática). Haja vista a definição de Deus proposta por eles. Ora, se quer matematizar, matematize aquilo que for possível de matematização. Deus não pode ser mensurável. Até mesmo passaram longe quando disseram que ele tem sua circunferência em lugar nenhum. Poderia pelo menos se aproximar ao lembrar que sua habitação, o céu, tem um caráter de uma abóboda (Am 9:6). Deus seria então o círculo cujo ponto está em todo lugar cuja circunferência é o céu? Não, nada disso. Percamos essa mania de querer medir Deus para definí-lo e compreendê-lo. Temos que conhecê-lo como o que Ele nos deu para conhecer. Louvável é o trabalho da maçonaria em outras áreas, como o estudo dos formatos das cruzes, através dos tempos e povos. Isso me faz lembrar um pastor índio que foi na Igreja na qual em congreco e relatou que, para falar de Jesus para uma tribo indígena, tinha que obedecer a concepção de Cruz que aquela tribo tinha, que mais parecia um estilingue de cabeça para baixo do que uma cruz. Os maçons são impecáveis, quando descrevem as cruzes astronômica, esvática, gamada, latina, e não têm culpa se outros povos a utilizam para atribuir-lhe outros significados que não o verdadeiro que é o símbolo da fé cristã. Entretanto, extrapolam ao conceber, como o filósofo Pitágoras, que a Matemática é a arte que consiste em alcançar os conteúdos do saber supremo. Mesmo que eles adotem uma postura totalmente epistêmica afastando-se da doxa (opiniões) e outras coisas chiques e

pomposas da linguagem maçônica, querem rebaixar Deus a um número. Sim, pitagóricos concebem que um ponto determina uma linha, com dois pontos determina-se uma unidade, e com três pontos, a superfície, com quatro a área... Seguindo a lógica humana, chegaríamos a Deus. Entretanto, a via a Deus não é a lógica humana. É Jesus, que é o caminho (via). Suponhamos que estejamos numa margem oposta a um rio e queiramos conhecer o outro lado, a outra margem, talvez para saciar uma curiosidade, ou possibilitar uma superação humana ou um promissor contato entre duas partes não comunicáveis e quebrar as barreiras econômicas. Para se chegar a Deus, também existem várias pretensões. Senão vejamos. As alternativas são: apenas imaginar o lugar, como assim fazem os utópicos, construir uma ponte cheia de engenharia e arquitetura, como assim fazem os maçons e pitagóricos em relação a Deus, e ...caminhar sobre o mar? Absurdo, irracional, impossível? Aos olhos dos homens sim. Cristo, ao caminhar sobre o mar, suscita nos incrédulos uma pilhéria nada pândega: "ensina a Pedro o caminho das Pedras, Jesus". Este, ao contrário, ensina o caminho da fé, inclusive utilizando o rompimento da lógica. O que dizer de um japonês que, ao construir certo viaduto, fez lá seus cálculos e constatou que, após a construção, havia um erro. Desesperado, desferiu um tiro em si, suicidando. O viaduto está até hoje em pé, enquanto que o japonês, deitado morto. Também, foi confiar na matemática...

Não só a maçonaria e os pitagóricos caricaturando Deus com suas assimetrias que, por serem classicismizante, se aproximam demais com sua cópia de Deus daquilo que Walter Benjamin chamou de aura . Entretanto, o original basta por si só e segue em seu campo das idéias que não é o platônico, pois atribuir o conceito de demiurgo e estritamente arquiteto do Universo também menospreza o caráter divino, mas o conceito cristocêntrico (termo bem matematizado para adequar à consideração aos numerófilos em questão). Se na academia de Platão estava escrito que ali não entrava quem não entendesse de Geometria, na escola de Deus está escrito que sem fé é impossível agradar a Deus. Sim, a fé como mergulho no vácuo (observe que não é mergulho no escuro já que no cristianismo também requer racionalidade [Rm 12:1] e matemática [Mc 4:24 e Ap 11:1] e não racionalismo e mensurismo [caricaturas]) – no qual o único algo existente é o arrimo divino. Quando o pai diz ao filho "pode se atirar",

o filho, mesmo que seja pequeno, se atira. Paulo convidou Agripa a se atirar na fé cristã (At:26), mas este ficou no quase. Assim também permanecem no quase os que querem manter suas posições que, mesmo que vistas aos olhos dos homens, não condizem com o cristianismo.

Com um sugestivo nome de "doutrina filosófica de caráter espiritualista", o racionalismo cristão apresenta um espiritismo intelectualizado amalgamando em um só conceito o atomismo adotado por Epicuro e Demócrito; o gnosticismo, por propagar que exclusivamente cuida única do esclarecimento da humanidade e sua evolução; e a reencarnação. Termina por tropeçar nas pernas, visto que chama de cristão seus ensinamentos que negam os alicerces principais do cristianismo (os "racionalistas cristãos" não concordam com oração, pois elevam seus pensamentos através apenas de irradiações; não vêem Jesus gerado pelo Espírito Santo, e sim por José e Maria etc.). Ora, se assim querem propagar seus ensinamentos, a primeira providência a se tomar é modificar a sua denominação, pois é inviável chamar de cristão aquilo que não o é.

Epicuro e Demócrito discorreram sobre átomo de maneira filosófica, mas foi com Lavoisier, Proust, Rutherford, Bohr, Planck, Einstein e Pauli que a teoria ganhou cerne científico. Com Wolfgang Pauli, verificou-se a diferença entre átomos, se aproximando da teoria de Leucipo e Demócrito, que acreditavam que os átomos se diferenciavam quanto à forma, e de Epicuro, que foi mais além, vendo-os distintos quanto ao peso. Em suma, percebeu-se que havia uma gradação que poderia sugerir a superioridade de alguns átomos e a inferioridade de outros.

Talvez isso tenha permitido que "racionalistas cristãos" e outros vislumbra-se a errônea concepção de que o espírito é o grau máximo da evolução da matéria.

Senão vejamos: Epicuro em sua filosofia vê a morte como desintegração dos átomos. Nessa teoria, há uma espécie de aniquilacionismo, mas podemos extrair dela algo positivo. Em concepção meramente espiritual não cabe a concepção atomista. Apesar de inerente à matéria, mas não se aglutina em sua substância, apenas se justapõe. Em Jo 6:63 podemos ver essa diferença. Os ditos "racionalistas cristãos" entendem que o espírito se apodera do átomo, da molécula e do núcleo e, por ser uma "força inteligente e poderosa", cria os reinos vegetal, animal e mineral. Concebem-nos como auto-criados e elaborados em si mesmos. Citemos Epicuro mais uma vez que, mesmo que tenha errado ao os deuses "desconhecem" o mundo imperfeito dos homens e que estes não existem mais quando a morte vem, demonstra bastante firmeza de posição por não chamar filosofia, especificamente a sua, de "doutrina de caráter espiritualista". Tal doutrina do racinalismo cristão propõe uma hierarquia entre espírito e carne dando ênfase a superioridade do primeiro. Talvez pautados na tese de que a matéria seja o ponto primevo do que, no futuro, venha ser espírito que na sua doutrina é algo evolui por meio de encarnações e desencarnações. Decerto que ele vivifica mas, na perspectiva cristã, vivifica sem precisar permutar de corpo, por ser o espírito exclusivamente individual e denunciar a personalidade, e só vivifica de verdade se estiver sendo orientado pelo Espírito-mor. O mesmo ocorre com o corpo físico, que só se detém do mau agindo em memória do corpo-mor que é o de Cristo para que estejamos em semelhança a ele não só em feição, mas também em ação. Sem esquecer que o nosso corpo também permanecerá, mas será aperfeiçoado (I Co 15:44, 54). Demócrito, Leucipo e Epicuro, ao discorrerem sobre diferenciação de átomos, corroborada pelo físico Wolfgang Pauli, que postulou sobre o fato de um átomo de um determinado elemento químico superar o de outro em camada eletrônica, não podem, com seus ensinamentos, nos confundir sobre um assunto: uma coisa é átomo/matéria e outra é espírito/essência. Apesar de eternamente junto ao corpo, não é corpo. Átomo é matéria. Por isso, o espírito não é o grau máximo da corrida da matéria rumo à evolução, como assim quer o pseudo-racionalismo cristão.

Tanto o corpo pode estar bem (ao se cuidar e dominar) ou mal (pela influência do pecado e da enfermidade), como o espírito também pode sofrer essa variação (Mt 14:38 e Pv17:22). Este

não tem a função de se apoderar da matéria prima e obrar, visto que ele também precisa ser criado, soprado e lapidado por Deus. A criação é a partir do nada, mas o nada não se cria. O espírito no corpo (humano) permite que ele seja mais do que matéria bruta, pois torna-o essência devido a potência vivífica do sopro divino.

O racionalismo cristão incorre no mesmo erro dos maçons que edificam uma ponte edificada na mathesis para se chegar a Deus, e de alguns evolucionistas que presumem que a evolução do homem proveio do macaco. Pura arbitrariedade, sendo o primeiro exemplo já esclarecido nos primeiros parágrafos desse capítulo e o segundo, descartado pelo fato de o código genético do cérebro do macaco ser o fator diferencial que coloca um abismo entre a nossa composição genética e a dos simpáticos primatas. Em termos de composição, de um lado vai o espírito, do outro vai o corpo. O curioso é que o racionalismo cristão de Luiz José de Mattos e Luiz Alves Thomas consegue ter uma espécie de fé para aproximar duas coisas tão diferentes entre si no que concerne à composição e não aceita que Jesus foi gerado pelo Espírito Santo, acreditando que José é seu pai biológico. Parafraseio a nota da bíblia de Genebra do mesmo versículo que serve para diferenciar espírito de corpo: "entender as palavras [até mesmo o próprio Jesus] em sentido meramente físico é extremamente errado", pois não reconhecer Cristo como filho de Deus gerado pelo Espírito Santo é entendê-lo como meramente físico. Não adianta elogiá-lo como espírito grande e evoluído que reencarnou várias vezes (vide Mt 24:24 sobre os falsos cristos) que ele não se agrada dessas atribuições que nada tem a ver com sua verdadeira natureza. Se Jesus evitou a visita de alguns gregos que queriam saciar a sua sede intelectual e filosófica por mais uma "divindade" e chorou devido à incredulidade dos judeus de Jerusalém que o viam como redentor do poder político de Roma (Lc 19:41), ainda se incomoda com esses falsos panegíricos emanadas de conclusões baseadas estritamente em critérios humanos.

Repare bem que tudo voltará a ser renomeado para atrair novos adeptos. É isso que significa

o vento de doutrina referido por Paulo em Ef 4:14. Mas quero destacar o “eterno retorno de Empedocles de Agrigento” das novas versões do gnosticismo, sendo este a realce da importância de adquirir conhecimento (do grego, gnosis) para se obter salvação e o conhecimento do Deus supremo. Ele é interessante, pois chama de ignorância o diabo e atribui que a luz de Jesus é estritamente epistemológica, sendo ele o “grande revelador da gnose”. No mundo das trevas concebido pelo gnosticismo, há muita ou só há ignorância e é o mesmo mundo da humanidade, enquanto que o mundo da luz é impossível de descrever e repleto pelo saber. Nessa mistura de misticismo, filosofia grega, judaísmo e especulação religiosa, os gnósticos demonstram que o reino material é algo a se desprezar, pois o que importa é o reino espiritual. Logo faz com que surjam as seguintes indagações: pratiquemos a ascese para que imitemos a virtuosidade do mundo espiritual ou a imoralidade uma vez que o que importa é apenas o espírito? Devo me submeter aos rituais místicos de iniciação ou preocupar-me estritamente com o autoconhecimento? Essas dúvidas já existentes no século II demonstram que se há ênfase demais à busca do conhecimento, atribuindo-lhe apanágios que extrapolam o seu conceito, traz à tona a dúvida. De acordo com a lógica humana, quanto maior é o conhecimento, menor é a dúvida. Por que então o gnosticismo que se jacta em ser a religião do conhecimento permite que seus seguidores chegue a ela? O conhecimento pelo conhecimento, em enaltecendo-se a si próprio, provoca o desconhecimento pela lei do espiral – o abundante se tornando nada devido a intensidade pletórica. O mesmo ocorre quando a intensidade de volume de som é amplificada de tal forma a ultrapassar os decibéis suportáveis à audição humana, tornando-se silêncio. De que vale chamar o Diabo de deus Ildabaot do caos e da ignorância, a sabedoria divina de sophia e Jesus de grande revelador da gnose se parodiam o centésimo décimo primeiro salmo no versículo dez entendendo que “temor ao conhecimento é o princípio da salvação”. Se os gnósticos, seguidores do teólogo Valentinus do ano 140, recomendavam a “conhecer as coisas profundas de Deus para ter o conhecimento perfeito de Deus” de que, antes da busca pelo conhecimento vem a da sabedoria que é o mesmo que o temor ao senhor. Só assim, aquele não eivará o tino humano de altivez e o indivíduo fruirá a profundidade das riquezas divina, ‘ tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus, sem se ensoberbecer em pedantismo vão do inchaço cultural, que não é o mesmo que sabedoria, aflorando inclusive a dúvida.

Hoje nós notamos determinadas igrejas forjarem um crivo para estabelecer um novo cânone e

considerar que outros livros são apócrifos com argumentos vazios, diferentes dos que argumentos fundados em argumentos sólidos que rejeitaram os livros Tobias, Macabeus e cia. pois foram abduzidos com critérios convincentes do cânon sagrado (em Judith 10:11-17, 11:123 e 15:8 a 10, há a justificação à mentira e em II Macabeus 14:37-46, ao suicídio. Tobias 6:1-9 ensina a feitiçaria e II Macabeus 12:38, a oração pelos mortos) e temos a impressão de que se trata de algo novo, novidade. Mas uma vez entra em ação a nova versão satânica daquilo que já ocorreu em termos remotos em termo de erro. Lembre-se de Lavoisier, aperfeiçoando seu famoso adágio: “nada se cria [partícula se como pronome reflexivo, e não como apassivador], tudo se transforma”. Determinadas igrejas que deixam de ler o velho testamento por considerar que o Deus descrito nele é iracundo e inexorável e outras que desprezam alguns livros do novo testamento (como fazem uma determinada denominação que chegou a desconsiderar a epístola de Tiago por considerá-lo herege, alegando que ele era um aficionado por obras e um desrespeitador da doutrina da salvação pela graça) não são novidades, mas concepção equivocada de cristianismo do passado transformadas pelo diabo em novas versões. Tudo isso já existiu! Poderíamos citar Marcião, nascido em Sínope na Ásia Menor, propagou pela Itália, África, Egito, Síria e Chipresua doutrina de que o Deus criador do antigo testamento não é o mesmo Deus dos Evangelhos, sendo que o primeiro é vingativo e o segundo, gracioso, amável e bom. Por isso, não considera o velho testamento como escritura cristã. Ou Montano, nascido na Frígia, que dá mais ênfase a figura do Espírito Santo do que as de Deus e Jesus, como uma espécie de edição da Bíblia de acordo como o bel-prazer do ponto de vista humano. Portanto, caro leitores, o surgimento de denominações que venham a incorrer no mesmo erro de Marcião, Montano e outros hereges não é nem nunca vai ser novidade, mas sim nova versão caricatural, pois só Deus é original.

A edição mencionada, geralmente, se dá por uma estratégia satânica estimulada por identificação momentânea que o leitor tem por uma passagem, uma personagem, um versículo, um contexto ou livro da Bíblia associada a uma paixão irrefreada que dificilmente desprende o leitor da idéia fixa de ser ele o próprio enfoque dado pelo versículo, ou o próprio

personagem referido da mensagem etc. É uma idéia fixa que leva à insanidade mental (note que é a idéia fixa, não a leitura da Bíblia que leva à insanidade). Se um dia Montano leu em I Jo 16:13 que “o Espírito da Verdade virá e não falará por si” e achou-se o contemplado em ser o arauto da referida verdade é por que foi vítima dessa identificação momentânea e se deixou levar pelo desvario heróico. O Pastor Silas Malafaia proferiu uma máxima que diz que “texto fora do contexto é pretexto para heresia” , sendo a Bíblia a mão de todas elas devido essa “pesca” de versículos isolados para formação de doutrinas vãs. E por que se dá essa “pesca”? Pela forte identificação com um texto solto do contexto. Para exemplificar, mergulho dentro do meu próprio meio. Há denominações evangélicas que se identificam demasiadamente com Mt 3:10 fazem de sua liturgia um pedido contínuo de dízimos e ofertas durante todo o culto; outras que digladiam no campo das idéias sobre predestinação, batismo por aspersão ou imersão, realizando “discussões insensatas (...) que não tem utilidade e são fúteis” (Tt 3:9). Existem inúmeros exemplos, como a Igreja A que se apaixonou por I Co 11:6,7 e recomenda, com rigor ascético, às mulheres a não cortar o cabelo, ou a igreja B , com o dom de línguas, a C, com profecia, a E em guardar o Sábado... Alguns componentes das Igrejas Presbiteriana, Batista, Assembleianos, Congregacional e da Universal do Reino de Deus pecando por não seguir a bíblia como um todo.

Se a prática do jejum apartar-se da oração, do perdão e de outras práticas santas, ela se torna um membro isolado do corpo, logo, sem função. Se notarmos que enceta em nós o desejo de identidade radical com uma determinada passagem bíblica, fiquemos cientes que estaremos próximo à tentativa de emancipação promovida pelo inimigo das nossas almas. Esse é o tipo de pensamento que temos que guardar conosco (leia Rm 14). É necessário que haja partido entre nós (I Co 11:19), não facções. E aí daqueles que, como o G12, entram nas igrejas para edificar sobre fundamento alheio, causando confusão entre os conceitos de reunião em células e culto doméstico.

Observe que todos os extremos são prejudiciais. Pegar a unidade e fazer com que ela floresça de modo a se apartar de vez do conjunto é tão malévolo como permitir que a pluralidade se torne um monismo* de modo a aniquilar com as benesses que existam na unidade conceitual.

Há os que, para isso, levam o monismo para dentro de si, personificando-o para semear toda sorte de engano. Mani ou Maniqueu, nascido na Babilônia, homem “bom”, pregador da luta entre o bem e o mal, posicionando-se ao lado daquele, que morre crucificado pelo rei indiano Bahram I. Essa definição de Mani parece tão aprazível, tão maviosa, tão...cristã. Alguém já disse que uma meia verdade engana mais que uma mentira inteira, e é isso o que é o Diabo. Veja que a tentação do deserto só foi com meias verdades. Apesar de não possuir muitos adeptos, o maniqueísmo permeia sutilmente certas doutrinas de caráter filosófico, como o Taoísmo. Quiçá por parecer com o cristianismo. Aqui cabe a visão aristotélica sobre o ser, que é impossível não ser visto que é. Entretanto, o não ser ilude muito quando se passar por ser, tornando-se parecido com este. Esse é o maniqueísmo. Sua membresia era composta por eleitos, que renunciavam trabalho e casamento, e os ouvintes, cuja a função era sustentar os eleitos. Mas esse ainda não é o contraste óbvio entre a originalidade e a caricaturação. O lema de Mani era :

- luta entre os reinos das trevas e da luz, com equilíbrio de poderes;
- segundo o próprio Mani, “os escritos, conhecimentos, apocalipses, parábolas e salmos de todas as religiões anteriores, reunidos de toda a parte, juntaram-se na minha religião na sabedoria que tenho revelado”;
- segundo o historiador Kurt Rudolph, “O Universo e A Terra e o homem estão sujeitos a um processo cujo objetivo é a libertação de Deus por Deus, no qual o homem é instrumento decisivo para esse objetivo.

Percebe-se que os escritos da Bíblia e outros escritos causaram em Mani uma motivação inconsciente pelo equilíbrio de forças opostas entre si para engendrar na autodeterminação aparentemente inferiorizada quando vemos as verdades bíblicas como hierarquia na qual primeiro vem Deus, logo depois o diabo e, por fim, o homem. Note que, mesmo que Mani tome partido pelas forças do bem, reconhece o equilíbrio entre as partes ex adversu. Deus, no maniqueísmo, que se libertar de si, isto é, da sua criação chamada “mal”. Para Mani, o homem

tem a função de contribuir para que as forças sejam de vez divididas e tomem seu rumo certo, com o homem com função precípua. Se formos analisar, temos sim uma missão, mas uma submissão, tal como é a missão da esposa no casamento. Houve em Mani a identificação com Jesus e o desejo de imitá-lo, mas com desejo de alcançá-lo em importância na missão de derrotar o mal. Jamais alcançá-lo-emos em importância na missão. Somos co-operadores da verdade (I Jo 1:8), mas os que a operam com extrema eficácia são Jesus, Deus e o Espírito Santo. Mani errou em olhar mais para si. Haja vista que pregava, como o gnosticismo, a salvação pelo conhecimento. Portanto, não é somente o texto fora do contexto que induz ao erro, mas o inconsequente domínio do todo em virtude de uma auto-proclamação profética na qual o indivíduo se assume como o Messias, anunciando aquilo que já fizera o ungido par excellence, relativo à aura de Walter Benjamim. Eis um caso de identificação insana com um determinado tratado, só que desta vez o foco recai sobre o contexto.

Há diversas formas de ser atingido por essa identificação. Uma das formas bastante usufruída pelo inimigo das nossas almas é a deturpação, a distorção da realidade. Para isso, tem como arma a ingenuidade dos seres humanos. Certa vez, o locutor de um jornal da televisão, ao referir-se ao assassinato de um jornalista, disse que “matar um representante da imprensa é tapar os olhos da população, impedindo-a que se apodere da informação”. De fato, se um repórter realmente informa, sem parcialidade e omissão dos fatos, sua frase é verdadeira. Lembremos dos profetas de Deus, que eram mortos para que fosse calada a voz do Criador. Entretanto, quando o profeta é mentiroso, nada tem a ver com Deus, bem como o jornalista parcial e omissor (que não foi o caso do jornalista assassinado) não é os olhos da população. Somado a isso, vem a ingenuidade do receptor da informação, que pode ser real ou cultivada pelo receptor de uma informação de acordo por conveniência. No primeiro caso, temos o exemplo de Zaqueu, o publicano que ao reconhecer que Jesus é o messias se redime de seus erros de corrupção, inclusive restituindo aos pobres com parte do dinheiro apoderada indevidamente (Lc 19: 1-10), e o do jovem rico que não sabia o que era na verdade aplicar os mandamentos de Deus, mas é orientado por Jesus e se entristece por agora estar indo de encontro à própria consciência (Mt 10: 17-22). No segundo caso, lembremos de Nicodemos e

a famosa pergunta a Jesus sobre o novo nascimento, se este é o mesmo que retornar ao ventre (Jo 3: 1-15). A concepção de reencarnação dos espíritas traz em si uma pseudo-ingenuidade similar a de Nicodemos que nos faz indagar: será que estão se identificando com um versículo isolado pela identificação citada nos parágrafos anteriores, fruto da incapacidade humana em assimilar os ensinamentos de Deus através da Bíblia sagrada ou uma vontade de receber como bem quer para aplicar de acordo com seu bel-prazer? A maioria das vezes, a deturpação e/ou distorção da realidade provém do transmissor, mas também, vem do receptor. O pior cego é o que não quer ver. Será que Nicodemos, mesmo sendo mestre, um dos principais dos judeus, não percebeu o que significava nascer de novo? Será que parte dos espíritas não nota que o nascer de novo é ter uma nova vida, ou não querem perceber, cultivando uma pseudo-ingenuidade pueril para prosseguirem no erro. No episódio da transfiguração, será que não perceberam que Jesus é que falou com Elias e Moisés por ser Deus, e poder tudo, e não Tiago, Pedro e João, meros humanos como nós? Será que é “espiritual” ignorar o que Jesus disse sobre os mortos sepultarem os próprios mortos (Mt 8:22)? Imaginemos, pois, se todos os versículos fossem deturpados com essa falsa ingenuidade. Haveria um número imenso de canibalismo cristão, se entendesse que Jesus, ao dizer que comamos do pão, pois este é seu corpo e que bebamos o vinho, pois é seu sangue (Mt 26:26-29). Ou uma quantidade de seitas mutilatórias – digo que nada impede que existam, devido a ignorância dos que não querem entender o verdadeiro significado dos dizeres de Cristo – ao ler que arranquemos mão e o olho que nos fazem tropeçar. Examinar a Bíblia é o mesmo que perscrutar e dissecar para que não haja deturpação engendradas pela leitura superficial que leva à ingenuidade intencional ou natural. Orígenes de Alexandria, teólogo e filósofo, teria se castrado por ler superficialmente Mt 19:12 que diz que “há eunucos que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus”. Se de fato o fez (o que eu não creio, uma vez que era figura proeminente da interpretação alegórica das Escrituras) deveria ter prosseguido na leitura bíblica, chegado às epístolas paulinas e verificado que Paulo, o Apóstolo dos Gentios, nunca precisou chegar a esses exageros, se fazendo "eunuco" somente permanecendo solteiro. Paulo mutilou a tendência a um provável pecado que fosse necessário mutilar o corpo. Devemos ser cristãos segundo o espírito, que vivifica, não segundo a letra, que mata (II Co 3:6). Além disso, quando pedimos o

esclarecimento sobre algo, devemos estar dispostos, antes de tudo, dispostos a compreender.

Epiteto disse que “é impossível alguém aprender algo que já tenha dito que já sabe”. Jesus, sábio por excelência, diz dos que são felizes por ser humildes de espírito, e que dos tais é o reino dos céus. Ser humilde do espírito é não se apresentar diante de uma explanação, seja ela qual for, com uma pseudo-ingenuidade pueril, simplesmente para alfinetar o expositor. Deve haver perguntas honestas, principalmente quando a verdade se apresenta explícita diante de nós. Vide conversão de Saulo quando faz a seguinte pergunta: “Quem és tu, Senhor? (At 9:5)”. Sua pergunta chega a ser um exemplo de conscientização instantânea, tal foi a sinceridade da pergunta e reconhecimento de estar diante da verdade ao reconhecer Jesus como seu Senhor em segundos de contato com Cristo.

Paulo, após a conversão, foi perseguido, demonstrando a verdadeira identificação com Jesus, sendo seu imitador e trazendo sobre si as marcas de Cristo. Todavia, sendo bem aventurado por ser perseguido POR CAUSA DA JUSTIÇA. Ser perseguido por uma causa injusta não necessariamente denota que o perseguido é cristão, apenas pela perseguição em si. Veja o homossexual: está em desacordo com a bíblia e é perseguido por outros motivos. Faço menção ao eixo persecutório para falar da Religião dos que dizem ser Testemunhas de Jeová. Intitulam-se os perseguidos, já que o nazismo matou muitos componentes dessa seita. Mas será que são perseguidos por causa da justiça ou por outro motivo quaisquer? Charles Taze Russell, instigado por uma inconformidade com algumas evidências bíblicas (como as penalidades eternas e obra vicária de Cristo) decide enveredar por um estudo bíblico individualista. Feito isto, funda um grupo chamado "Estudantes Internacionais da Bíblia", que mais tarde ficou conhecido como "Sociedade Torre de Vigia" e/ou "Testemunhas de Jeová". Assim, ele e seu grupo deturpam a

Bíblia Sagrada, extirpando arbitrariamente conceitos bíblicos explícitos (como a divindade de Jesus, etc.) e presumidos (trindade, etc.), criando uma terminologia própria para os que aderiram a essa caricatura, ofendendo o espírito santo (assim mesmo, com letra minúscula), chamando-o de força ativa, dizendo que só habitarão no céu 144 mil e outros fiéis, mas os de hierarquia inferior (porque não dizer “casta inferior”?! Ora, as caricaturas têm tantos pontos em comum) povoarão a terra, e outras discrepâncias vãs, como a aversão por serviço militar, transfusão de sangue, festas de aniversário, etc. As fraudes são evidentes. Ai daquele que

acrescenta algo à Bíblia Sagrada, já vaticinou o livro de Apocalipse, assim como é errado ultrapassar o que está escrito! Tanto o leitor superficial quanto o adepto ao estudo sobre heresiologia pode refutar as ditas Testemunhas de Jeová (não pelo estudo intenso, apesar de ajudar, mas o fator que faz a diferença é o Espírito Santo conosco, esse sim com letra maiúscula). Não quero me aprofundar sobre eles nessa obra literária, deixando para ser mais específico no outro livro. Só digo que, para um primeiro contato com esses caricatos, alegue que o Jeová que eles proclamam não é o Deus descrito na Bíblia. Nem mesmo é o nome verdadeiro de Deus. É um pouco chocante essa afirmação, mas, se for para falarmos detalhadamente o nome de Deus jamais conseguiríamos, pois ele é impronunciável. Os hebreus representavam o nome de Deus por meio de um tetragrama hebraico (YHWH ou IHVH). No máximo, aproximaríamos a pronúncia na seguinte representação fonética: “yaweh”. Jeová é um anglicismo, que facilita que ingleses, norte-americanos e povos de língua latina falem o nome de Deus, mas não é a pronúncia de fato, sendo esta impossível aos lábios humanos. Ademais, querem que confiemos numa “Tradução do Novo Mundo” (o livro das “Testemunhas de Jeová”) feita por pessoas que foram envergonhadas diante de um tribunal por não saberem nem o grego nem o hebraico. Testemunhas de Jeová: uma caricatura que quer zombar da nossa inteligência!

E o que dizer do mormonismo. Outra turminha norte-americana de feitores de religião (leia-se seitas) que se restringe a basear-se em concepções individualistas a serviço da vaidade. Joseph Smith, um descendente de um embusteiro caçador de tesouros em terrenos alheios (Joseph também chegou a praticar a caça a “tesouros”) alega ter tido visões de um anjo que lhe trouxera um “evangelho restaurado” (oh, que fascinante!), tendo a ousadia de falar que teria visto também João Batista, Pedro, Tiago e João, Jesus, Deus, e por aí vai! Só que para isso, sem pedir licença passa por cima da ARQUEOLOGIA (suas tábuas de ouro que continha o testamento trazida pelo anjo eram escritas em um tal de “egípcio refomado” que misturava caracteres egípcios, árabicos e outros, fraude esta que qualquer criança percebe), da TEOLOGIA (causando mal-estar inclusive na corrente dispensacionalista, corrente que divide a relação de Deus com os homens em várias fases, em que os próprios

mórmons se apóiam por considerarem Joseph Smith como o “profeta da última dispensação”, como se esta [na linha dispensacionalista] carecesse de um profeta singular), da BÍBLIA e de tantas outras coisas, inclusive do bom senso, já que plagiaram tanto uma história fictícia de Samuel Spaulding e chamaram de história dos povos antigos, como também trechos da Bíblia inglesa "The New King James Version" (Nova Versão do Rei Tiago) (inclusive os erros de grafia) enxertados em seu quimérico “Livro dos Mórmons”. Digo que para essa falsificação barata até mesmo o caricaturista-mor (a saber, o diabo) deve ter dito para seus criadores: “eu esperava mais de vocês”. Não é à toa que Joseph Smith morreu como morreu, com tiros numa cadeia e fazendo sinalzinho da maçonaria para verificar se entre os seus algozes havia um maçom para salva-lo. Isso é que dá querer se favorecer com um pseudocristianismo...

E a caricatura islâmica? Maomé, entrando em contato com o anjo Gabriel (foram batizar seu anjo revelador logo com o nome do anjo descrito nos evangelhos! Mesmo que aleguem que Gabriel é uma classe de anjos, não um somente, classe esta reponsável por portar boas notícias! A terminologia é que foi plagiada!). Esse contato se deu a 5km de Meca, recebe dele a mensagem, segundo os islâmicos, a verdadeira mensagem, visto que, para os islâmicos, os evangelhos que estão conosco é uma adulteração feita no intuito de angariar adeptos como uma ideologia que atenda os interesses de uma falsa igreja e/ou uma instituição vigente que alegue ser a de Cristo. Os islâmicos consideram Cristo como o profeta, isto é, como um dos profetas, da mesma linha de Abraão, Moisés e Maomé. Para eles, o erro está nos homens que se dizem cristãos, não em Cristo. Creio que seja bom para o nosso progresso quando às vezes somos chamados de "caricaturistas" para que nossa consciência seja despertada e reformada para que renovemos nossa mente. O erro dos islâmicos se dá justamente por considerarem que os que registraram os evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) correspondem ao conteúdo neles contido, quando na verdade, o conteúdo é o próprio Jesus Cristo. Os evangelhos apresentam, sim, pontos de vistas diferentes, por isso são chamados de sinóticos. Porém, um jornal nunca dá a notícia totalmente igual à dada por outro, mesmo que ambos noticiem a verdade. Além disso, confiam em evangelhos que não estão no cânone para

crerem nos dizeres de Cristo. Não estariam incorrendo no mesmo erro? Poderíamos alegar que estes (os apócrifos) estão seguindo o bel prazer do islamismo.

O diabo foi bastante sagaz ao aproveitar a briga entre Isaque e Ismael para que aproveitasse da grande descendência prometida por Deus aos descendentes de Ismael com a falácia pseudoalvissareira com as revelações a Maomé. Oram para Alá (Deus, em árabe, na forma Elohim) cinco vezes ao dia, e fazem intenso jejum e não seguem o profeta Maomé (não gostam de ser chamados de maometanos) e sim a Alá. São de fato aguerridos e aferrados, entregues abnegadamente à peleja espiritual. Os cristãos deveriam se espelhar no empenho dos islâmicos.

Mas não devem se espelhar neles quando se apoderam de dizeres bíblicos para formarem sua religião. Vejamos um trecho da Surata, um livro do Alcorão, no capítulo 17, versículo 1, diz o seguinte: "milagrosamente [Maomé] foi levado para Mesquita de Al Qsa, em Jerusalém tendo uma experiência de arrebatamento, encontrando-se com anjos e patriarcas e no ascender teve o encontro com o próprio Deus, voltando para a Meca na mesma noite". Quão diversificadas as idiossincrasias equivocadas segundo uma identificação com passagens Bíblicas. Repare que, neste episódio, Maomé multifaceta em sua biografia os ocorridos com Elias, que foi arrebatado (2 Rs 2:9-14), Paulo, ao citar um homem (o próprio Paulo) que foi arrebatado ao paraíso (At 12:4), João, autor do livro de Apocalipse, que também se achou, em espírito, no céu tendo visões inefáveis (Ap 4:2), e o próprio Cristo que foi assunto aos céus (At 1:9). Perceba quantos, da bíblia, foram arrebatados. Se o islamismo considera que arrebatamento é real, deveria considerar as Sagradas Escrituras com autênticas. De fato que, se um ateu convicto lê sobre o arrebatamento, chama tanto a nós como aos islâmicos de desvairados. Todavia, o ateu referido certamente considerará original o livro que o concebeu primeiro. O outro, considerará cópia. Vejamos o Al Corão – revelado em 1610 d. C. – e o seu "autor", Maomé – nascido em 562 ou 570 d.C. Parafraseando a pregação do Pastor José Armando Sidaco, da Igreja Batista de Teresópolis, os islâmicos debatem conosco, mas fora da bíblia e dentro do Alcorão, por não considerarem-na como sagrada. Talvez por medo de concluírem que eles mesmos são mais um exemplo da nova versão do grande satã, que

caricaturou o islamismo espelhando-se no cristianismo, aproveitando-se do senso de inferioridade do povo árabe. Por serem filhos biológicos da concubina de Abrão chamada Hagar, consideram-se bastardos pelo Deus da Bíblia, mas Deus não os considera assim.

O Deus da Bíblia, como foi demonstrado no terceiro capítulo deste livro, mostra que Deus ama também o povo árabe. Outro aspecto importante a frisar sobre teofanias e arrebatamentos, é que a verdadeira fé não se dá mediante essas experiências, quando entendidas como estáticas e sem objetivo, que se apresentem diante de nós. A fé provém do "ouvir e ouvir a palavra de Deus", isto é, após o ato de verificarmos registros históricos (a Bíblia é um livro histórico, não um manual de religião) e proféticos (quando são verdadeiros, não por presságio, mas quando são os dizeres do próprio Deus ao utilizar um suporte ou a voz humana) seguido pela consciência espiritual. Não basta só ler a Bíblia nem "viajar pelo céu" para se crer em Deus. Deve haver discernimento espiritual.

O diabo capricha na apresentação de suas caricaturas. Há versões cibernéticas, versões eletrônico-digitais, embutidas nos meios de comunicação em geral. São as caricaturas maquinais, no qual o progresso tecnológico também é reificado como objeto de culto, permitindo que o homem faça para si, a partir da tecnologia, imagens e mensagens que tomem o lugar de Deus. Clarice Lispector, em seu conto "A História da Coisa", mostra a relação do homem com o telefone. O meio de comunicação inventado pelo escocês Alexander Graham Bell, útil para a comunicação entre duas pessoas, no conto, é apresentado como agente regulador da vida do indivíduo, que passa a viver em função dele. Já não é mais o interlocutor do outro lado da linha que faz cessar o senso de solidão, ou o hábito de estar dependurado no aparelho ouvindo a mesmice oral, mas o fato de a campainha do telefone apenas tocar ou simplesmente o fato de ele estar ali, funcionando, gerando a expectativa, o momento entendido como paliativo para sanar a solidão. A TV (templo eletrônico) e o controle remoto, que zapeia – ato de editar a mensagem televisiva que tanto pode servir para

reter o que é bom como para captar o máximo de mensagens por tempo dedicado a TV – aficionando o telespectador (devoto). Sobre o computador, Michael Heim disse o seguinte: "Nossa história de amor com os computadores e as redes computacionais corre muito mais profundamente que a fascinação estética e os jogos dos sentidos. Estamos buscando um lar para a mente e o coração. Nossa fascinação pelos computadores é mais erótica do que sensual, mais espiritual do que utilitária". Tal como homem, a máquina pode ser planejada para o bem como para o mal (dupla predestinação) conforme programas, atos condicionados ou o hipotético automatismo inteligente buscado pelo caricaturista para que a máquina se emancipe do homem e o subordine. Entretanto, recorramos a Renè Descartes que disse que não é, nem nunca vai ser, a razão a responsável de a máquina agir, mas sim uma mera disposição de seus órgãos. O filme inteligência Artificial (Direção: Steven Spielberg Roteiro: Steven Spielberg, Ian Watson [a partir do conto de Brian Aldiss])

mostra a máquina amando. Percebemos que se trata de uma nova versão cibernética da teima do caricaturista em se opor a Deus, pois considera que a máquina pode amar, sentimento exclusivo dos homens, que nos faz inclusive diferente dos anjos, que dirá das máquinas. Como o lascivo, o homossexual e o adepto do sexo bizarro que dizem ao seu parceiro que “vão fazer amor”, considerando que pornéia (que não é amor, mas relação sexual sem amor) é o mesmo que eros (amor verdadeiro que envolve relação sexual). Os cristãos devem, antes de conhecerem a lógica cartesiana, ver na máquina, seja ela qual for, um simples meio utilitário, sem vislumbrar espécie alguma de afeto para com ela ou nela, pois é daí que surgem os receituários satânicos sobre como conviver bem com uma máquina. Ora, segundo Renè Descartes no seu Discurso do Método, “é moralmente impossível que numa máquina existam bastantes diversas para fazê-la agir em todas as ocorrências da vida”, postulando que jamais encontraremos vida na sua forma plena em máquinas, impossibilitando que digamos que estamos con-vivendo, pois só há uma vida – repleta de sangue que é a vida da carne e da fé em Jesus que é a vida eterna – em questão: a nossa. Máquina, mesmo com todas a sua versatilidade, é objeto. Consideremo-las perecíveis e pré-condicionadas, mesmo que ganhem o homem no jogo de xadrez ou substitua algumas de nossas funções. Veja o caso do programa de computador Voicer (o usuário dita e o computador escreve). Se o usuário utilizar a tecnologia por necessidade, cabe a gratidão ao progresso, mas se for por comodismo, saibam que os homens estarão caminhando para a letargia induzida por sua

própria criatura. O caricaturista quer que nos inebriemos nessa relação afetiva, pois é uma das principais armas para aprisionar o homem pela total dependência do progresso tecnológico ou pela contemplação de um mundo abstrato (realidade virtual) para então dominá-lo. “Todas as coisas são lícitas, mas não deixemos que nenhuma delas nos domine”.

O leitor deve estar indagando sobre se é possível entrelaçar todas as filosofias vãs, heresias e seitas diferentes do cristianismo em um ponto comum que as tornem, não uma colcha de retalhos, mas uma teia inconsútil cognominada nova versão satânica da empedernida vontade de ser Deus. Digo que sim. Só não haverá ponto em comum com o satanismo explícito, pois esta é a única oposição a Deus que se compõem sem hipocrisia, se assumindo como tal. Falando dessa provável compatibilidade, convido os leitores a escolherem qualquer uma seita, heresia ou vã filosofia para verificar se é possível relacionar ao islamismo. Que tal a filosofia retalhada do Filme Matrix, (roteiro e direção de Andy Wachowski e Larry Wachowski) ? Será um bom exercício de suposição. Será impossível fazer tal relação, sendo o filme Matrix produzido por americanos, maiores inimigos do fundamentalismo islâmico. O islamismo é excessivamente monoteísta, enquanto que Matrix, cada um pode ter seu Jesus pessoal. Aparentemente, totalmente opostos entre si. Será que é possível estabelecer relação com a auto-suficiência pósmoderna pregada pela trilogia Matrix com a religião muçulmana do Islã (que significa submissão)? Senão vejamos. Não é uma tarefa fácil, como a ponte entre islamismo e mormonismo ou relacionar o filme Matrix com Sócrates ("conhece-te a ti mesmo", aforismo contido no oráculo de Delfos que inspirou a filosofia de Sócrates está inserido em Matrix), com o budismo (reconhecimento da não-existência), com o hinduísmo (vencer o mundo ilusório dos fenômenos e das aparências), com filósofos pós-modernos como Jean-Francois Lyotard, Michel Maffesoli e Jean Baudrillard e até mesmo com o pseudocristianismo caricatural, pois há os que vislumbrem o personagem principal Neo com Jesus e Morfeu como João Batista. Agora, relacionar Matrix e islamismo pode ser o mesmo que, como dizem por aí, "forçar a barra". Lembramos então de Osama Bin Laden e do jovem que matou várias pessoas ao desferir vários tiros no Morumbi Shopping, no estado de São Paulo, mesmo que não estivesse vendo o filme Matrix, mas o filme "Clube da Luta". Deixo

bem claro que ambos não são fiéis seguidores de, respectivamente, islamismo e filosofia Matrix, por serem provas de idiosincrasia insanas de ambos os conceitos. Mas Osama bombardeia e mata em nome de Alá, e o comentário do rapaz sobre o crime: "fiz isso por não distinguir mais o real do virtual" prova que sua reação violenta foi mais do que uma reação à violência difundida pelo jogo eletrônico "Duke Nuken", com o qual costumava se divertir. Foi o transtorno provocado por produções cinematográficas e videogames que estão o tempo inteiro convidando os jovens a estarem em contato com o mundo da ilusão. Quando Osama assume a autoria dos atentados às Torres Gêmeas do World Trade Center, na ilha de Manhattan, provoca comentários no mundo inteiro do tipo: "nem que Hollywood gastasse todos os seus recursos financeiros conseguiria reproduzir o efeito cinematográfico que Osama Bin Laden conseguiu reproduzir". Eis que nasce a primeira relação. O Cinema! Só isso? Senão vejamos. Morfeu também assume a figura de Deus pai que, no dizer do Dr. Samuel Fernandes Magalhães Costa, "assume a figura paterna dos que foram libertos da ilusão". Observe que o rapaz assassino parece ter sido liberto, mesmo que tenha sido preso e condenado depois, mas seu semblante estampava um certo alívio. Osama Bin Laden, apesar do dolo, não é totalmente condenado pela opinião pública, pois seus ataques representou o grito dos fracos e oprimidos que sofrem as disparidades econômicas promovidas pelo capitalismo e/ou imperialismo norte-americano. O filme Matrix tem como função precípua transmitir a mensagem de que a realidade visível (virtual) por ser oscilatória é a prova incontestável de que a verdade é relativa e por isso não passa de uma ilusão (já expus neste livro a diferença entre realidade e verdade). O Islamismo traz no Alcorão, na Segunda Surata, cujo o título é "A Vaca" ou "Alcorão em miniatura", o seguinte texto:

"Oriente e Ocidente pertencem a Alá. Ele guia quem quiser para o bom caminho. Assim fizemos de vós uma comunidade moderada, para que sejais testemunhas diante dos povos, e para que seja testemunha o Enviado diante de vós. Nós instituímos a alquibla, em direção à qual vos orientáveis, unicamente para distinguir os que seguem o Apóstolo daqueles que voltam seus calcanhares. Foi grande a perplexidade, exceto para aqueles a quem Alá guia, pois ele não vos faria perder a vossa fé. Certamente, Alá é compassivo, misericordioso para

com as pessoas. Ao olhar o céu, vemos mover-se o teu rosto. Orientar-te-emos para uma alquibla, com a qual estará satisfeito: volve o teu rosto em direção à Mesquita Sagrada. Onde quer que estiverem, voltaí vossos rostos em sua direção. Aqueles que receberam o Livro sabem que esta é a verdade procedente do seu Senhor. Alá não ignora o que fazem(...)

Se eu estivesse que os corrigir com a Bíblia, utilizaria logo a confissão de Salomão e de Paulo em reconhecerem que Deus não habita em templos feitos por mãos (I Rs 8:27 e At 17:24). Mas os islâmicos não gostariam. Portanto, utilizarei a relação com...a Matrix ilusória! O ponto para qual o Islamismo manda olhar corresponde a mensagem implícita no filme de Andy Wachowski e Larry Wachowski. Repare que a alquibla é coadunada com a satisfação pessoal, bem como a pessoalização de Jesus no filme Matrix. O personagem Choi diz que Neo é seu Cristo pessoal. Seja uma doutrina monoteísta ou assaz eclética, ela não enxergará com nitidez a verdade ou o próprio Deus se estiverem acrescentando à sua ótica certas lentes desnecessárias. A criança vestida como monge budista entorta a colher, e Morfeu estimula a Neo a perceber que a colher não existe. Em outras palavras, trata-se de uma recomendação para que "se perceba a Matrix ilusória" ou que "se coloque óculos 'matrixianos' para verificar que a verdade é uma ilusão". E os islâmicos dizem: "olhem para alquibla" isto é, "apodere-se de óculos 'mesquíticos' para que possam ver com os olhos da fé". E mesmo que alquibla represente apenas um foco no horizonte, esse foco ou ponto, mesmo que seja mínimo, já é uma limitação da habitação de Deus, uma lente "focal". O diabo fez o mesmo, propondo a Eva que "colocasse os óculos" (leia-se provasse do fruto da árvore) da ciência do bem e do mal, e ela ainda convida Adão a passar por tão desastrosa experiência. Digo que para se chegar à verdade, ao contato com Deus e à semelhança a Ele, não precisamos de lentes! Discordo com os que insistem (como Calvino) em dizer que a fé é a lente que se enxerga a Deus. Entendo a fé com ausência de todo e qualquer tipo de lente. Os olhos da fé são olhos sem lentes por justamente não ter que precisar delas para se enxergar com nitidez. A meu ver, alquibla e tentativa de se perceber a Matrix ilusória são exemplos dessas lentes. Osama Bin Laden e o rapaz que cometeu aquele crime em São Paulo não estabelecem contato com suas reações de acordo com a verdade por terem diante de si duas lentes embaçadas denominadas

'alquibla' e 'tentativa de se perceber a Matrix ilusória' que não permitem visualizar a verdade com exatidão. São traves diante dos olhos(Mt 7:3)! A visão propriamente dita sobre o que é verdade não precisam de filtrações sensoriais expressas em comentários hipócritas do tipo: "você não enxergou por não ter olhado como deveria", ou "olhe de novo, olhe direito" e até mesmo "se você não está percebendo, é por que você não é racional ou inteligente". Eles não trazem em sua essência a mesma mensagem da frase de Edgar Morin sobre o "pensar o que se vê", contudo, trariam se a razão e inteligência fossem entendida como sinônimo de "ausência de lentes supérfluas". Saber pensar o que se vê é saber ver, não somente como o espírito ou apenas com a mente, mas com ambos concomitantemente para que não seja necessário o uso dessas lentes. Jesus quando expôs a verdadeira leitura da lei de Deus a fez com se estivesse lendo-a pela primeira vez, e sem lentes, que aqui entende-se por legalismos e tradições. Aprendemos esse olhar com quem olhou para os ritos judaicos de antigamente como algo tipificador (que aponta para o futuro) e com quem olha para a cruz como símbolo que remete a Cristo, não como um objeto representativo, mas simbólico, sugestivo (como memorial).[“Olhou o símbolo?” “Olhei!” “Lembrou do significado?” “Lembrei!” “Então não precisa manter o olhar fixo ao significante!”]. Michael Foucault diz que Adão deu nomes aos animais e plantas sem arbitrariedade por ter lido "o silêncio das coisas", ou seja, não usou lente.

Um olhar de Adão antes da queda. Um olhar primevo. Um olhar de criança, desprovido de malícia ou partidarismos causados pelas poluídas impressões do ser humano. É por isso que das crianças é o reino dos céus (Mt 19:18), por serem desprovidas de malícia (I Co 14:20) e são diferentes das que tanto o filme Matrix e o fundamentalismo islâmico apresentam. Este nos oferece crianças que pisam na bandeira dos EUA e ostentam granadas. Já aquele, apresenta crianças com trajes budistas "capazes" de perceberem a Matrix ilusória que por isso aparentam possuir dons fantásticos. Ambos são exemplos de crianças precoces, logo, adultas. Seria a analogia do Matrix com o islamismo um absurdo? Não. Ambos erram por dois motivos em comum: a tentativa de discernir o bem do mal, o real do virtual, usando lentes embaçadas pela pretensão de avaliar o absoluto de acordo com suas faculdades de compreender limitadas; e o ato de fixar o olhar num ponto focal que não contribui em nada para uma percepção sensorial nítida da verdade.

Citando agora relações mais fáceis de se fazer entre tipos de caricaturação do opositor, menciono o neo-cabalistas e a doutrina judaica. Os novos seguidores da Cabala, que em hebraico significa receber, são uma religião baseada na Torá e no livro Zohar (ou Livro do Esplendor, que baseado na Torá ou Pentateuco) escrito há dois mil anos pelo cabalista Shimon bar Yochai. Estes se jactam em participar de celebrações judaicas, como a Pessah, a páscoa judaica. Estabelece relação com o judaísmo numa espécie de versão pasteurizada dele (repleta de mantra, karma, astrologia e radiações de energia cósmica). Os neo-cabalistas propagam sua filosofia sobre a força para se levantar após a queda. Se ficassem só nisso, menos mau. Mas os neo-cabalistas, como Shmuel Lemle, dizem que...Jesus estudava a Cabala . A que pontos nós chegamos! Jesus usado para divulgar algo proveniente do judaísmo, que é uma religião que não reconhece que Jesus é o Messias. Atente-se também para o fato que Jesus disse que a salvação vem dos judeus (Jo 4:22), pois ele é judeu, mas não disse que a salvação vem do judaísmo. Não obstante, nessas horas é mister o uso da sabedoria tal como Paulo demonstrou quando estava no sínédrio perante Fariseus e Saduceus. Estes, não criam que Jesus podia ser Deus porque, segundo eles, Deus é Deus e jamais será homem. Aqueles, não criam que Jesus era o filho de Deus, já que, para eles, Jesus Cristo não correspondia com sua concepção de Messias. Mas os fariseus criam na ressurreição. Eis um salutar ponto em comum. A ressurreição, que permitiu que Paulo ganhasse alguns fariseus no momento de seu julgamento (At 23:6-10). Temos um ponto em comum com o cristianismo que é a ortodoxia (entenda a ortodoxia aqui como aquela que dialoga com as culturas dos povos sem ignorar os fundamentos, as bases). Não só o cristianismo como o judaísmo, o islamismo, o budismo e outras religiões milenares estão sendo atacados por modismos recentes. Poderíamos citar algumas, para respectivamente exemplificar: Adventistas do Sétimo Dia, "Cabalistas", Fundamentalistas e Matrix . Essa "Cabala" praticada por esses novos adeptos nada tem a ver com o judaísmo pelos motivos já citados, bem como determinadas denominações que se dizem cristãs sem o serem de fato. Veja os Adventistas do Sétimo Dia. Não comem carne de porco esquecendo que a Bíblia recomenda que comamos tudo que for nos colocado a frente, exceto às que são consagradas a ídolo (I Co 10:2333) e além de considerarem o dia do Senhor o Sábado, desconsiderando que o dia do Senhor (Jesus) sabático é Domingo, o dia da ressurreição, o primeiro dia da semana (Mt 28:1).

Querem ser judaicos e cristãos ao mesmo tempo. Nesses momentos de "glamourização" das religiões que as ortodoxias deveriam entrar em ação juntas, pelo menos para exposição de fatos, pois os exporiam com exatidão para que os neófitos possam ao menos saber o que estão praticando.

Gostaria de dizer que o cristianismo jamais poderá ser considerado uma heresia (caricatura) do judaísmo, pois Jesus também pode ser entendido como o próprio criador do Universo (Hb 1:2). Logo, não pode ser heresia, visto ser a raiz de tudo (Cl 1:16).

A caricaturação tem como característica a proeminência exagerada e grotesca de elementos pertencentes a um conceito, uma figura etc. Foram apresentadas várias modalidades de caricatura no decorrer desse capítulo, como o erro da omissão, da deturpação e da extrapolção. Abordarei nesse capítulo o equívoco do adorno de temas que devem ser entendidos somente, e não desenvolvidos de modo a se tornarem fábulas engenhosamente inventadas, erro este cometido pelos próprios eleitos. Geralmente, giram em torno da alegoria exacerbada de um tema bíblico. Os inocentes geralmente emanaram de bem intencionadas analogias, metáforas que a princípio contribuem para uma ilustração sadia, mas que se for utilizada em debates acerbos, ao invés de aniquilar heresias, contribuem para o seu desenvolvimento causando o efeito inverso. Já foi visto que há a (des)sacralização de livros (dos Mórmons, do Esplendor, Talmude, Al Corão) que podem ser entendidos como erro do acréscimo condenável, mas se observarmos a raiz do problema, seduzem por conterem excesso de metáforas à Bíblia. Quando cometemos o citado equívoco? Suponhamos que o escritor desse livro discorra sobre a Santa Trindade, termo cunhado por Tertuliano (189 d.C.), e a exemplo de outros autores, faça uma analogia ao carbono, elemento químico que possui estado alotrópico e participa de todas as composições orgânicas, sendo o diamante, a representação na sua forma cristalina e preciosa, sendo por

isso comparado a Deus; a grafite, um lubrificante sólido e também uma representação cristalina, representando o Espírito Santo, por possuir eletrodos e reatores nucleares enquanto o carvão vegetal, por ser exemplo de carbonos fósseis de vegetais e ser mesclados com outros elementos, representa Jesus Cristo, que traz em si tanto a natureza física com a natureza divina. Se for usada para ilustração, será usada para o bem, pois não somos mero sistematizadores, mas também artistas criadores. Se for usada para compreensão do grande mistério que é a Santa Trindade, será mera falácia marcosalexandriana em prol da criação da nova religião dos “Conceptistas” (fazendo uma alusão ao título do livro). Não tenho essa pretensão, nem quero ter o ego massajado pelo caricaturista-mor. No filme “Advogado do Diabo” (Roteiro: Jonathan Lemkin e Tony Gilroy, baseado em livro de Andrew Neiderman) na cena final, o Diabo oferecese para ser biógrafo da vida de um advogado que praticou uma boa ação para transformá-la em heroísmo. Estou alertando sobre esse perigo por constantemente encontrar autores que fazem uma alegoria sobre esse tema difícil ou outro qualquer e se deslumbrarem com falsos elogios, e desenvolvem suas alegorias que se tornam, devido ao erro, uma quimera insana em torno de um tema bíblico. Não estamos livres de sermos usados como instrumentos da obra de Satanás, que engana inclusive os eleitos.

Citarei agora os que saíram da verdade sobre o mistério da Santa Trindade por justamente insistirem em tentar compreender e explicar, e não somente aceitar, a inescrutável tríade compleição divina, sendo considerados inspiradores de várias heresias coevas:

-

Monarquianismo – Uma seita do Sec III, que apresentam duas modalidades: os que crêem em três manifestações distintas de Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) sendo conhecidos como patripassianistas, propagada em Roma por Noeto por volta de 200 d.C. (doutrina do pai que sofreu – do latim pater “Pai” e passus de patrior “sofrer) e os adocianistas, criada por Teódoto, por volta de 190 d.C., relacionava arbitrariamente o Salmo 2:17 – “Tu és meu filho,

hoje eu te gerei” –com o momento em que Jesus foi batizado pelo Espírito Santo em forma de pomba, alegando que antes desse ato, Jesus não era Deus, passando a sê-lo depois do batismo.

-

Apolinarismo: criado pelo Bispo de Laodicéia Apolinário (300-390). Para ele, Cristo era Deus sem alma humana, ou seja, alma humana mutilada.

-

Arianismo: criado por Ário de Alexandria, que inspirou as “Testemunhas de Jeová”, pois dizia que Jesus era apenas a criatura maior criada por Deus pai.

-

Macedonismo: Macedônio, Bispo de Constantinopla, apresentava uma doutrina semelhante à de Ário, sendo que a criatura não era Jesus, mas o Espírito Santo.

-

Monofisismo: Êutiques, de Constantinopla e Dionísio de Alexandria diziam que a natureza divina de Jesus absorvera a sua natureza humana, sendo Jesus não perfeitamente homem.

-

Nestorismo: Nestório (426), patriarca de Alexandria, dizia que Jesus era 50% homem e 50% Deus. Jesus é 100% homem e 100% Deus. Essa heresia já fora citada anteriormente.

-

Monoenergismo: Sérgio, patriarca de Constantinopla (Sec. VIII) dizia que em Jesus havia só a vontade e operação divina, negando também que Cristo fosse perfeitamente homem.

Em relação ao posicionamento a se tomar quando surgem debates prolixos sobre o tema Santa Trindade e outros tão ou mais complexos, deixo claro que minha posição é simplesmente não dar ensejo para o desenvolvimento da contenda. Responder simples e claramente que a Trindade é a Divindade que corresponde a uma substância poderosa e eterna composta por três pessoas: a de Deus, a de Jesus e a do Espírito Santo, corroborando-se nos seguintes versículos: Mt 3:16, 28-19; II Co 13:14; Gl 4,6 e Jo 1:14,18 e 15:26; a meu ver, já basta. Sei que há inúmeras fontes, como a Bíblia Sagrada, a Confissão de Westmister, ou o breve estudo sobre o tema, citado pelo Pastor José Armando Sidaco, referindo –se à onipotência de Deus Pai, de Jesus e do Espírito Santo (respectivamente, Gn 17:1, Ap 1:8 e Rm 15:19), à onipresença de Deus Pai, de Jesus e do Espírito Santo (respectivamente, Jr 23:24, Ef 1:20-23 e Sl 139:7) e à onisciência de Deus Pai, de Jesus e do Espírito Santo (respectivamente, At 15:18, Jo 21:17 e I Co 2:10).

Entretanto, por enquanto me calo. Não devemos ficar calados sempre, mas em alguns momentos de nossas vidas para evitar debates sem debates sem propósito. Por enquanto, entendo o debate em torno da Santa Trindade como desprovido de propósito, ainda que eu tenha uma certa admiração aos que, de maneira sensata, se aventuram em tal façanha, pois também não pecam por isso, e confirmam a tese de Clemente de Alexandria que defendia que Cristãos devem, sim, ser filósofos e amantes da intelectualidade sobre qualquer tema. Não

chego ao extremo de dizer como Sócrates que "a única coisa que sei é que nada sei", mas digo que, em relação ao absoluto, não sei tudo, apenas algo. Esse algo foi revelado pela Palavra de Deus (Bíblia Sagrada). Mas sobre a trindade, não discuto. Apenas creio.

Há várias embalagens que podem servir como embrulho para a caricatura-mor. Dentre elas, a principal é a obstinada desobediência satânica aos mandamentos de Deus, principalmente o segundo mandamento – “Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima dos céus, nem embaixo da terra, nem nas águas debaixo da terra...”(Ex 20:4)Fazer, esculpir, desenhar, representar em quadros, no cinema, na música, na computação gráfica, enfim, através da arte tem sido a principal artimanha do inimigo das nossas almas. Oscar Wilde, sem seu livro Decadência da Mentira, deixa subentendido que o primeiro poeta foi o primeiro mentiroso que existiu. São esses conceitos errôneos que transmitem a falsa idéia de que o Diabo é o dono da arte. Vejamos o exemplo de Arão. Não suportando a espera por seu irmão Moisés, que demorara ao descer do Monte Sinai, no diálogo com Deus, e trabalhou o ouro com buril e fez um bezerro fundido (Ex 32:4) para que o povo de Israel, que murmurava sedento por uma revelação tangível de Deus, olhasse para o bezerro e tivesse a sensação de estar defronte ao próprio Deus. Por essa associação da arte com o pecado, desde os nossos antigos pais que, infelizmente, a habilidade humana na arte e no artesanato é uma arma do inimigo concedida a ele por nós mesmos.

Na Grécia antiga, Ésquilo (sec V a.C.), Homero (sec.VIII a.C.) e Cleanto (sec. III a.C.) etc. tiveram seus talentos romancescos, epopáicos e poéticos a serviço da mitologização e divinização prostitutas de Satanás que também usufruiu dos talentos dos escultores gregos Xenodorus, Fídias etc. Se eu me aventurasse a catalogar os deuses gregos, tal catálogo ocuparia várias laudas, tal era a necessidade que os gregos tinham por uma grande quantidade de deuses para ilustrar sua cultura mitológica e panteônica. Isso tudo calcado em sabedoria e talento estritamente humanos. Observe que:

O pensamento religioso dos antigos gregos e romanos não foi formulado por sacerdotes, monges ou profetas, mas sim por artistas, poetas filósofos. Não havia classe sacerdotal para preservar uma tradição religiosa compilada numa coleção de Escrituras Sagradas. Não havia teólogos oficiais encarregados de ditar, impor e controlar os termos da crença a partir de uma autoridade magisterial. Desse modo, o culto e os rituais (...) Era aos poetas e filósofos que competia registrar e expor os sentimentos religiosos e morais do indivíduo e do grupo. O theologos era, sobretudo um poeta que cantava o começo do mundo, o nascimento e os feitos dos deuses, valendo-se, para tanto, da divina inspiração das musas (sic) Em geral, ele se limitava a colocar sob forma literária, exata e perfeita, a substância dos pensamentos e crenças tradicionais, sem a preocupação de reconciliar os elementos discrepantes e dar-lhes coerência, como mais tarde fariam os filósofos. (...) Ademais, a atitude religiosa dos gregos e romanos expressava-se de modo mais direto e transbordante na liturgia, ou seja, nas preces e hinos do serviço dos templos e durante as festas religiosas.

O uso da filosofia e da arte era a via para se tentar entender sobre determinados assuntos metafísicos, como a imortalidade da alma, o mundo além do mundo físico – habitação dos deuses – e, por isso, o caricaturista-mor aproveita para deturpar aquilo que seria um simples valor cultural para (des)sacralizar a percepção espiritual de um povo. Se fosse mantido, de fato, o viés objetivo de peripécias de, podemos assim dizer, deuses, sem que levasse as histórias para a liturgia, a Mitologia Grega seria um inocente folclore, é não cosmogonia panteônica. Ao devotar os personagens de uma história, passamos a considerar real aquilo que é ficção. O admirador da obra não é o devoto. Devoto é aquele que pega os hinos a Cibele, a Apolo, a Dionísio etc. e não lê como trecho de uma história, mas como oração que compunha uma liturgia. Erro similar cometeram os mórmons quando pegam a obra de Samuel Spaulding e consideram como "história dos povos antigos". O equivocado maior não é o autor, como Homero, Samuel Spaulding, mas a parte do povo que lê suas obras considerando-as como real.

Como cristão, devo realçar as “discrepâncias” para realçá-las e abrir os olhos do leitor quanto ao erro da Mitologia Grega. Observe que, tal como a Mitologia Grega, o erro é a conceitualização aproximada para facilitar a compreensão da idéia de Deus por meio de figuras animais, astrofórmicas etc. A Mitologia Grega contém deuses-animais (por exemplo, o deus Pan, que tem pernas, chifres e orelhas de bodes) e deuses correspondentes a astros (por exemplo, Selene, a deusa lunar) e com suas descrições sobre o divino mais próximo à imperfeição do que à perfeição. Nada mais óbvio do que saber que Deus (leia-se "conceito sobre o que é divino") é sinônimo de perfeição por contrastar com o caráter humano e as composições animais, falhos e imperfeitos. Segundo Xenófanes de Colofão (sec. VI a.C.):

"Superior a todos os deuses (sic) e aos homens, há um único Deus, que a eles não se assemelha de modo algum(sic), nem pela força externa, nem pelo pensamento. Com todo o seu ser, ele vê, pensa, ouve, sem se esforçar nem se perturbar. Pelo poder de seu espírito, governa todas as coisas. Imóvel, habita eternamente no mesmo lugar. Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses toda a sorte de imperfeições, objetos de opróbrio e de vergonha: roubo, adultério, enganos mútuos, atos esses contrários a lei. Por isso os homens mortais imaginam os deuses à sua semelhança, pensando que eles foram gerados, usam roupas e falam como homens. Do mesmo modo fariam bois, os cavalos e os leões se tivessem mãos capazes de esculpir: como os homens, representariam os deuses em formas de animais(...)"

Vejo Xenófanes como um grego que soube pensar o que via. Há uma pergunta constantemente feita no meio no qual estou inserido sobre se um índio, um eremita ou um homem isolado qualquer ser de fato cristão se não houve ninguém que pregasse a palavra de Deus para ele. Respondo, a priori, que aqueles que são de Deus virão até Ele (Jo 6:37). Mas se o interlocutor insistir, faço uso da seguinte ilustração: “O gato era servido, lavado e medicado pelo homem. Foi quando indagou: ‘ O homem me serve, me lava e me medica.

Será que eu sou um Deus?’ Por outro lado, o cachorro, que também era alimentado, lavado e medicado, sabiamente, concluiu: ‘O homem me serve, me lava e me medica. Ele deve ser um Deus?’ Um eremita ou um silvícola isolado que olhe para o Sol e o reverencia, esse não é o cristão. Por outro lado, aquele que agradece a alguém, seja lá quem seja, por ter criado o Sol, esse é o Cristão (um exemplo baseado no argumento teleológico, um argumento naturalista para a existência de Deus). As falhas são corrigidas com o tempo, como as cometidas por Xenófanés em achar que há deuses ou que deus não assemelha em nada ao homem, mas é notório que este grego esteve muito mais próximo do “reino dos céus” do que os outros. Pode haver uma infinidade de discrepâncias na em qualquer que seja a mitologia, como a grega que apregoa bizarrices como o nascimento de Minerva, deusa da inteligência, nascida da cabeça de Zeus (o deus supremo da MG) ou os mistérios órficos que apresenta como principal finalidade a libertação do elemento divino presente em cada homem da prisão que é o corpo, sendo inclusive passíveis desse tipo de libertação os próprios deuses da MG (por exemplo, Zagreus é o Dionísio órfico), que os que são de Deus, seja da Grécia, do Egito ou qualquer outro confim da terra, virá a Ele (Jo 6:37).

A vindicação satânica de que é a sua obra a original, em alguns casos, é respaldada no provérbio popular que diz que “antigüidade é posto”. Por isso, aposta no suposto milenarismo de determinadas religiões orientais. Reitero, novamente, o fato de ser Jesus o verbo que estava desde o princípio com Deus (o princípio, meio e fim) e ser o próprio Deus (Jo 1:1) para afirmar que não é por que uma religião se diz milenar, bilenar ou trilenar que ela antepõe-se a Deus e suas verdades, sendo elas sempre posteriores à obra de Deus, sendo exprimida em seus decretos e na verdade sua. Logo, o Budismo e outras religiões orientais podem ser antigas, brandas, pacíficas e cândidas, mas como tantas outras trazem falhas, por não ser a de Deus. Deus, Jesus, o Espírito Santo e sua Igreja invisível estão incólumes, mesmo que as religiões, seitas e igrejas terrenas visíveis apresentem falhas. E não é por candura, mansidão e pacifismo que se chega a conclusão que algo é de fato de correto, pois o próprio Satanás se transforma em anjo de luz (2 Co 11:14) para enganar.

Suponhamos que o Nirvana seja a paz suprema, a aniquilação do desejo do ódio e da obcecação. Concluímos, portanto que, mesmo que o nirvana seja, segundo os budistas, o estágio máximo da evolução da alma que sucessivamente reencarna para alcançar tal ápice, enquanto a alma não evolui, o corpo intermediário, ao se envolver em meditação em prol da aniquilação do desejo de sentir ódio, que fazem os monges budistas, quer aniquilar algo que qualquer transe estático é incapaz de destruir: a tendência pecaminosa inata do homem. Em paralelo com essa atitude aparentemente sublime, vejo então que o Nirvana, ou a busca do Nirvana, se equívale a dose de endorfina que o organismo lança no corpo quando há excesso de esforço físico, e este se sente anestesiado, com a sensação de não sentir os efeitos negativos causados pela estafa muscular. Assim são os que estão indo para o inferno almejando a endorfina nirvânica, visto que o corpo depois do esforço físico sente as dores musculares em dobro. O caricaturista-mor está “cozinhando em banho maria” os homens budistas, levando com muita brandura, candura e mansidão muitos para o inferno. Ora, sabemos que o “saber supremo” está em refrear os instintos através da mortificação de atos malévolos (Rm 8:13) por meio do domínio próprio (Gl 5: 23) motivado pelo Espírito Santo de um Deus que também se ira mas controla seus sentimentos em contínuo, sem a necessidade de aniquilá-los por completo. “Irai-vos e não pequeis; não se ponha o Sol sobre vossa ira” (Ef 4:26) denota que o sentimento de incomodidade deve sim existir, mortificado pelo domínio próprio, não pelo inviável aniquilacionismo dos sentimentos negativos causado pelo desligamento total das ocorrências mediante meditação budista. Isso é fuga. E pretensiosa é a vontade de aniquilar de vez, em vida e através de ou eliminação dos desejos, a dor. Temos o papel de pecarmos o mínimo possível e não deixar que a dor nos abata, mas ambos devem existir simplesmente para reconhecermos, respectivamente, que somos imperfeitos (devendo submissão àquele que é perfeito[Deus])e que dependemos Dele, pois é Deus que tem o dom de dar (e controlar) a vida e o poder para tirá-la.

Recorremos a Epístola de Paulo aos Efésios, vemos que é possível preservar “humildade e mansidão com longanimidade, suportando uns aos outros em amor” e preservar a unidade e o vínculo da paz reconhecendo que “há somente um corpo e um Espírito (...) um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de Todos”. Os budistas explicam a unidade das

coisas concebendo que TUDO É DEUS. Para eles, a natureza não é de Deus e/ou feita por Deus, mas É DEUS. O Budismo credita o equilíbrio à uma ordem sem a necessidade de alguma substância permanente (para os budistas, não há qualquer matéria eterna, personalidades imortais, nem um Deus que governe o mundo) sendo o cosmo governado por uma lei imanente de casualidade moral de prêmio ou castigo do karma (lei que recompensa ou castiga toda a boa ou má ação cometida em determinada vida). Paulo, inspirado por Deus, esclarece que, numa só fé, num só amor e num só Espírito, além de sermos parte do corpo do “Sublime” (de Deus), mantemos a autêntica unidade. Se evoluiremos (para corpos glorificados), é que já existe Um como referência. Não SOMOS energia vital, como diz o budismo. TEMOS energia vital, que veio de fora, que nos foi soprada por Deus. E não precisamos ser inerentes para sermos próximos, ou Um (Jo 17:21). Costumo dizer que não preciso morar junto para me preservar unido com um parente ou amigo, pois oro por eles e os amo, mantendo-me unido com os mesmos em espírito e em verdade. Tem muita gente que mora junto mas está, no sentido espiritual, tão longe um do outro...A explicação falsa de que "tudo é Deus" é simplesmente a vontade da criação de estar atrelada compulsoriamente ao “Sublime”, ignorando que Ele é diferente dos homens por ser superior em santidade e em amor, isto é, diferente em caráter. A “unidade do Espírito (de Deus) no vínculo da (autêntica)paz” proporciona a verdadeira união e um equilíbrio sadio que prefiro chamar de moderação, pois há subordinação por parte de espíritos humildes para que o "Um" aja por meio de todos, estabelecendo união do agente da operação (Deus) com os agentes da co-operação(homens). O cristão para tornar-se um com o "Sublime" (não em essência, mas em unidade de propósito e pensamento) não procura o ascetismo de Sidarta Gautama, nem uma disciplina mental rígida para atingir um estado de paz ideal, mas convida Cristo a entrar em seu coração, já que Jesus é o que devolve a interação dos homens com o "Sublime" pois nele a plenitude divina habita (Cl 1:19).

O caricaturista, por se exceder em ações sucessivas e semelhantes, estabelece o protótipo da fabricação de religião, com regras preconcebidas que só o menos atento não percebe ser esse o tipo de adequação que visa a atender às necessidades do homem sedento por verdade ao

estar perante a feira axiomática da grande mercadologia das religiões. Ele está a rodear a terra e passear por ela. É um grande pesquisador antropológico e sociológico. Apesar de jamais adentrar em nossas mentes, em nosso meio está presente e, quando não é possível, já que não é onipresente, manda um representante que é um dos que anjos que caíram do céu. A partir das religiões que, infelizmente é subconjunto contido no conjunto cultura, as almas são sequiosas por lideranças aguerridas, carismáticas etc. Varia a identificação com o líder. Por isso que o caricaturista-mor faz uso da adequação, um tipo de talhe satânico que veste o religioso que busca pelo seu encontro com a aquilo que irá saciar a sede d'alma. Ele não se fadiga em esculpir, representar, criar cópias e mais cópias. Estas são como ramificações, links ou bifurcações de uma grande malha que se multiplicam e não param de se replicarem. Como se tivesse um livro, um Manual Feitor (malfeitor) de Religiões. Para ele, ou mesmo para os homens, é fácil fabricar uma religião. Há várias receitas. Vamos usar uma delas: uma pitada de loquacidade do líder deve ser, via de regra, a maquiagem para que ele se apresente de forma a cativar o ouvinte com um discurso apaixonante – este não pode ser castiço, brando ou fervoroso, isto é, varia de acordo com a necessidade auditiva de um grupo; adiciona-se ao tempero do martírio, para que o líder atraia adeptos pela autocomiseração; uma dose de publicidade egóica do líder atenuado para não dispersar os adeptos e outra de modernidade. Para exemplificar, citarei dois exemplos a partir do hinduísmo: Osho e Bhagavan Sri Sathya Sai Baba. Sobre o primeiro, diz-se ter atingido à iluminação, o mais alto pico da consciência humana. "Osho nasceu em Kuchwada, Madhya Pradesh, Índia, em dezembro de 1931. Professor de Filosofia na Universidade de Jabalpur, entregando este posto, a fim de dedicar-se, inteiramente, à tarefa de ensinar a arte da meditação ao homem moderno. Ele começa, então, a ser chamado de Bhagwan (O Abençoado). Foi considerado persona non grata em vinte e um países que o haviam deportado ou lhe negaram entrada, já que tanto as Igrejas ocidentais como as religiões orientais não os viam com bons olhos. Muitas perseguições ocorriam por ser a sua religião modernizante, e isso desagradava os Hinduístas tradicionais (um hinduísta tradicional fanático tenta assassiná-lo em 1980). Desenvolve, na Índia e no mundo vários campos de meditação. Inova com uma concepção moderna de religião oriental. Ensina a Meditação Dinâmica ,uma técnica especialmente dirigida ao homem moderno, objetivando a liberação de emoções reprimidas, o estado de alerta, o relaxamento e a harmonia celebrativa; e o Neo-sânias, um caminho de comprometimento

com a pesquisa sobre si mesmo, com a meditação, com a expansão do amor e da consciência)" extraído do site www.viacapella.com.br/portal/osho.htm. Percebam os leitores que as fases da receita do Manual feitor de religiões escrito por Satanás, descritas anteriormente foram respeitadas. Mas o “gastrônomo caricaturista” varia a receita em alguns ingredientes. Em Sai Baba, o martírio é substituído por outro tempero que agrada bastante o paladar do sequioso. A realização de obras sociais. Sai baba fundou na Índia colégios (como Sri Sathya Sai College, em Anantapur para meninas e em Brindavan, para meninos; o Sri Sathya College em Prasanthi Nilayam) e universidade (O Sri Sathya Sai Institute of Higher Learning). Obras dignas de aplauso, mas o que isso lhe dá o direito de se intitular “Avatar”, que significa uma manifestação direta da Graça Divina – culto egóico. Para requintar a receita, o caricaturista recheou Sai Baba com frases de efeito para valorizar educação, valores humanos e religião, como por exemplo:

-

"Educação não é mero conhecimento, é ação. Significa a prática de valores humanos na vida diária, e não são apenas as palavras: VERDADE, RETIDÃO, PAZ, AMOR E NÃO-VIOLÊNCIA".

-

"Os Valores Humanos não são passíveis de serem obtidos de um texto e nem fornecidos por qualquer companhia, não podem ser presenteados por amigos e nem comprados no mercado. São uma atitude natural que provém do coração."

-

"O amor é Deus, vivam no amor" [uma corruptela de um versículo bem conhecido da Bíblia (I Jo 4:8)]

Sai Baba, que deve ser elogiado por suas obras, jamais poderia vindicar o título de manifestação direta da graça de Deus, mesmo que essa seja dada aos humildes (I Pe 5:5), sendo Sai Baba, apesar de rico, um exemplo de humildade. Decerto que o “título” Avatar remete ao conceito de graça segundo a noção de Deus do Hinduísmo, sendo Avatar de Shiva que é uma manifestação do terceiro aspecto da trindade hindu (shiva – aquele que transforma), no qual a graça é um apanágio que transcende todas as circunstâncias do karma. Em perspectiva Cristã, considero que não foi considerado Avatar pelas obras ou pela preocupação com a educação e religiosidade do povo indiano. Em perspectiva secular, digo que, assim como um esportista não pode pleitear por um lugar na seleção de Futebol sendo um exímio jogador de Basquete, Sai Baba deveria contentar-se com seus títulos de grande assistente social, grande líder religioso, grande homem... Já não é o suficiente? Nenhum indivíduo ou grupo tem autoridade para atribuir títulos de detentores da manifestação da graça de Deus, ainda mais sendo "direta", por que esse tipo de classificação cabe ao próprio Deus. Ele considera agraciado, que na concepção cristã não é o mesmo que iluminado, mas favorecido, quem lhe apraz considerar, segundo os seus próprios critérios, e pode ser pessoas totalmente comuns e sem nenhum lugar de destaque na sociedade, como por exemplo, Maria mãe de Jesus (Lc 1:30).

A graça comum é a graça de Deus para os que o crêem e o obedecem e para os que não o fazem, pois a chuva cai sobre justos e ímpios (Mt 5:45). Há necessidade de mobilização regional, social ou racial para que Deus passe a ser atuante naquele grupo? Em absoluto. Ele é o Deus de todos os povos, línguas, nações e raça (humana). Formação de castas, clãs, tribos

ou conscientização racial pode ser útil para inúmeros fins, menos para que Deus passe a olhar com atenção para um determinado grupo de seres humanos, pois já o faz antes da fundação do mundo e em relação a todos os grupos. É cediço que essa necessidade de vestir Deus culturalmente se dá para a adoção de uma autodefesa contra a prepotência de alguns grupos étnicos, sociais ou culturais que se dizem evoluídos, abençoados, escolhidos, considerando erroneamente que negros africanos são os descendentes de Cam, filho de Noé e foram amaldiçoados e condenados a serem escravos (Gn 9:20-25); ou o povo árabe em relação a Ismael, ou aos próprios judeus, considerando que a Ira divina se restringe a etnia e não a desobediência... Por isso, adotam o efeito demonstrativo falso, através de outros nomes referentes ao Deus altíssimo. Chamá-lo de Alá, como os árabes, Tupã, como os indígenas, ou Jah, como os rastafaris não é zombaria como o nome G. A. D. U. da maçonaria . O erro começa quando o Deus Alá, o Deus Tupã e o Deus Jah é, respectivamente, conivente com a matança em nome da fé, com a matança de filhos que devem morrer quando nascem com problemas congênitos (como a tribo amazônica Suruwahá faz) ou considera a erva mais divina do que a carne. Especificando nesse parágrafo a religião Rastafari, que nasceu em 1930, na Jamaica, a partir de Marcus Garvey e seu vaticínio que um negro seria coroado Rei, considerando messias Ras Tafari Makonnen, que foi “coroador” Rei, alegando descendência do Rei Salomão de Jerusalém e da Rainha Makeda de hebra. Adotou o nome de Haile Selassie I ("o poder da divina trindade") e foi designado 225º Imperador da dinastia Salomônica, Eleito de Deus, Rei dos Reis, Senhores dos Senhores, Leão Conquistador da Tribo de Judá. São esses os aspectos que vão dissipando a relação com a definição de Deus altíssimo com a definição (ou nomeação) cultural do Pai Celestial. Jesus antecipou assim a aparição do anticristo, que iludirá os judeus que acharão ser ele o Messias, pois ignoram que ele já veio. Só para ver um Cristo de pele escura e sem boa aparência. Ora, pode ficar tranquilo que a probabilidade de ser Jesus com essa descrição é maior do que os quadros renascentistas que representam Jesus de pele alva, olho azul e belíssimo segundo a concepção de belo dos ditos evoluídos, civilizados. Não é necessário adotarmos como messias um negro para que um homem de pele bronzeada seja o nosso Deus vivo. Ademais, o que deveria ser mera concepção estética (Dreadlocks) e hábito alimentício saudável (Ital) são vistos pelos rastas como místicos, pois há os que dizem que o primeiro representa o símbolo da união com Jah e do empenho numa vida justa e natural e o segundo, uma espécie de rigor ascético da

abstenção de determinados alimentos (qualquer tipo de carne [especialmente porco], crustáceos, caracóis, espécies marinhas predadoras, e muitos temperos comuns, como o sal) considerados impuros. Esse rigor também é condenado pela Bíblia. Se forem tão liberais quanto à ganja (maconha), porque em relação a determinadas regras rígidas são tão antiquados. E assim que os rastafaris querem libertar “a Bíblia, tornando-a numa realidade viva para os povos do mundo, com a sua interpretação dela?” Ó, rastas. Se tanto lhes apraz a leitura de Gênesis 1:29: "E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento." Leiam também Isaías 40:6: “Toda a carne é erva e toda sua glória, como a flor da erva, seca-se a erva, e caem as flores, soprando nelas o hálito do Senhor. Na verdade, o povo é erva; seca-se a erva, e cai a sua flor mas a palavra do Senhor permanece eternamente. Não é para ver na erva alimento estrito, mas é para considerar tanto a erva como a carne como boas, mas também perecíveis, sendo imperecíveis somente a palavra de Deus, e ela diz lá na primeira epístola de Timóteo que os que “exigem abstinência de alimentos (4:3)” são “apóstatas da fé” que “obedecem espíritos enganadores(4:1)”. Alimentos são bênçãos, seja carne ou erva! E para que o Jah dos rastafaris seja de fato o Deus altíssimo, o alimento deve ser a “palavra da fé e da boa doutrina(4:6)”.

Não ignoremos os desígnios do caricaturista-mor (2 Co 2:11), isto é, "paginemos" seu Manual Feitor de Religiões e/ou Receituário de Novas Versões de seu Ardil sem que nos aprofundemos ou deixemos que as receitas e seitas nos dominem. A admiração é o reconhecimento da labuta, e com certeza podemos reconhecer sua engenhosidade, apesar de que o original vencerá sempre e deve ser inculcado por nós em contínuo. Veja o Hinduísmo. Em análise subjetiva, considero a mais engenhosa e eclética das invenções caricaturais. Contém de tudo um pouco, desde erros a acertos. Considera o Veda o saber propriamente dito por representar todas leituras com uma só leitura, uma literatura considerada pelo Hinduísmo como sendo a mais antiga do mundo, sem origem fixa. Logo, trata-se de outra concepção caricatural que aciona, como o Budismo, o pseudo-escólio de que antigüidade é posto. Entretanto, o conhecimento pode ser sempiterno, mas as personificações teofânicas concordam que há alguns aspectos que devem ter início, meio e fim , já que o conhecimento

védico manifestou-se primeiramente no coração de Brahma, o primeiro ser vivo criado, dado pelo Senhor Krishna (o "deus da graça"). O sânscrito é a linguagem divina que precisou ser escrita por uma encarnação literária de Deus (Shrila Vyasadeva) que o passou para a forma escrita para ser entendida. O hinduísmo consegue representar Deus não apenas com imagens, mas também pasmem os leitores, por música, por meio dos mantras. O movimento Hare Krishna, uma tendência coeva do hinduísmo, apresenta o maha mantra Hare Krishna, como "própria encarnação sonora de Deus e não é diferente d'Ele, visto que Deus é absoluto". Eis a desobediência ao segundo mandamento na forma musical!

Soma-se a aspectos similares com o cristianismo, como a lenda do dilúvio contido no Shatapatha-Brahmana (Brahmanas são escritos hinduísticos de 1000 anos a.C. que contêm várias lendas) que, ao contrário do que ocorre com Noé, um peixe (Manu) salva alguns homens da inundação, não pela graça abnegada do Deus da Bíblia, mas por meio de um troca de favores. Além disso, Krishna é racista também, bem como o dos Mormons, pois admite uma sociedade dividida em castas, uma sociedade sem mobilidade social. Os indivíduos podem nascer predestinado a serem religiosos e nobres (Brâmanes), guerreiros (xátrias), camponeses e comerciantes (vaixias), escravos (sudras) ou à margem do sistema (párias – haridchans e haryans). Um deus que é o contraste absoluto com o Deus da Bíblia, que diz, por intermédio de Paulo, que se somos chamados como escravo, permaneçamos como tal, mas se tivermos oportunidade de sermos livres, aproveitamo-la (1 Co 7:21). Um "deus" que condena a mobilidade social é estático e não é o Deus altíssimo dos cristãos. O hinduísmo tem um deus estático para algumas coisas, como o sistema de castas e o karma que considera, tal como o budismo, que uma alma precisa passar por retificações e penalidades devido a erros cometidos em encarnações passadas. Se crêem que a imobilidade é benéfica, por que não vituperaram o aparecimento de inúmeras outras divindades, superando as ditas tradicionais, como Indar e Agni, por exemplo, existentes nos escritos védicos. Também não manteve imóvel a integridade da história de Shiva e Vishnu, admitindo uma nova leva de outros mitos em torno de suas figuras. É notório que, como já foi dito, a ortodoxia é considerada um filtro, demonstrado inclusive pelo hinduísmo em relação a Osho, para contrafações que surjam em quaisquer que sejam as religiões. Entretanto, o hinduísmo demonstrou que em determinados aspectos não se apresenta como imóvel, tal como o é o seu sistema de castas. Deveria prosseguir no intuito deixar a imobilidade para trás, como demonstrou, mesmo que ainda

persistindo em erro, conforme os exemplos anteriores, e não mais permanecer na crença em um deus que decreta que alguns nasceram pré-determinados à miséria. Alguns leitores dirão que faz parte de sua cultura. Recomendo-os a ler o livro o "Apóstolo dos Pés Sangrentos" de Boanerges Ribeiro, um dos melhores exemplos de preservação cultural da maneira correta. No livro, Sadur Sundar Singh deixa uma casta privilegiada (casta sik), para se tornar cristão (para os sik, tal conversão equivalia a um leão se transformar num cachorro) adota o título de "Sadu", que eram os que abandonavam suas famílias para pregar os fundamentos de uma religião, na maioria das vezes, do hinduísmo. Ele peregrinou descalço e com vestes humildes, como os Sadus, pelo Tibete (como a Índia, um reduto do Hinduísmo) e por outros países orientais anunciando a palavra de Deus.

O asceta bengali Ramakrishna (1836-1886), representante de uma tendência do Hinduísmo segundo a doutrina Vedanta (o ponto culminante dos Vedas) considera que, da mesma forma que alguns povos chamam água de water, acqua e eau, Brama é denominado por alguns de Alá, outros de Jeová, outros de Hari (Krishna)...Ora, considerar que em tudo tem a centelha divina, por o Espírito Santo habitar nas criaturas, isso não é o mesmo que dizer que tudo é Deus, pois, ao julgar todas as coisas e reter o que é bom, aquilo que é bom precisa ser desenvolvido, evoluído em santidade para que seja chamado de divino. É assim que se chega no ponto de convergência, que é o mesmo que um alvo chamado Cristo. Não, Ramakrishna, não é correto dizer que todos os caminhos levam a Deus fazendo analogia que dá para se chegar ao alto ou pela escada ou por uma cana de bambu ou por uma corda. Deus não é simplesmente alto em relação à habitação no lugar de cima, mas alto em santidade. E para chegar a ele, deve ser santo segundo apenas a uma confissão de fé, pois há caminhos que comportam apenas uma via.

O asceta parece ter inspirado rastafaris e outros que ao renomear Deus (Brahma, Jah Alá, Deus, Tupã) vislumbram a aparição de um escudo para proteger da retirada da identidade cultural de um povo que os fundamentos do cristianismo podem aniquilar. Observe que, tanto no episódio que Jesus Cristo – que em Sicar, uma cidade Samaritana, Jesus considera que os povos têm seus traços culturais positivos e que precisam ser preservados, pois bebe

num recipiente Samaritano sem o considerá-lo imundo, assim como considerava os judeus, pois viam os samaritanos como negligentes na questão da ablução – como na história de Sadu Sundar Singh há preservação dos traços culturais dos povos. O verbete identidade cultural, cunhado por Teixeira Coelho, considera os ritos profanos como extensão dos núcleos tradição oral e religião. Profano é o que é realizado "fora do templo", sendo assim, de fato uma extensão, pois a transgressão da lei é uma extensão da lei, pois não se cometeria pecado se não fosse a existência da lei (Rm 7:7) e também por que, tanto o templo de Deus como o local que se opõe a ele comporta as formas e/ou expressões culturais, como música, dança e ritos (no templo, são definidos como louvor a Deus e no profano, louvor a si) não sendo equivalentes por isso. Contudo, o próprio conceito identidade cultural traz o que é e o que não é profano, entendendo que o primeiro apanágio é ruim, e o segundo, bom por estar dentro, não fora, do templo, não o feito por mãos, mas o santuário de Deus(1 Cr17:4-6):, que não comporta ou suporta um nome contraditório. Se Brahma significa Deus da graça, não é um Deus que predetermina alguns para a miséria em vida secular. Se Alá significa o Clemente, o Misericordioso e Rei do Dia do Juízo, irá inclusive julgar os islâmicos que não são misericordiosos e clementes. Jah significa Deus na partícula final de "Hallelujah" - Hallel " glorificações" e U significa a preposição "a". Portanto, a etimologia das citadas nomeações remete a um conceito correto, mas que as atitudes também preserve esse conceito para que não evoquem um Deus que não encontrará coerência entre a forma de os povos O evocarem e os Seus mandamentos. Este comportamento não deve ser entendido como descaracterização da identidade cultural, mas o deslocamento de um elemento do subconjunto intitulado "profano" para o subconjunto "sacro"(Deus quer que o primeiro subconjunto se esvazie e que o segundo seja cheio).

Folheando o imaginário “Receituário de Caricaturas” ou outro nome que queiram dar ao guia satânico para criação de religiões e/ou contrafações, verificaremos que há inúmeras vertentes, mas com um olhar prudente, concluiremos que são semelhantes. Para melhor visibilidade, dando continuidade às referências anteriores, prossigo na descrição o "Tomo Oriental" desse manual: Seicho-No-Iê (cujo fundador japonês Massaharu Tanigushi, que

combina Xintoísmo(religião japonesa anterior ao Budismo), Budismo e Cristianismo); Ramatis (calcada no desempenho perispiritual do Indochinês Ramatis [séc. X], não se apresenta como Espiritismo propriamente dito por adornarem-no com uma algaravia que mescla magnetismo, astrologia, clarividência, psicometria, radiestesia e assuntos quirológicos , sendo outra versão de racionalismo cristão, concebendo-o como um " admirável ensejo de renovação espiritual sob o Código Moral do Evangelho de Jesus" e, por isso, camuflando-o); Igreja Messiânica (apresentando relação com alquibla islâmica e a percepção da matrix ilusória ao cultivar o fetichismo considerando um objeto [Ohikari] como o Sagrado Ponto Focal, além de considerar, bem como outras seitas, que o Messias é outro [Mokiti Okada – Meishu Sama] mesmo que este tenha dito, sobre ser ele ser o Messias o seguinte: 'Não digo nem que sou nem que não sou' sem chamar a responsabilidade para si, diferente de Jesus); Taoísmo (considerado sistema Filosófico[LaoTsé - 550 a.C] e sistema religioso [Tchuang-tseu - no século II.], propaga o equilíbrio entre as forças do bem e o mal, parecido com o Maniqueísmo no que concerne a forças opostas em igualdade de poder. LaoTsé escreveu: “Antes do céu e da terra existirem, havia algo nebuloso... Eu não sei o seu nome, e eu o chamo de Tao.” .Se não sabia, poderia simplesmente chamar de Princípio-meio-fim, (não pelo nome arbitrário Tao). Para não somente me restringir ao "Tomo Oriental" dessa bíblia satânica, me remeto à África, triste por ver pigmeus da África Equatorial cantando ao Arco íris, ou os Denka, do Baixo Nilo, achando que o Sol e Lua são criaturas que nascem, crescem e morrem todos os dias; ou para a Oceania, cujo os povos da Polinésia dirigem prece ao Sol ao invés de orarem a quem o criou; ou América do Norte, como um percentual majoritário de Cristãos por ter sido colonizada por Protestantes de fato cristãos acossados pela perseguição religiosa da Europa, acolhe em Los Angeles Witness Lee que traz a versão mântica e delimitada territorialmente de um pseudo-cristianismo e berço de um pentecostalismo que enfatiza, como Montano, a figura do Espírito Santo ofuscando as outras pessoas da Trindade (Pai e Filho) alegando que o ES realiza poderes mágicos sem propósito, fornece dons extáticos de línguas" e revelações proféticas, falsas curas, risos, urros...

E agora, amados leitores, eis que vos apresento a pior das caricaturas do inimigo, que são as

falsas igrejas cristãs, que arrebanham incautos porque são liderados por falsos profetas, lobos em peles de cordeiros, muitos oriundos das metodologias extáticas do Norte dos EUA, cujas distorções das escrituras com falsas promessas de bem estar, deturpando tudo o que cristo nos ensinou, com artimanhas e estratégias diversas para camuflar o evangelho e assim enganar ainda mais, permitindo que haja em nosso mundo, ou país, ou Estado, ou cidade, ou bairro, uma membresia eclesiástica esquizofrênica, e igreja doente é igual a sociedade doente!!!

Amados leitores! Observem que miscelânea é “ Receituário Caricatural”, cujo autor é o derrotado caricaturista mor. Suas receitas e caricaturas foram praticamente implantadas em todas as modalidades no Brasil, país que se destaca por assimilar os diversos ramos do Conjunto Cultura e praticando da melhor forma. Mas não basta praticar bem, deve-se o bem praticar. Esse livro é mais do que uma exposição de fatos, mas também a busca das soluções à luz do Espírito

Santo. Tomo a liberdade de trazer a lume um alvitre para o suplemento da obra de Deus aqui no Brasil em prosseguimento à contribuição de José Manoel da Conceição, Ashbeel Green Simonton, Wilhan B. Bagby, Robert Reid Kalley, Foutain E. Pits, os outros cristãos verdadeiros (muitos vindos dos EUA [quero afirmar que de lá não vem só influência ruim]), sem querer arvorar a bandeira de denominação nenhuma, mas realçando o compromisso da pregação genuína da sã doutrina, da Palavra de Deus !!!

Eles nos ensinaram a andar ou, para estar em consonância com os dizeres bíblicos, ensinaram a limpar o interior do copo. Afirmo que Jesus não disse para que cuidemos apenas do exterior, mas que primeiro cuidemos do interior. E eles nos ensinaram como ninguém a fazê-lo. Como aluno aprendi, mas insisto que culturalmente, apesar de eu considerar a cultura suplemento, a questão social um complemento e a questão espiritual o principal. Sendo a nossa religião considerada a ajuda a órfãos, percebe-se que os três aspectos se amalgamam. O homem se vê órfão da cultura, do aspecto social e já nasce sequioso da espiritualidade. Haja vista que o diabo investe tanto nessas áreas, ou realizando obras sociais e divulgando-as com alarde, ou se apoderando indevidamente da autoria das artes, ou inventando religiões. Por

isso que convido aos brasileiros a cuidarem do "copo" por inteiro, não só do interior, mas também do exterior com prudência e argúcia.

Veja os Espíritas e Católicos Apostólicos Romanos, o que fizeram para tomar conta do Brasil. Saltando do “Receituário” do caricaturista mor, ambas receitas caricaturais se aliaram, não somente a partir da associação dos Orixás com os Santos Católicos, mas por se apresentar com diversas facetas, arregimentando e recrutando os brasileiros de acordo com a classe social, regionalismo, personalidade e nível intelectual. Tenho que reconhecer o caricaturista mor utilizou uma estratégia e tanto. Olhe os alicerces: pais de santo como os verdadeiros consultores dos brasileiros, versando sobre todos os assuntos; laudêmio, o imposto devido apenas a Igreja Católica Apostólica Romana do Brasil; médiuns e videntes responsáveis pela logística da Imprensa Brasileira (o Pr. Jurandir Ferreira, ex-pai de santo, ex-bruxo e ex-adepto do vudismo, diz que dramaturgos famosos fazem trabalhos em devoção a orixás para que uma novela venha a ter sucesso e adesão do grande público); posse dos nossos meninos dos morros e favelas recrutando-os para o Tráfico de Drogas Ilícitas que não somente matam e perdem sua infância, mas têm a obrigação de mandar uma alma para o inferno de acordo com o que determina o Exu (nas religiões afro – Umbanda, Quibanda e Candomblé – o Exu é o diabo) que os comanda, como o personagem Tutuca do livro Cidade de Deus, bem como a necessidade de ser uma morte com requintes de crueldade; os santos construídos em nichos nos morros e favelas; o "sinal da cruz" (segundo o Pr. (Jurandir Ferreira, o “sinal da besta”) feito supersticiosamente o tempo todo pelas pessoas do bem, pelas pessoas do mal... Será que a solução seria a destruição de todos os imóveis destinados as Igrejas e Centros de Macumba e Espiritismo? Vamos com calma!

Lembre-se dos Talibãs que destruíram com insensatez as estátuas do Buda, no Afeganistão. É sábio compará-los a Gideão quando quebrou a estátua de Baal(Jz 6:25-32)? Em absoluto. Aquelas obras deveriam ser preservadas por serem consideradas patrimônio da humanidade. Esse sentimento comprova que um objeto, quando não cultuado, pode ser deslocado para um museu, que são os seus lugares devidos, pois sempre que vamos a uma

exposição e vamos uma belíssima escultura, como a de Santo Estevão, do escultor Rodolfo Bernardelli que se encontra no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro. Quando a visitamos nesse museu, não nos curvamos perante ela em adoração, mas a admiramos como obra de arte.

Não cometamos a insensatez de pregar um cristianismo que quebre insensatamente as imagens dos santos ou zombe de despachos nas esquinas das ruas, mesmo que seja um erro essas práticas. Confesso que já o fiz, em tempo de ignorância, cujos objetos pertenciam a parentes meus. Mas isso é uma atitude totalmente prepotente, Lembremos que o Arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo sobre o corpo de Moisés(Jd 1:9), não dirigiu o caricaturista juízo difamatório, mas disse: o "Senhor te repreenda". É Ele que faz a obra. E, para que sejamos os seus co-operadores nessa obra, claro que não devemos nos conformar com o mal, nos omitindo, iludidos pelo diabo que quer dizer que ecumenismo é o mesmo que sincretismo. Que não aceitemos isso nunca. Sejam, entretanto, prudentes. O que é ser prudente? Capacidade de distinguir aquilo que convém ou não!

Quando compramos um imóvel que tenha sido posse de uma Agremiação Espírita ou Católica Apostólica Romana, é inteligente quebrar todos os tijolos por ter sido ela, outrora, templo dedicado a vários deuses, santos e orixás que não seja Jesus Cristo? Não. Os tijolos serão úteis. Temos que tomar o cuidado de não rechaçar, junto com o mal, o bem. Não devemos incinerar a plantação de joio e trigo, acabando com tudo, mas separar o joio do trigo. Desloquemos as imagens para os museus. Aprendamos com o senso esteta dos macumbeiros, que usufruem a arte africana e brasileira sem restrições. Assim os tradicionais deveriam se espelhar nos pentecostais, que souberam muito bem dialogar com essa brasilidade, apesar de enxertarem a cultura antepondo ao lugar de Deus, que é o que faz, a priori, a renovação em uso da cultura autóctone. Digo isso por que uma Igreja Nacional não é simplesmente aquele que executa, nos cultos, louvores em forma de forró e samba. Cultura é suplemento. Ademais, brasilidade é o mesmo que saber praticar tudo da melhor maneira. Que pratiquemos tudo o que for bom segundo o nosso Deus, e da melhor maneira.

Uma concepção de Igreja nacional/universal é entendida no próprio Senhor Jesus Cristo. Uma Igreja que, como Jesus, imbrigue em si os sentidos antropológicos e o sociológico através do amor a Deus e ao próximo. Ao mesmo tempo em que Cristo tem sede(Jo 4:7) e fome (Lc

24:41), também sacia(Jo 4:14 e 6:51). Ele é homem. Ele é Deus. Eternamente novo e vivo. Não apenas pertencente à era de Peixes, como querem os adeptos do movimento New Age, mas de todas as eras que na verdade se resume numa só: a era Cristã. A chamada "Nova Era" é simplesmente uma nova versão da velha e renitente pretensão de Satanás (eternamente velho e morto) de querer ser igual ou superior a Deus, tentando nos separar do amor dEle que está em Jesus Cristo. Só que nada vai nos separar!

Capítulo V

Oswald de Andrade, quando funda o movimento "Antropofágico", a partir do quadro de Tarsila do Amaral (batizado por ele e Raul Bopp de 'Abaporu' – aba = homem; poru = que come) demonstra que o brasileirismo é afirmado por saber deglutir as culturas dos povos e praticá-las da melhor maneira. Jesus (leia-se a sua palavra) é que deve ser deglutido ou, como o diriam os antigos que recomendavam os seus filhos para que "devorassem os livros", deve também ser "devorado" (Jo 6:55). Quando isso ocorre, tudo flui com mais naturalidade. Só assim o brasileiro perceberá que suas atividades, obras, projetos e realizações sejam elas com ou sem êxito , não serão apenas uma forma de perpetuar sua espécie ao deixarem seus nomes estampados nos anais da história ou simplesmente preparar caminho para as gerações posteriores. O conhecimento da cultura alheia acrescenta e inspira para movimentos que cabem na nossa realidade, como foi o caso da Independência dos EUA que inspirou a Inconfidência Mineira, ou o Futurismo de Filippo Tommaso Marinetti que inspirou Mário de Andrade. Mas o conhecimento de Jesus dá vida, permitindo assim que as realizações – sejam elas reformistas, beneficentes, culturais etc. – em vida presente sejam a propedêutica para a vida eterna. Peneiremos os pontos negativos das "fontes de inspiração" contidas na cultura de outros países . Retenhamos apenas o que for bom. Ademais, quando entregamos na mão do Senhor os problemas, os projetos (culturais ou sociais) e as transformações, nós permitimos que eles aconteçam como mais naturalidade. Temos que tomar o devido cuidado ao ir ao exterior para captar novidades e instaurar em nosso país, pois esse ato pode ser um exemplo de precipitação e/ou desacordo com que Deus quer para a nossa cultura. Quando ele falar “vai”, então vamos. Se houver silêncio, permaneçamos até que ouçamos a sua voz.

Perceba o que está estampado em nossa bandeira: "Ordem e Progresso", um lema do

positivismo concebido por August Comte, determinando um avanço cego e metodológico, sem vistas à metafísica, à filosofia e a tudo que é sobrenatural (sendo Deus acabando por se incluir nessa concepção). Ora, lembre-se do empreendedor Henry Ford(1863-1947), que quis extrair exaustivamente a borracha da Floresta Amazônica, racionalizando o extrativismo das seringueiras como se a Floresta Amazônica fosse uma de suas fábricas de automóveis das Ford Motor Company. Foi impedido por uma praga da própria floresta. A própria natureza de um país detém medidas que não são adequadas à nação. Por que "Ordem"? Por que "Progresso"? Será que a ordem positivista, na qual não há valores espirituais ou "metafísicos" são adequados ao Brasil? Será que o "progresso concebido naturalisticamente quer nos meios, quer nos fins, visando um bem-estar material" é um progresso para o bem do Brasil? Isso jamais se adequará a realidade do nosso país.

Façamos também uma autocrítica, ó protestantes, se pensam que se Maurício Nassau não fosse rechaçado, Brasil seria muito melhor? Decerto que Nassau vivia cercado de cristãos, artistas e intelectuais que, de fato, foram úteis para o aprimoramento de Recife, construindo uma Cidade Maurícia de botar inveja a muita cidade fundada por portugueses! Mas...o que dizer das amistosas relações entre a aristocracia canavieira e os holandeses, visto que a Companhia das Índias Ocidentais nomeou Nassau governador do Brasil holandês (Recife) e assegurou o tráfico de escravos para aquela região ao ocupar, segundo o historiador Francisco de Assis Silva, "várias regiões africanas fornecedoras de escravos como por exemplo, São Jorge de Minas, a Ilha de São Tomé, na Guiné, e São Paulo de Loanda, em Angola". Católicos e Protestantes unidos – e logo no meu Brasil – pela escravidão. Unidos pela racionalização do desenvolvimentismo do Brasil. Obrigado, Senhor, por eu não ter que obrigatoriamente ter que me intitular Católico Apostólico Romano ou Protestante atualmente para seguí-lo! Segundo Lutero, o que mostrou o que é de fato ser católico ou protestar de verdade advertiu a todos a não seguirem-no, mas terem Cristo como alvo, assim como Paulo fez (Fp 3:14).

Recorro a John Stuart Mill quando ele diz que para cada Estado cabe instituição adequada segundo a realidade das respectivas nações. Medidas, soluções a aplicações que derem certo em outros países só terão eficácia se a realidade do país autóctone não resistir a tais implantes, como por exemplo o que aconteceu com Ford que se frustrou ao racionalizar a

extração da madeira da floresta Amazônica, enfrentando a resistência desta. Por isso que seja qual for a reforma implantada no Brasil, a realidade desse país deve ser respeitada, para que não haja frustração.

Mas imprescindível mesmo são os princípios da reforma que será implantada, que são, como já diziam os reformadores, "uma Igreja, uma escola". Eu acrescento: "Uma igreja, uma escola, um fomento cultural", como se eu estivesse dizendo o seguinte: a principal sede deve ser saciada, que a sede pela água viva (Cristo); mas as outras sedes, desde que sejam para saciar a carne, também devem ser saciadas, pois representam o mínimo e indispensável para o desenvolvimento, parodiando a música cantada por Arnaldo Antunes, ex-vocalista do grupo de rock brasileiro Titãs, um grupo que já errou cantando que "não gosta de padre, não gosta de missa..." mas acertou em enumerar – pelo menos num trecho da música – diversas "sedes". Alguns devem estar escandalizados por eu ter mencionado um compositor secular – Arnaldo Antunes – para falar dos planos declarados de Deus. Devem também se escandalizar quando Paulo cita Epimênides, Cleanto e Arato, escritores gregos (At 17:28). Deus usa quem ele quer, até uma jumenta, para alertar a humanidade. Não quero enaltecer as obras feitas por pessoas que não sejam cristãs. Pretendo apenas alertar que "as pedras estão clamando"! Resolver o problema da fome física e espiritual é tarefa da Casa de Deus. Se se constrói uma igreja, naturalmente deve ser praticado todo o tipo de ações: a espiritual, a social, a cultural e a educacional (não é teologia da libertação, pois a questão espiritual, a meu ver, é mais importante do que a questão social, embora andem sempre juntas – "...a Fé sem obras é inútil" Tg 2: 20). Jesus alimenta não só com a palavra de Deus, mas como pães e peixes (Mt 14:17-21 e Mt 15:32-39). Jesus não só caminha para a morte, mas caminha para a morte cantando um hino para o monte das oliveiras (Mc 14:26). Jesus não apenas prega o evangelho, mas ensina nas sinagogas (Mt 4:23)! Jesus sacia as quatro sedes: espiritual, social, cultural e educacional. E fará isso aqui na nossa pátria, usando a Igreja dele do Brasil! E não vai ser negligência, preconceito elitista de uma minoria que está ocupando os cargos de direção eclesiástica, falta de organização, preguiça, chocarrice, lubricidade, violência, paganismo, espiritismo, macumba, criminalidade, baderna, deturpação, corrupção, discriminação racial camuflada, hipocrisia, catolicismo apostólico idólatra romano, corporativismo, superstição, egoísmo, homossexualIDADE, desleixo por parte do governo em dar educação para o povo, extorsão, falsos profetas, ausência de reforma agrária,

nepotismo, falta de oportunidade do mercado de trabalho, vandalismo, queima dos índios, índios matando os filhos quando nascem com problemas congênitos, tráfico de drogas e o diabo que vão impedir!

Meu maior sonho é que o lema positivista “ordem e progresso” escrito em nossa bandeira fosse substituído, pelo menos no imaginário coletivo, pela expressão bíblica “ordem e decência” (1 Co 14:40). Não quero pregar um chauvinismo ou um ufanismo ingênuo, como o personagem Policarpo Quaresma de Lima Barreto, mas quero, ao invés de cantar "pátria amada, idolatrada, salve, salve!" como o do nosso hino Osório Duque Estrada, gritar "pátria amada, abençoada, salva, salva"!

Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor (Sl 33:12)! Glória, pois, a Ele! Glória a Deus!

Bibliografia

BENASSE, Paulo Roberto. Dicionário Jurídico de Bolso. Campinas, Ed. Bookseller, 2000.

Bíblia Sagrada (traduzida por João Ferreira, de Almeida de Estudo de Genebra e Sheed).

BRODIE, Fawn M. A Vida de Joseph Smith.

CASTRO, Gilda de – “Professor submisso, aluno cliente” – DP&A Editora – Rio de Janeiro – 2003.

CLARK, Walter, PRIOLLI, Gabriel – “O Campeão de audiência” – Editora Best Seller – São Paulo – 1991.

COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural. São Paulo. Ed. Iluminuras LTDA., 1997.

CONANT, James Bryant . Dois modos de Pensar. São Paulo. Ed. Nacional e Ed. da USP, 1968.

CUNHA, Paes da – O Monumento Musical de Chopin – Livraria-AGIR-Editora – 1947.

DAMATTA, Roberto. Relativizando - Uma introdução à antropologia social. Rio do Janeiro. Ed. Rocco., 1987.

DESCARTES, René. Discurso do método / Regras para a direção do espírito. São Paulo. Ed. Martin Claret., 2003.

Enciclopédia "Os Pensadores". São Paulo, Ed. Abril, 1975/Ed. Victor Civita.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. O Dicionário da Língua Portuguesa – Sec XXI . Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1999.

FIGUEREDO, Joaquim Gervásio . Dicionário de Maçonaria – seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história. São Paulo. Ed. Pensamento., 1964.

FOX, Emmet. . O Sermão da Montanha. Rio de Janeiro. Ed. Record. 1934.

GEISLER, Norman L. & FEINBERG, Paul D. Introdução à filosofia – uma perspectiva cristã . São Paulo. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova. 2000.

GEORGE, Timothy – Teologia dos Reformadores. São Paulo. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1994.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural – Ed. Nova Cultural Ltda. – 1998.

GUZLEY, Tim; HART, Mary; SILVERMAN, Raïssa & SOLBERG, Sara. – Depois de Jesus. Rio de Janeiro. Reader's Digest Brasil Ltda. 1999

HORTA, Luiz Paulo – Sete Noites com os Clássicos – Jorge Zahar Editor Ltda – Rio de Janeiro – 2000.

INABA, Barryl S. & COHEN, William E. Drogas – Estimulantes Depressores Alucinógenos / Efeitos Físicos e Mentais das Drogas Psicoativas. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1991.

JR., Herculano Gouvêa. Lições de Retórica Sagrada – Pregação ao alcance de todos, técnicas do preparo de sermões, esboços e sugestões de mensagens bíblicas . São Paulo, Ed. Campinas, 1974.

LINS, Paulo . Cidade de Deus. São Paulo. Ed. Companhia das Letras. 2002.

MELLO, Luiz Gonzaga . Antropologia Cultural. Petrópolis. Ed. Vozes. 1982

MORIN, Edgar – Para Sair do Sec. XX . Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1986.

NASCIMENTO, Adão Carlos . Curso para Catecúmenos. São Paulo Socep – Sociedade Cristã Evangélica de Publicações, 1995.

NICOLA, José de. Literatura Brasileira. São Paulo, Ed. Scipione, 1993.

PAZZINATO, Alceu Luiz & SENISE Maria Helena Valente. História Moderna e Contemporânea São Paulo, Ed. Ática, 1997.

PENTON, M. James. Apocalipse Adiado.

Revista Jurídica CONSULEX, ano VII – Nº 108, 150, 164. Ed CONSULEX.

SILVA, Francisco de Assis . História do Brasil. São Paulo. Ed. Moderna.

SILVA, Saulo José, FIALHO, Valéria Diniz Toledo & NUNES, Paulo César – Seitas e Religiões - Revista do Aluno . São Paulo. Ed. Cultura Cristã, 1998.

SCHARF, Aaron & outros . Conceitos da Arte Moderna. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor 1991. Textos Sacros – As Grandes Religiões. São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1973.

VIEIRA, Padre Antônio. Sermões – Volume XIV . São Paulo, Ed. das Américas, 1958.

YUGI, Carlos Seino - coluna do portal www.7tacas.com.br

ZOLA, Emile. O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1982.

ARANTES, Antônio Augusto. O que é Cultura Popular. Coleção Primeiros Passos, São Paulo, Editora Brasiliense, 14ª ed., 1990.

Bíblia Sagrada (traduzida por João Ferreira de Almeida, de Estudo de Genebra).

BAITELLO JR., N. O animal que parou os relógios. São Paulo: Annablume, 1997.

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas. São Paulo: Edusp, 1998.

CESAR, Waldo A.; SHAULL, Richard; BORDA, Orlando Fals & SOUZA, Beatriz Muniz de. Protestantismo e Imperialismo na América Latina. Petrópolis. Ed. Vozes, 1968.

CESNIK, Fábio de Sá. Guia do Incentivo à Cultura. Barueri. Ed. Manole LTDA., 2002.

COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural. São Paulo. Ed. Iluminuras Ltda., 1997.

Enciclopédia "Os Pensadores". São Paulo, Ed. Abril, 1975/Ed. Victor Civita.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. O Dicionário da Língua Portuguesa – Sec XXI. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1999.

ISAACSON, Walter. Steve Jobs: A Biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JAKOBSON, Roman. Lingüística e comunicação (trad. I.Blinkstein e José P. Paes). São Paulo: Cultrix, 1971.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura – Um conceito antropológico. Rio do Janeiro. Jorge Zahar Editor Ltda., 1989.

MELLO, Luiz Gonzaga. Antropologia Cultural. Petrópolis. Ed. Vozes. 1982.

NEVES, Itamir Comentário Bíblico de João através da Bíblia. São Paulo, Ed. Rideel, 2012

ROCHA, Everardo P. Guimarães. O que é etnocentrismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.